

REVISTA

DA SEMANA

Co
pr



VOOS DIÁRIOS PARA O NORTE

em SUPER
CONSTELLATION DE LUXO
ou CONVAIR



Segundas e Quintas às 20:00 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - RECIFE - FORTALEZA
Terças e Sextas às 18:30 hs.	SUPER CONSTELLATION RIO - BELÉM
Segundas, Quartas e Sextas às 12:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - ARACAJU
Terças e Sextas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - MACEIÓ - RECIFE - JOÃO PESSOA - NATAL
Quartas às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Quintas às 14:00 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR
Sábados às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - FORTALEZA - SÃO LUIZ - BELÉM
Domingos às 8:40 hs.	CONVAIR RIO - SALVADOR - RECIFE - NATAL - FORTALEZA

VARIG prop

Serviço de mais alta classe * Almoço e jantar quentes a bordo



...e a
tradicional
cortezia

VARIG



REVISTA DA SEMANA

Ano 58 — Nº 47 — Rio, 29-11-1958

PROPRIEDADE DA COMPANHIA EDITORA AMERICANA

CAPA

Mylène Demongeot (Ektachrome Uni-France)

REPORTAGENS

Corção fura tumor	5
Silveira Sampaio responde a 18 perguntas	16
Adornos de penas para as comemorações de vida e morte	23
Macaíba: as lembranças	32
Orquídeas vieram na primavera	44
Contra-Operação Poeira	46
Duas rosas ao peito expressaram confraternização	60

CINEMA

Mylène Demongeot	10
------------------------	----

SOCIAIS

Kaleidoscópio	20
As verdades de Mariazinha Maranguape	59

NOVELA

Os Galhos do Cedro	28
--------------------------	----

MODAS

Femininas	36
-----------------	----

CONTO

O Brasileiro	40
--------------------	----

TEATRO

Luta até ao Amanhecer	48
-----------------------------	----

POLÍTICA

Trapézio	52
----------------	----

A COMÉDIA HUMANA

A Propósito de... Ballet	54
--------------------------------	----

SEÇÕES

A Revista há cinquenta anos	26
Literatura e Arte	38
Palavras Cruzadas	51
Humor (Mauro Ivan)	58
A Semana também deixou estas lembranças	64

Diretor-Presidente: Gratuliano Brito. — Rua Visconde de Maranguape nº 15, Rio. Enderêço Telegráfico: «Revista». Telefones: Diretoria — 22-2622; Redação — 22-9570 e 22-4447; Publicidade e Contabilidade — 22-2550; Gerência — 22-8647; Oficinas — 22-1013; Portaria — 22-5602. — Assinatura anual — Cr\$ 500,00. Via aérea com acréscimo do porte. Assinatura anual para o exterior. Cr\$ 900,00. Número avulso, Cr\$ 10,00 — Distribuição para todo o Brasil: Fernando Chinglia Distribuidora, S. A. — Avenida Presidente Vargas nº 502 — 19º andar. Telefones: 43-6097 e 32-3575. Rio de Janeiro

FAZEMOS QUESTÃO fechada de apresentar, na capa do número desta semana, a feitiçíssima Mylène Demongeot, que foi virgem entre as de Salém, no cinema. Atualmente é a grande rival de BB em matéria de espetacularidades femininas nascidas em França.



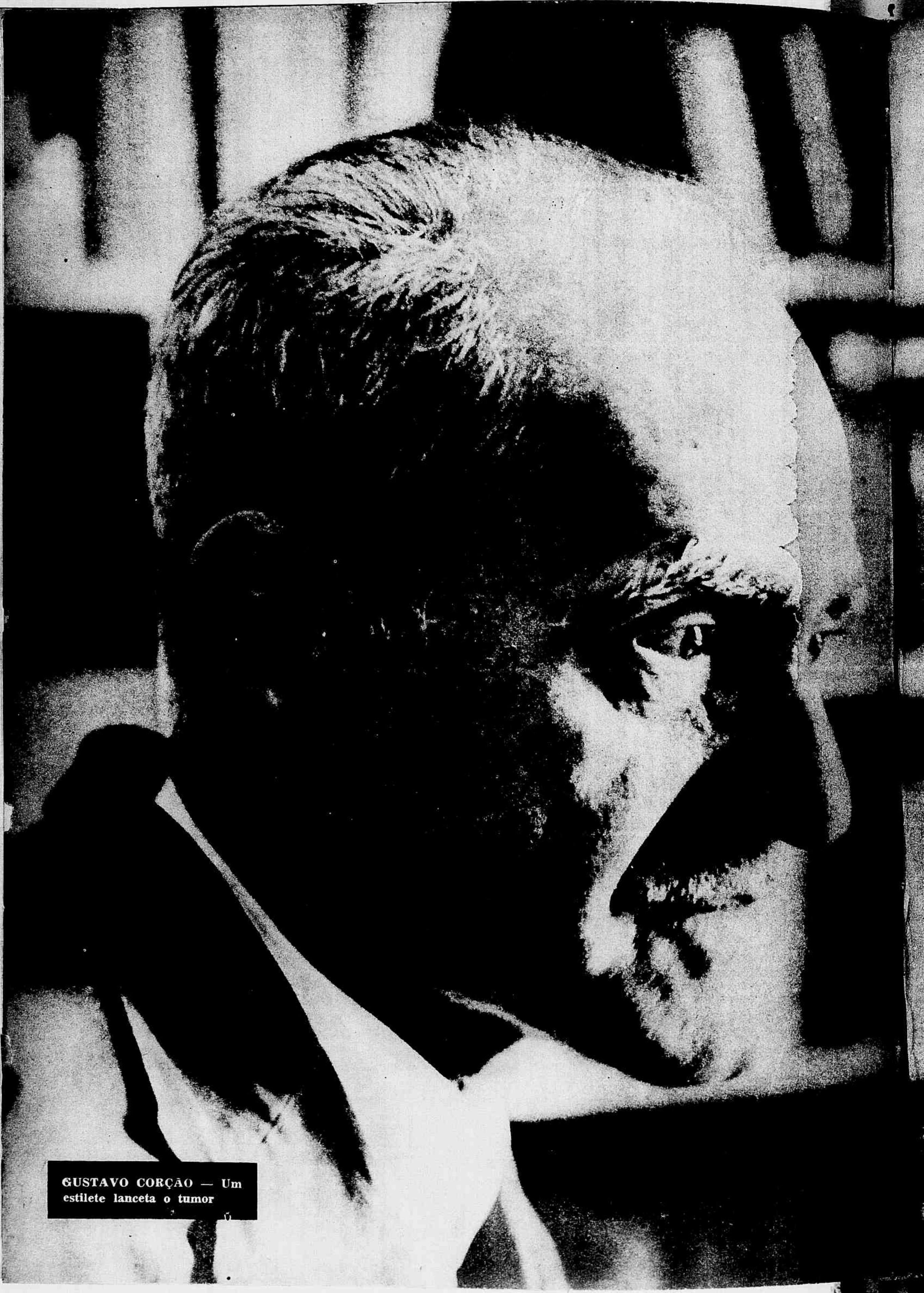
CONTATO

ENTREVISTADO por Maurício Caminha de Lacerda, o grande romancista católico Gustavo Corção dá, à REVISTA DA SEMANA, em "Corção Fura Tumor", o seu depoimento a respeito da situação em que se encontra a família brasileira, e, principalmente, a nossa juventude. Com agudeza e profundidade, analisa o escritor as causas do sério problema que o mundo atravessa, detendo-se muito particularmente na situação brasileira, e aponta soluções que poderiam ser utilizadas para resolver a terrível crise.

O Golden-Room do Copacabana Palace foi, na última semana, cenário de um espetáculo diferente: o do Congresso Interamericano de Municípios. Em vez de cantoras francesas e músicas à meia-luz, tivemos sisudos prefeitos das diversas cidades do continente americano, a apresentar massudas teses sobre desenvolvimentos físicos de áreas, problemas de exploração da terra, imigração, autonomia e finanças. Representantes dos Estados Unidos, das pequenas repúblicas da América Central e dos países da América do Sul lá compareceram e ficaram lado a lado, irmanamente, debatendo questões que, postas em prática, representarão expressivo avanço e melhoria na exploração e distribuição das riquezas do continente.

PROSSEGUE Renard Perez, em "Macaíba": as lembranças", a sua lírica rememoração da infância, iniciada em nosso último número; e Eneida, na reportagem "Adorno de penas para as comemorações da vida e da morte", fala-nos sobre o belo livro de Darcy Ribeiro a respeito dos índios Kaapor — livro que acaba de ser premiado pela Academia Brasileira e que será lançado, brevemente, por uma editora americana.

OUTRAS matérias do presente número para que chamamos a atenção do leitor: "Luta até o Amanhecer", reportagem sobre a bela peça de Ugo Betti, com que o "Teatro de Hoje" iniciou as suas atividades no "Teatrinho do Leme"; "Orquídeas vieram na primavera e encontraram verão" — trabalho a respeito da exposição recentemente realizada no "Automóvel Clube"; "Lapa dá seu grito de guerra contra a poeira provocada pelo desmonte do morro de Santo Antônio. E, finalmente, em "A Semana deixou também essas lembranças", a notícia que entristeceu o mundo, no último domingo; a morte do famoso ator cinematográfico Tyrone Power, em Madrid, durante as filmagens de seu último filme "Salomão e a rainha de Sabá".



GUSTAVO CORÇÃO — Um
estilete lanceta o tumor

CORÇÃO FURA TUMOR :

- COMO VAI A FAMÍLIA ? VAI INDO MUITO MAL

MAURÍCIO CAMINHA DE LACERDA

"OS PAIS DE HOJE, em grande parte, não têm autoridade, não têm coragem de ter autoridade ou têm preguiça de ter autoridade. Ou então já não sabem que devem dar contas aos homens e a Deus dos filhos que criaram."

Quem o diz é o sr. Gustavo Corção; e reclina-se diante de mim em sua mesa de trabalho, espécie de ilhota de carpintaria a emergir de um oceano de livros, estatuetas, imagens, papéis, retratos e relíquias (há até uma foto de Claude Rains) que impregnaram de gravidade desusada o pequeno escritório onde uma porta e uma só janela recortam imutáveis fatias de paisagem. "E o pior", acrescenta enquanto meio distraidamente gira entre as mãos ossudas um estilete como se com ele estivesse prestes a lancetar um tumor, "o pior é que muitos desses pais transmitem aos filhos os padrões que usam nos negócios e na política. E essa lição é facilmente recebida". Ao que vem a conversa? Vem a propósito da crise da juventude, que mergulha este País no alarme e os moços num charco. Que diabo de crise é essa? Decorre da crise geral, da crise de caráter. Gustavo Corção explica: "Acho que existe realmente crise mais ampla, mais geral, que poderíamos chamar de espiritualidade ou de concepção geral de vida e do mundo. Dentro desta, existe uma crise de comportamento ético, uma crise moral; e em seu interior, mais particularmente, uma crise de autoridade". E o que tem uma coisa com a outra, a crise de autoridade com a outra crise que se reflete tão poderosamente na juventude, que se **americaniza** seduzida (por felicidade, não tôda) pelos sonhos frívolos, pelos concursos de misses, os crimes sexuais, as bravatas, e enriquecimento fácil, o **café-society**?

Vejam: "A mesma crise de autoridade estende-se à família e tem conseqüências terríveis, que todos vêem, que muitos pensam não apresentar relação com a crise de autoridade política. Engano. No mundo do homem, tôdas as coisas estão interligadas. Uma sociedade é o que são suas famílias. Reciprocamente, as famílias tornam-se naquilo que é a sociedade. Há uma interação entre ambas as coisas. O veterano da política (a má política) destila e atinge a instituição familiar. Mas não é esse — o da composição das famílias — o único perigo para a sociedade. Há o perigo oposto, que é o das famílias que se isolam da cidade pelas muralhas da injustiça e do privilégio e que assim se fazem inimigas da sociedade. Serão células ainda; mas células cancerosas. A sociedade brasileira oferece em nossos dias abundantes exem-

CORÇÃO FURA TUMOR (Continuação)



SIMBOLISMO NO ESCRITÓRIO — O mundo também tem sua cruz.



GERAÇÃO CONDENADA — Na rua, a estrada...

plos dos dois casos opostos: temos famílias informes, delinquentes, desregradas; e temos também as chamadas boas famílias, as das classes dirigentes, onde mais se prepara o privilégio, o pistolão, o abuso de prestígio, do que o fermento da justiça. Nossas classes dirigentes dão a prova da injustiça. Impregnadas da moral burguesa, fazem da posição social, que devia ser um potencial de serviço, uma fonte de vantagens e privilégios".

Trecho de diálogo:

Repórter — Quer dizer que tudo isso perturba e avilta os jovens?

Corção — Evidente. Ainda não há muito, viu-se que a família da Presidência da República se expôs tranqüilamente, sem o menor resguardo das aparências, como exemplo de eminente e escandalosa injustiça. Foi empossado no cartório do 23.º ofício o jovem M.B., com vinte anos de idade e que começou em 1957 o seu curso de Direito. Tomou posse do cargo em solenidade realizada no gabinete do corregedor da Justiça, o qual corregedor alegou que não lhe competia analisar os títulos do pretendente. Faço a análise: o título principal desse moço é o seguinte — noivo de uma sobrinha da esposa do presidente da República. Em go-

vernos anteriores, viram-se abusos gerados pelas interferências familiares e pela pressão do mundo feminino. Mas o contemplado na tómbola dos prestígios tinha ao menos um título mais conciso: era genro-do-ditador. Esse agora é menos do que genro pois nem sequer é casado. E recebe duzentos mil cruzeiros mensais. Em nossa escala — escala de professor — um profissional bem sucedido, apontado por sua competência, honrosamente convidado para lecionar na Escola Técnica do Exército, ganha no fim da carreira a soma, que nos parece justa, de quinze mil cruzeiros. De onde se conclui que, nesta época, um velho professor vale quatorze vezes menos do que um primeiro anista de Direito, desde que esse primeiro anista seja noivo-de-uma-das-sobrinhas-da-esposa-do-presidente-da-República, título longo no enunciado mas curto no significado.

Repórter — Em face desses exemplos, os jovens de hoje se tornaram piores que os de ontem?

Corção — Eu não o diria assim. Não penso que a juventude atual seja pior do que aquela de quarenta anos atrás. Longe disso. Mas diria que os bons são melhores e os maus, piores. Todavia, acima de tudo, tenho uma pena imensa desses moços jogados na



FICÇÃO DA ÉPOCA — Não basta o pão.

vida e precocemente obrigados a enfrentar a miséria dos tempos.

Uma frase (com o estilete girando outra vez): "Muitos procedem, sim, de boas famílias. Ocorre que as ditas **melhores famílias** são hoje em dia precisamente as piores".

A CASA E A RUA

A conversa aborda os fatores que "conspiram contra a estabilidade da instituição familiar". Entre eles (G.C. aponta os fatores pessoais, que concernem às deficiências dos cônjuges, à imaturidade psíquica e moral dos pais, etc.), estão os fatores sociais que circundam, como ar envenenado, as casas mais sólidas. "Vivemos dentro de uma civilização moribunda", ele fala, "que nos lega instituições cadavéricas, entre as quais, para muita gente, parece estar a instituição familiar". A vida de nossos tempos é caracterizada por uma febricitante mania de agitação, por mobilidade originada de uma efervescência interior, por uma inquietação superficial alimentada para fugir ao confronto da vida por uma espécie de coceira da alma, epidêmica. As pessoas vão e voltam.

Viver é um ir, é um não-ficar, um não-parar. Há quem mais as incite, dizendo que esse movimento constitui sinal de operosidade e até de progresso. Se pudéssemos fazer a análise espectral das almas modernas, encontraríamos, em proporções assustadoras, uma trepidante impaciência e uma desconcertante imprevidência. Enfraquecidas pelos pruridos de impaciência, desarmadas pelos hábitos da imprevidência, as pessoas não toleram a vida branca e monótona e saem a procurar a variedade multicolor, os acontecimentos fugazes, as novidades, os fatos, tudo enfim que permita o esquecimento de si mesmo, a anestesia da alma. Ora, a casa, a casa de família, é o lugar parado, monótono. "É portanto o último lugar do mundo que pode agradar a essa raça de saltitantes. Saem todos. Podemos dizer que o estilo de vida em moda é esse que sacode as pessoas e depois as espalha, as derrama pelas ruas. Se as tentássemos convencer de que a vida é mais intensa e mais intensamente humana quando estamos sentados numa cadeira, dentro de uma sala tranqüila ou de uma cela silenciosa, todos pensaríamos que estávamos a fazer um desses saborosos paradoxos que amenizam os ensaios. No entanto é verdade. Mas verdade esquecida."

CORÇÃO FURA TUMOR (Continuação)

E mais: "Tudo o que antigamente se fazia em casa, faz-se hoje em praça pública. Come-se, bebe-se, ama-se, brinca-se. A rua deixou de ser a coisa intermediária, que a gente percorre para ir de uma casa a outra. Passou a ser o imenso **living-room** da cidade. A casa fica reduzida à função de dormitório. E a desvalorização da casa acarreta a desvalorização da sociedade familiar. Outrora, a casa era o abrigo, era o **pique**, pra onde fugíamos quando as pernas cansavam. Era o lugar onde a alma se dilatava. Hoje, ninguém fica em casa. As mulheres recorrem a um esquema de emancipação e partilham com os homens a interessante vida das repartições públicas. As crianças brincam nos **play-grounds**. As senhoras que não têm obrigação de ponto inventaram um processo complicado de fazer compras, pelo qual estão sempre na rua e se convencem, sinceramente, de defenderem dêsse modo a economia doméstica. De tudo, resulta um incitamento à vida de solteiro. Na sociedade atual, o ideal mais sedutor, mais cômodo, mais interessante, mais divertido e, sobretudo, mais seguro, é o da vida coletivamente solitária. Há mais conforto nos escritórios e nas oficinas do que nas casas em que moram êsses mesmos que trabalham nos ditos escritórios e nas ditas oficinas. Até as moças têm nesses escritórios e nessas oficinas instalações íntimas melhores do que em casa. Tudo é melhor fora de casa. Então para que ter casa? Para que casar? O mundo feminino ainda se obstina em ver no casamento um epílogo feliz, porém aos poucos se irá habituando à idéia dos amôres vadios, já que ficou admitido que as mulheres têm os mesmos direitos dos homens e que os direitos dos homens à validação amorosa não sofrem contestação."

Uma previsão: "Na marcha em que as coisas vão, podemos imaginar um mundo novo em que as casas de moradia sejam substituídas por blocos providos de milhares de gavetas com as estritas dimensões do corpo humano".

Uma condenação: "A mesma moral burguesa produziu um modelo de lar que é apontado como exemplo da perfeição. A mulher em casa é o poder absoluto. Resolve tudo o que concerne aos filhos e às empregadas sem consultar o marido, que aliás não quer outra vida. O marido é alheio ao governo da casa e indiferente aos atos de injustiça. Seu papel é o de trazer o dinheiro e levar a mulher ao teatro."

Uma pergunta: "Assim, nesse ambiente, como dar conselhos aos filhos se não lhe damos o principal, o essencial, o indispensável — o exemplo?"

UMA HISTÓRIA DE EIXOS

Gustavo Corção comenta que o mundo inteiro (não só o Brasil) passa por um angustiante processo de "mudança de eixos" ou

de transformação de valores, que os historiadores chamam mudança de civilização" Agoniza a chamada civilização ocidental moderna, que no seu apogeu produziu a sociedade liberal, marcada pelo capitalismo e pela moral burguesa. Gastou-se o estatuto de convicções. Não merecem mais crédito os valores em que tantas gerações acreditaram. Será um bem ou um mal? Ele opina: "Mal nenhum. Acho que a sociedade liberal já morre tarde. Nosso tempo tem um conteúdo positivo — eu diria até glorioso — de busca, de ansiosa procura, de libertação dos postulados da sociedade individualista. Infelizmente, porém, essa transição vem acompanhada de muitos fenômenos negativos, de muitos ressentimentos acumulados. É essa composição dramática o que produz a crise atual, com repercussões violentas nos jovens. Cada país atravessa a crise com as características de suas tendências. Nós também. Já se disse que os brasileiros são dotados dos defeitos de suas qualidades ou das qualidades dos seus defeitos. Exato. Somos inclinados à benignidade, à tolerância, à brandura. É nessa especial tendência à benignidade transformada em moleza, ou à intolância transformada em negligência, que se situa a crise de autoridade. "Numa sociedade em que não se dá crédito aos fundamentos morais da autoridade e em que é preciso acrescentar o qualificativo **moral** ao termo **autoridade**, para suprir um esquecimento geral, é inevitável a desmoralização dos governos (e dos pais, pensa o repórter com seus botões, e é inevitável a **substituição do brilo moral**, do sentimento de respeito e de responsabilidade moral, de tudo enfim que deve acompanhar o exercício da autoridade, por outros atributos que pertencem à ordem do poder e da força. Nesse clima de desmoralização, o governante (como os pais?) já não faz muito caso do respeito; ele prefere ser medido com outros padrões, prefere ser **eficiente**, ou **dinâmico**, ou **realizador**."

Observação de G.C. em apoio dessa tese: "Foi num jornal que li e vi as fotografias da reportagem feita em torno do triste episódio da missa em ação de graças ao personagem chamado Rei do Contrabando (Zica). Todos nós vimos, aos abraços, êsse rei da contravenção e os mesmos homens que têm cargos públicos para perseguir a contravenção. E todos nós vimos que ninguém parecia muito incomodado pela presença do fotógrafo, que é a pupila da opinião pública. Será preciso mais para clamarmos que existe uma crise de autoridade?"

OPINIÕES EM DEZ ITENS

Eis alguns retalhos do ponto de vista de G.C.:

1 — "A família é boa, mas está funcionando mal. Temos de enfrentar com veracidade e sem romantismos de ufanismo cristão o triste claro-escuro de nosso problema."



LARES VIRAM GAVETAS — "Família vai para o arquivo"



JUVENTUDE 1958 — Pais dão exemplo melhor?

2 — “Entre as chamadas boas famílias, essas práticas são tão freqüentes quanto detestáveis, mais perversas, mais profundamente imorais do que muita união imperfeita nascida da miséria da carne. Não pretendo afirmar que toda falta contra o bem-comum cometida por um indivíduo possa ser imputada à família. Mas afirmo que a família estruturada sobre os alicerces de injustiça, como nos casos em que o chefe tem um lugar público com proventos fartos obtidos pelo mecanismo do pistolão, é nociva.”

3 — “Então família é isso? Família é viveiro de privilégio? Família é um grupo, uma quadrilha, que se arma contra os outros?”

4 — “Os pais que não combinam, que não são felizes, aplicam-se a viver para os filhos e para os outros, esquecidos de si mesmos.”

5 — “Não hesito em dizer que, naqueles grupos possuídos pelo delírio da frivolidade e não raro formados pelos moços das mais ilustres famílias da República, o aviltamento chegou a níveis inimagináveis.”

6 — “Nós bem sabemos que existe um modo de emoldurar com virtudes cristãs os mais detestáveis aspectos do egoísmo. Estamos cansados de saber que existem famílias, as boas famílias católicas que vivem o credo da ostentação, que valorizam as pessoas pelos cargos e não pelas virtudes e que até, às vezes — e muitas — as valorizam pelo automóvel; que praticam serenamente o filhotismo e o nepotismo; que humilham a mão obscura que as alimenta; que desembaraçadamente tiram o conforto do desconforto e da fome da pobre; que transmitem aos filhos, pela palavra e pelo exemplo, os artigos de fé da religião do prestígio e do sucesso; que acreditam piamente em príncipes sem príncipado e em aristocracias fundadas em suspensórios ingleses ou em roupas italianas; e que depois de tudo isso vão pontualmente à missa dominical. Não há coisa pior do que a caricatura do melhor.”

7 — “O sensacionalismo usado em muitos jornais em torno do corpo feminino constitui, a meu ver, uma espécie de inflação e desvalorização da mulher, e, pois, da pessoa humana.”

8 — “A criança aprende nesse espetáculo a pior lição do mundo. E o mundo sofre hoje as consequências de uma civilização que durante quatro séculos apregou a oficialização do egoísmo e a essencial inimizade entre os homens.”



ROCK-N'-ROLL — “Há uma raça de saltitantes”.

9 — “A animosidade entre os pais gera no filho uma trauma psíquico de natureza afetiva que o inclina a tomar a defesa de um contra o outro. A animosidade contra o empregado doméstico gera uma perturbação de natureza intelectual, mais profunda e funesta: a criança aprende a detestar a humanidade, a natureza humana.”

10 — A casa de família que divide o universo ético em dois compartimentos, um para as pessoas da família outro para os empregados, é uma escola de inimizade cívica. As crianças aprendem ali a tabuada do capitalismo, isto é, a mentalidade que divide o mundo do homem.”

Quem se atreverá a contraditá-lo?

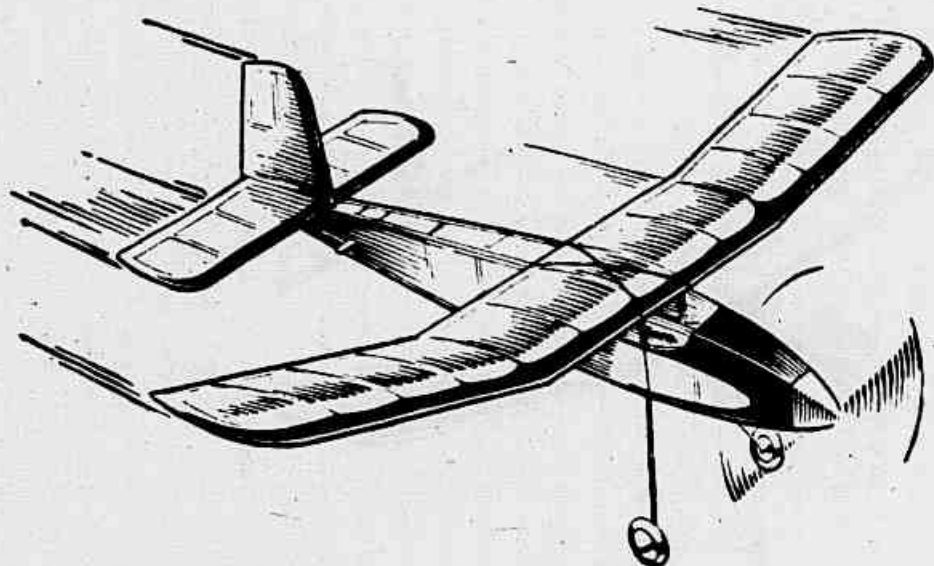
A AURORA E O FIM

A tarde vai alta e a conversa conclui-se. Não sem que antes eu ouça Gustavo Corção, “êsse mestre na arte de espicaçar”, êsse convicto líder católico e daquilo a que se poderia chamar **Democracia Cristã**, exclamar que, ao lado da fé, os jovens, a família, a sociedade, o mundo, “andam muito precisados de justiça e de amor”.

Levanto-me ainda com o eco das palavras a ressoar-me no ouvido. Crise? Mudança de eixo? Olho para um canto da sala onde o Cristo, na parede, pende lamentosamente de sua cruz enquanto, mais abaixo, um grande globo de madeira, representando o Mundo, pende imóvel em seu eixo de metal. E de repente fico tão confuso quanto confusos estão os abandonados jovens: quem irá, pela atitude correta, pela sinceridade, pelo exemplo, pela coragem moral, pela pureza íntima, ajudar a superar a crise, realizar enfim no bom sentido a prevista mutação? Os moços que não têm exemplos? Ou os adultos que não os dão? Ora, o mundo está dividido em dois e há uma sociedade que morre só, num leito de misérias, vítima do suicídio lento que durante séculos ela mesma cometeu. Mas também há, no horizonte dêsse outono, o prenúncio da aurora de um mundo novo.

E quando afinal romper essa aurora — não tenham dúvidas — de um modo ou de outro vai tudo entrar direitinho nos eixos.

AEROMODELISMO



ESTE E OUTROS MODELOS,
VOCÊ ENCONTRARÁ EM

Hobby
LANDIA

Av. Almirante Barroso, 2, 2º andar, sala 203
Rio de Janeiro

CAMPAINHA

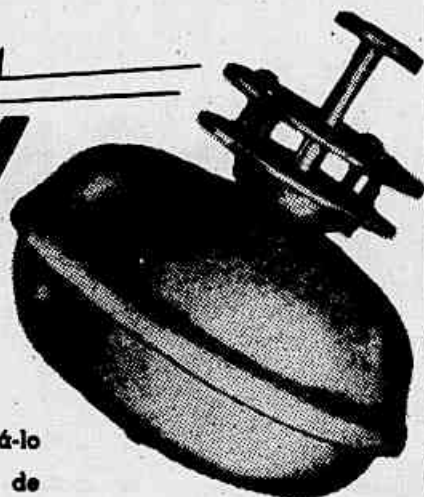
DIN-DON

COMPLEMENTO AGRADÁVEL
DE SUA BUZINA!

- ★ Alerta o pedestre sem assustá-lo
- ★ Pode ser usada nas «zonas de silêncio»
- ★ Adaptável a todos os tipos de veículos
- ★ ECONOMIZA A BATERIA

NOVIDADES sempre uteis só na
A milionária do Castelo

RUA MÉXICO, 98-A — Tel: 22-1000



EM S. PAULO HOSPEDE-SE NO MODERNÍSSIMO

BAR RESTAURANTE
A LA CARTE

Solteiro Cr\$ 380,00 — Casal Cr\$ 520,00

Sem mais acréscimos

Avenida São João, 1072 — Telefone: 37-0181 (Rêde Interna)

São Paulo — End. Electr. «PRINCIPEHOTEL»



CARTAS

CASO AIDA CURI

“Sobre a reportagem “Crítica à perícia quer provar inocência de Cácio Murillo”, tenho a ressaltar a real isenção que vocês mostraram diante do assunto. Igualmente a li com imparcialidade, sem “part-pris”. Mas, absolutamente, não me convenci com os argumentos dos críticos. São apenas suposições e que procuram esclarecer não os fatos, mas apenas corrigir textos defeituosos dos laudos. Nada fica provado e, pessoalmente, de cabeça fria, continuo a acreditar na participação criminosa de Cácio Murillo na morte de Aida Curi.”

Osvaldo L. Góis — D.F.

24 HORAS DE TORPOR

“... dar meu aplauso à coragem e veracidade com que foi apresentada esta reportagem. Tenho registrado vários casos de entorpecência, de graves efeitos, em circunstâncias semelhantes, e confirmo integralmente os sintomas descritos pelo sr. Claudir Chaves.”

Dr. A.V. — Campinas — São Paulo

LEMBRANÇAS DA SEMANA

“... e para mim, que moro no interior, é uma satisfação muito grande encontrar na REVISTA DA SEMANA uma visão panorâmica e ilustrada do que acontece em sete dias nos principais centros do Brasil. Peço que mantenham sempre a seção “A semana também deixou estas lembranças”.

Marilda Silva Ribeiro — Presidente Prudente — M.G.

APOSTA

“... pois fiz, com dois amigos, uma aposta sobre o dia em que vai para as bancas a Revista, semanalmente. Compro-a tôdas as quartas-feiras, aqui perto de casa, em Vila Isabel. Um de meus amigos, morador no centro, adquire seu exemplar às terças-feiras. Já o terceiro diz que, certa vez, só conseguiu encontrá-la numa quinta, depois de dois dias de inútil procura. Esperamos a resposta — uma chopada está em jogo.”

Raul Gomes — D.F.

§ Podemos informar-lhe que a Revista está à venda nos jornaleiros do centro da cidade desde terça-feira, tôdas as semanas. Para os bairros é distribuída na madrugada de quarta-feira. Seu amigo, que a comprou numa quinta, deve tê-lo feito numa situação excepcional. Tratava-se, certamente, do n. 41, saído com atraso. Infelizmente o atraso se repetiu na última semana, por razões completamente estranhas à nossa vontade. Esperamos, entretanto, que o motivo que provocou tal atraso seja resolvido e faremos esforços para que tudo prossiga normalmente.

O Editor

CRÔNICA

“Notei, por dois números, a ausência da costumeira presença dos grandes cronistas da R.S. Receando ficar privada das admiráveis crônicas que saboreava semanalmente é que indago: elas acabaram?”

Leila Câmara — Londrina

§ A publicação das crônicas foi apenas interrompida. Por coincidência, três de seus autores estiveram ultimamente em viagem: Jorge Amado pelo norte do país, autografando exemplares de seu último romance — “Gabriela, Cravo e Canela”; Dinah S. de Queiroz, em Lisboa, para o lançamento da edição portuguesa das “Floradas na Serra”. Eneida, em excursão, que se prolongou até Belém do Pará. Mas já no próximo número poderemos reiniciar o rodízio, equilibrado com a volta dos três viajantes e mais Aníbal Machado e Renard Perez.

O Editor

MYLÈNE DEMONGEOT

a mais séria rival (francesa) de B B



A PRIMEIRA GRANDE estrela a surgir, depois da guerra, no cinema francês foi Martine Carol, cujos "banhos" (em *Essas Mulheres*, *Os Amores de Lucrecia Borgia*) até hoje são tão famosos quanto o seu busto já histórico. Durante algum tempo, Martine esteve absoluta. Quando Françoise Arnoul começou a ameaçá-la, muito por fora, e alguns catedráticos passavam a considerar o páreo muito duro, apareceu, mais por fora ainda, Brigitte Bardot e dominou as duas. A história do estrelismo francês pode ser dividida, hoje, em duas partes: antes e depois de BB.

As rivais mais perigosas são, naturalmente, as do segundo período, o atual. Não há muitas, ainda. Ou melhor, há só uma — mas perigosíssima. Esta é Milène Demongeot, que o público brasileiro já viu (não contando a "ponta" de *Filhos do Amor*) em três tempos, todos excelentes: sensual e pérfida em *As Virgens de Salém*, pérfida e sensual em *Cobiça* e, numa experiência americana, *Bonjour Tristesse*, também sensual, mas até boazinha, quei-

mada do sol e engraçada, como uma das amantes (na Riviera) de David Niven.

Todos estes filmes foram aqui exibidos na temporada em curso. E, por sua atuação na versão do "best-seller" de Françoise Sagan, obteve Mylène o prêmio de "melhor atriz coadjuvante" no Festival "A História do Cinema Americano" organizado pelo Museu de Arte Moderna do Rio de Janeiro.

DE ESTRABICA A ESTRELA

Marie-Hélène Demongeot é a filha única de Monsieur Demongeot, antigo diretor do Banco de Indochina, em Shanghai, e mais tarde inspetor dos serviços econômicos da região de Languedoc. Apesar da boa situação de seus pais, Mylène não teve uma infância feliz, a ponto de, numa crise de desespero, haver tentado o suicídio. Sofria de grave estrabismo que a ameaçava de ce-

CINEMA

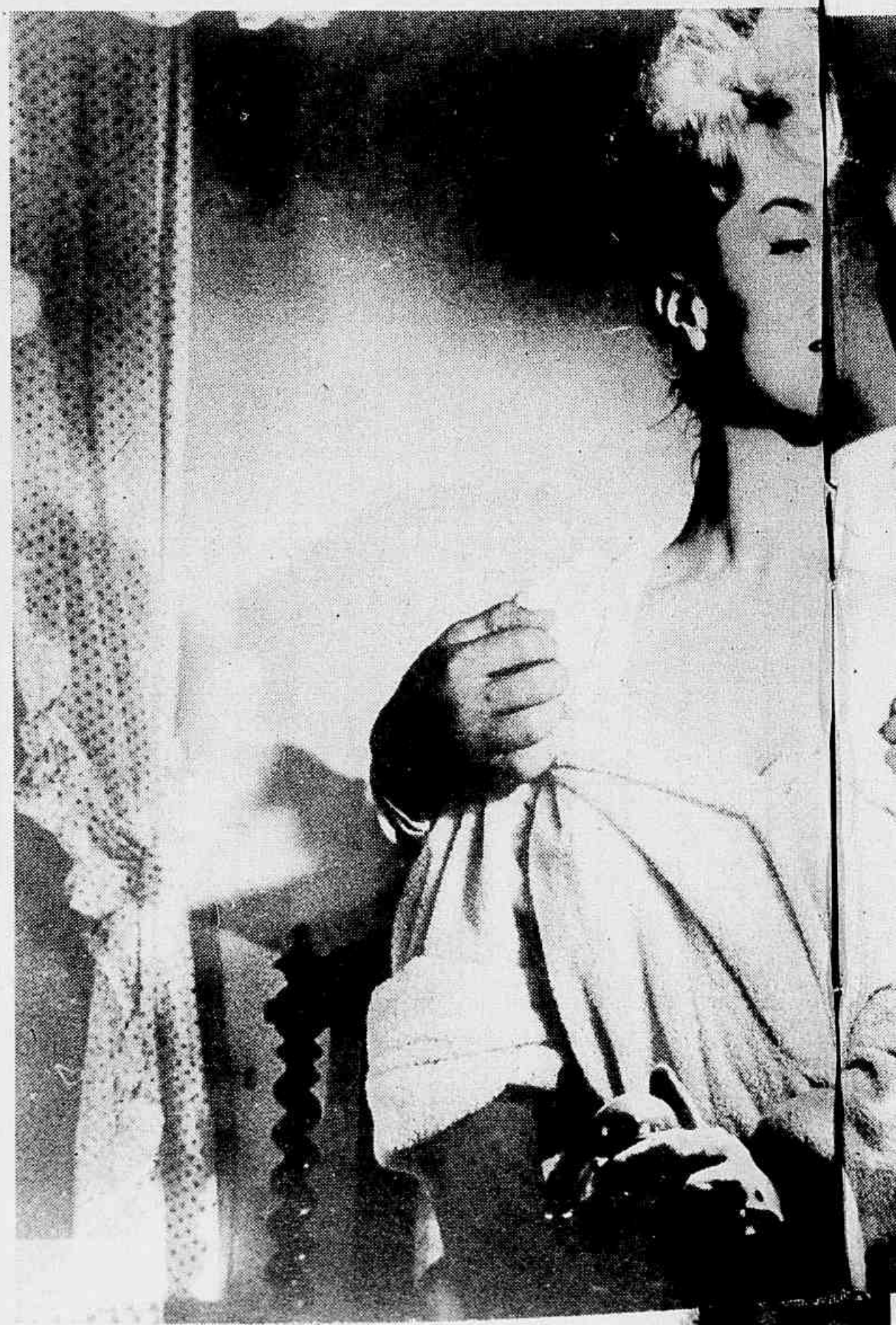
Mylène
a única rival,
realmente séria,
de
Brigitte Bardot



Na estréia, como uma das "mães solteiras" de Léonide Moguy, em "Filhos do Amor". Um pequeno papel: — a estrêla da fita foi Etchika Choureau.

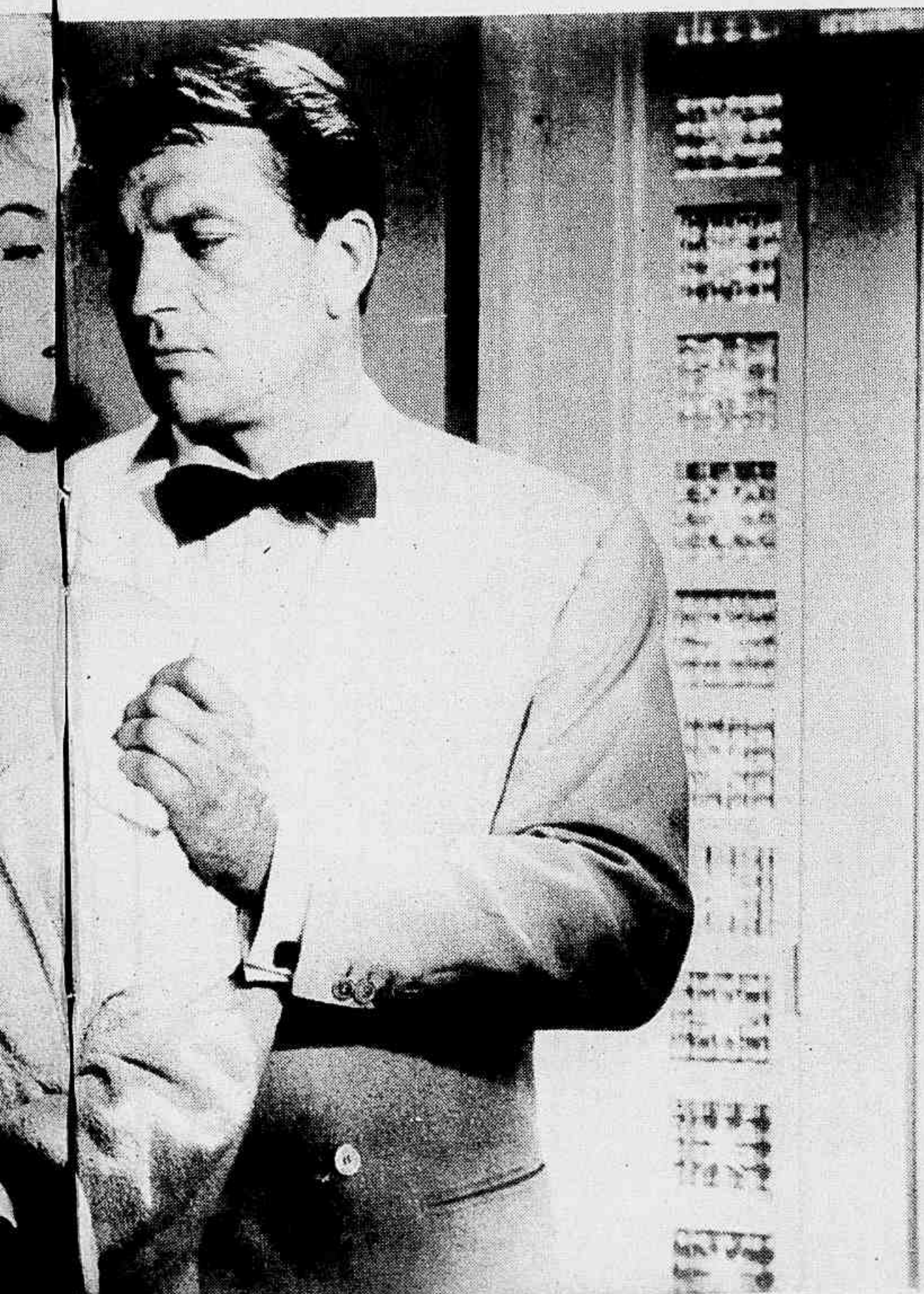


Como a pérfida e sensual Abigail, em "As Virgens de Salém", adaptação (de Sartre) da famosa peça ("The Crucible") de Arthur Miller.





Outra vez sensual e perversa, impelindo Henri Vidal (foto abaixo) ao homicídio da esposa velha e rica (Isa Miranda), em "Cobiça", de Henri Verneuil.



gueira completa. Mal podia ler, mal distinguia as pessoas — sua vida era um suplício, até que chegou o momento de poder submeter-se a uma intervenção cirúrgica. A partir de então — contava Mylène 15 anos — seus olhos passaram a ser normais e a menina podia desafiar a todas as colegas que a haviam feito objeto de seu sadismo.

A sua chance no cinema surgiu quando ela foi convidada por um irmão de Lise Bourdin, seu colega de curso de piano, para uma recepção em casa da atriz. Um homem, aproximando-se de Mylène, perguntou-lhe se tinha interesse em fazer cinema. O homem era o diretor Léonide Moguy e, alguns meses depois, estava pronto **Filhos do Amor** (Les Enfants de l'Amour), o filme de estréia da jovem e bonita loura. Isto ocorreu em 1954.

Algum tempo se passou antes que Mylène pudesse reencetar sua carreira cinematográfica. Nesse período, a moça posou para fotografias de publicidade, enfeitando com o seu rosto as páginas de muitas revistas, em anúncios de produtos de beleza. O fotógrafo, chamado Henri Coste, era um dos mais conhecidos e competentes no seu ramo.

Interessando-se mais por Mylène do que por seus outros "modelos", ele a estimulou a voltar ao cinema, agora em melhores papéis e para ficar. Quando Françoise Lugagne, mulher do realizador Raymond Rouleau, viu uma coleção de fotos de Mylène que Coste fez chegar às suas mãos, imediatamente sentiu haver encontrado a intérprete ideal para o papel de Abigail em **As Virgens de Salém**.

MYLÈNE, A FEITICEIRA

Abigail revelou Mylène. O papel exigia uma atriz capaz de misturar e exprimir a perfídia, a audácia e a paixão, as qualidades que serviam ao personagem para semear a intriga e desencadear a violência entre os supersticiosos habitantes de Salém, Massachussetts. Mylène Demongeot foi **esta** Abigail. Foi o grande vulto no elenco de **As Virgens de Salém**, embora tivesse de competir com uma atriz veterana e tão talentosa como Simone Signoret. A fita que Raymond Rouleau dirigiu, baseado na adaptação feita por Sartre da famosa peça, "The Crucible", do americano Arthur Miller, não obteve, é verdade, um décimo dos aplausos que a crítica dispensou à jovem atriz.

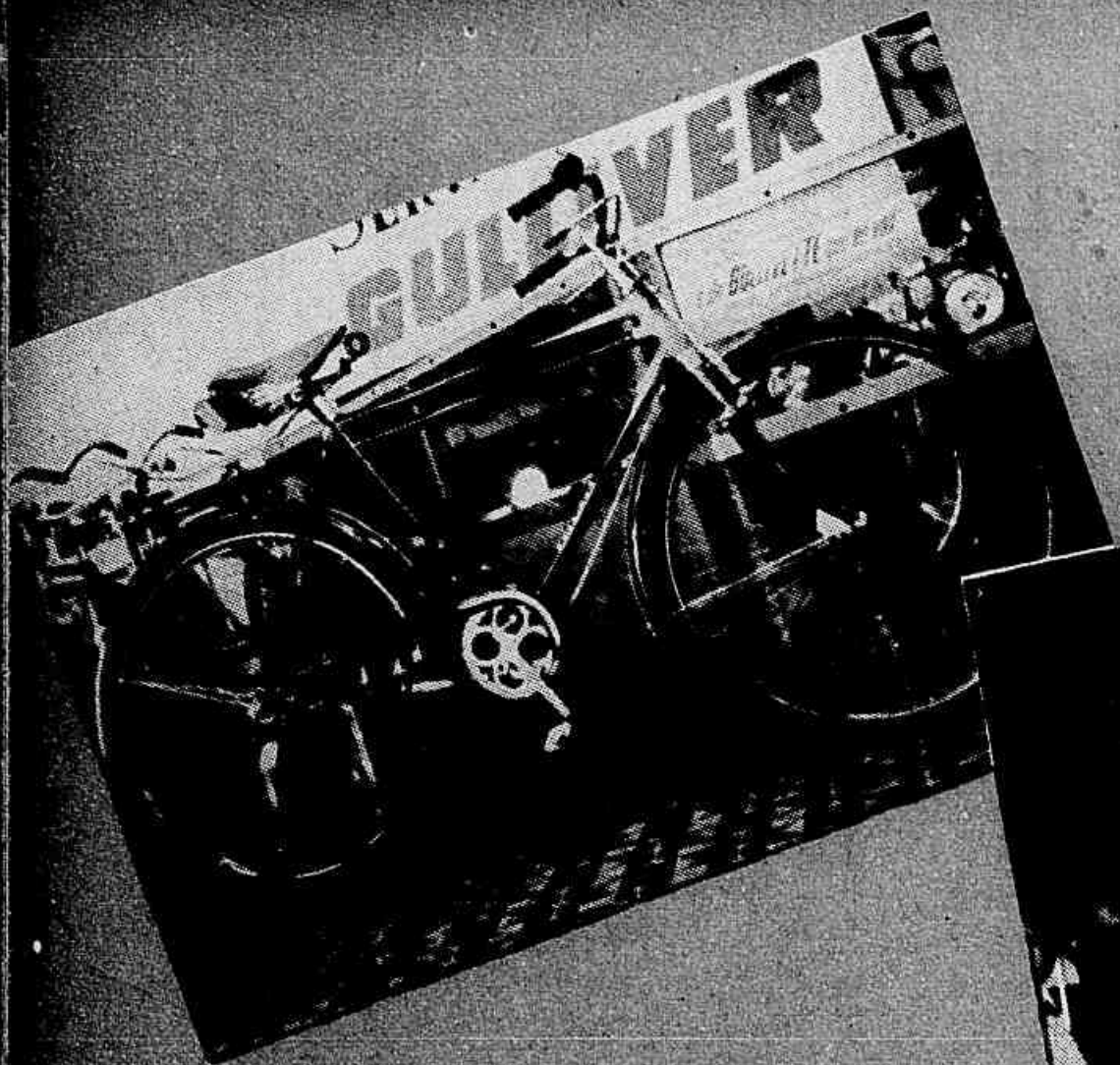
O caminho estava aberto. Otto Preminger, pouco depois, convidava Mylène para fazer **Bonjour Tristesse**, filme rodada em grande parte na Riviera francesa e nos "bistros" de Paris, mas, para cuja **première** mundial, Mylène teve de visitar Nova Iorque e também Hollywood. Outras propostas foram surgindo — a dificuldade, agora, é evitar que uma colida com outra, ou selecionar, entre tantas, as de maior interesse.

A COBIÇA COMPENSA

Ao lado de Henri Vidal e lançando-o contra a mulher madura e rica (Isa Miranda) — sob a direção segura de Henri Verneuil — Mylène fez **Cobiça** (Une Manche et la Belle), bom "thriller" psicológico, no estilo (porém mais sofisticado) de "O Destino Bate à Porta", a novela três vezes filmada de James M. Cain. O filme serviu para consolidar a sua posição entre as melhores estrelas do atual cinema francês.

A seguir, ela fez **Sois Belle et tais-toi** (Basta ser Bonita), ainda tendo Henri Vidal como galã e, como diretor, o veterano Marc Allegret. E, há pouco, terminou mais dois filmes: **Le Vent se lève**, de Yves Ciampi, ao lado do Don Juan internacional, apesar de quase sexagenário, que é o nosso conhecido Curd Jurgens; e **Cette Nuit-là**, na companhia de Maurice Ronet e Jean Servais e tendo a direção do desconhecido Maurice Cazeneuve. Ao que se afirma, ainda, o diretor Jules Dassin (**Rififi**) vem de oferecer-lhe um papel importante em seu novo filme, **La Loi** (A Lei), inspirado na famosa novela (Prêmio Goncourt), de Roger Vailland.

Mylène, além de extraordinariamente fotogênica, é capaz de expressar as mais íntimas emoções com os olhos e os lábios, sem precisar utilizar recursos teatrais. Sua beleza e sua elegância levemente estilizada fazem dela — embora a diversidade de estilos — a única rival realmente séria de Brigitte Bardot. As duas, aliás, são as grandes representantes das tendências, da mentalidade e do encanto da nova geração com que conta, no momento, o cinema francês.



REPETIMOS, HOJE, as bases da sensacional competição entre a garotada brasileira, lançada em nosso número 43.



RECEBEMOS, até o momento em que fechamos a revista, 2.372 cartas, de crianças, de todos os recantos do Brasil — do Rio, de São Paulo, do Rio Grande do Sul, do Amazonas. E, a cada dia que passa, mais aumenta o volume chegado pelo Correio, número que começou timidamente, com três ou quatro cartas diárias, e que sobe, hoje, a uma média de 80 a 120. Embora falte ainda um mês para o encerramento do concurso, já é um princípio bem promissor, e nos sentimos satisfeitos de que a nossa iniciativa tenha sido, assim, bem compreendida. Como vínhamos prometendo, apresentamos, hoje, alguns dos prêmios que serão oferecidos aos pequenos autores das melhores cartas que serão lidas por uma comissão que já no próximo número será revelada. Apresentamos os seis primeiros prêmios, relativos aos 5 anos do curso primário, e às duas primeiras séries ginasiais. No próximo número, apresentaremos alguns dos restantes, que aguardarão os autores das cartas selecionadas com menções honrosas. A guisa de informação, adiantamos aos nossos pequenos concorrentes que existem, ainda, dezenas e dezenas de prêmios. Portanto, lápis em punho! Caprichem nas cartas, enviem-nas com a maior brevidade possível, e aguardem o Natal!



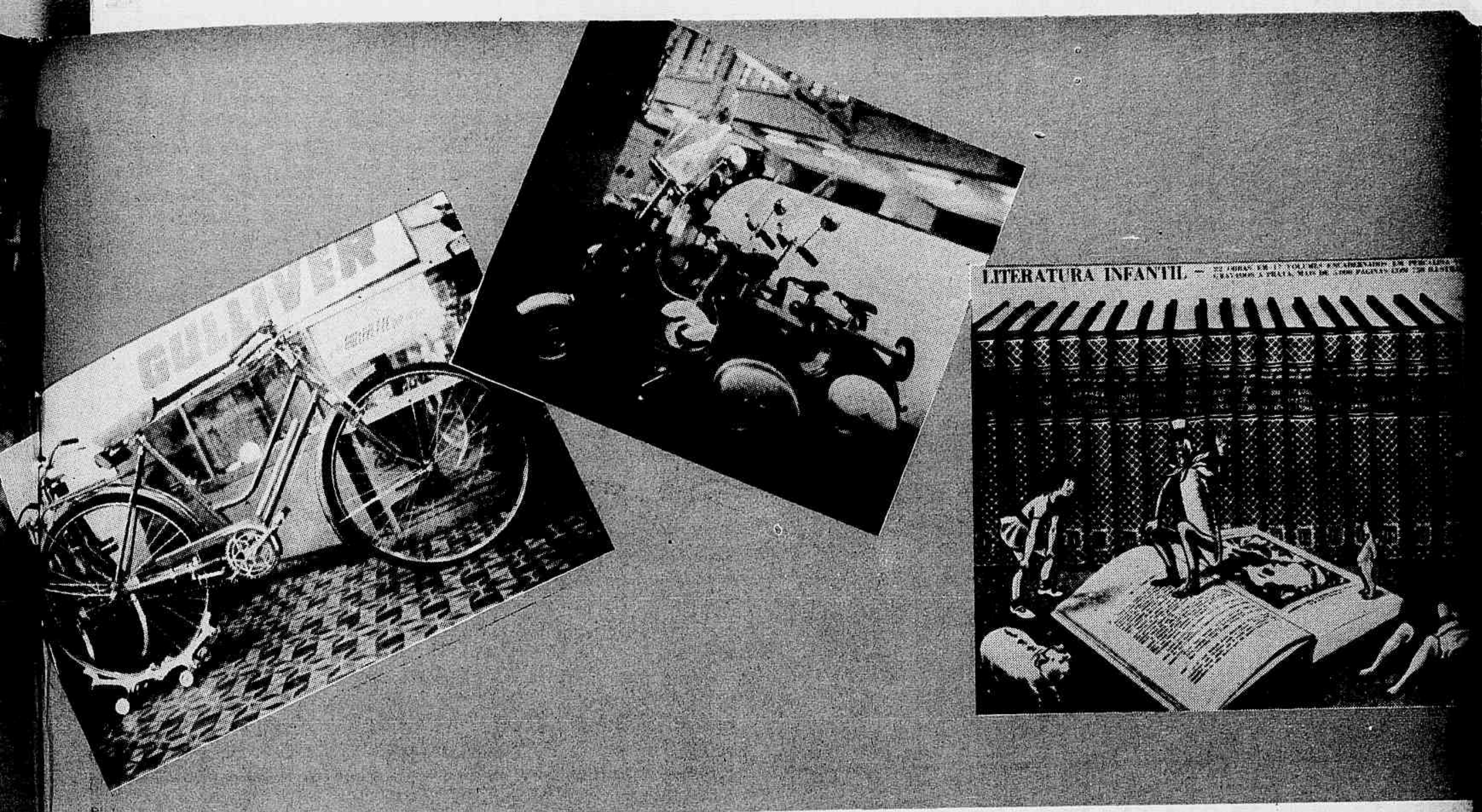
✓ **VOCE PODE MANDAR SUA CARTA DE ONDE QUER QUE ESTEJA — NO DISTRITO FEDERAL, EM S. PAULO, NO CEARÁ, NO AMAZONAS — DE QUALQUER CIDADE, DE QUALQUER ESTADO DO BRASIL.**

✓ **SE VOCE AINDA NÃO TEM 14 ANOS, PODERÁ ESCREVER SUA CARTA A PAPAI NOEL E GANHAR UM PRESENTE ESPETACULAR, COMO BICICLETA, CINEMINHA, COLEÇÃO DE LIVROS INFANTIS E JUVENIS, BONECA, LAMBRE-TINHA, BOLAS DE FUTEBOL, PATIM, JOGO DE ARMAR.**

✓ BASES DA "CAIXA POSTAL":

- 1 — Escreva uma carta a Papai Noel.
- 2 — Diga, nela, o que você deseja receber no Natal, explicando a razão da escolha.
- 3 — Escreva a sua carta, de próprio punho, a lápis ou a tinta, do tamanho que quiser.
- 4 — Preencha — ou mande alguém preencher — o cupom que se encontra ao canto da página, escrevendo nele o seu nome, a idade, o colégio onde estuda, a rua e a cidade onde mora.
- 5 — Peça a seu pai, sua mãe, sua irmã ou irmão mais velho, ou sua professora para remeter a carta juntamente com o cupom, em envelope fechado, à redação da REVISTA DA SEMANA.
- 6 — Escreva, ou mande alguém escrever no envelope: "Sr. Papai Noel. Aos Cuidados da REVISTA DA SEMANA. Rua Visconde de Maranguape, 15, 1º andar, Rio de Janeiro.
- 7 — Aguarde as vésperas do Natal, para receber seu presente. Se sua carta for boa, mesmo, você ganhará um presente com por cento!

ESCREVA UMA CARTA A PAPAI NOEL



8 — Além do presente, publicaremos a sua carta na REVISTA, ao lado de sua fotografia.

Destaque este cupom, preencha-o e remeta-o à REVISTA DA SEMANA, junto com sua carta.

3 OBSERVAÇÃO AOS PAIS:

- 1 — As cartas serão lidas por uma comissão formada de um professor, um escritor e um redator da REVISTA DA SEMANA.
- 2 — Os presentes serão distribuídos entre os autores das melhores cartas, levando-se em consideração a idade do concorrente, havendo prêmio para cada uma das 5 séries primárias.
- 3 — As crianças do Distrito Federal receberão seu presente em fins de dezembro, em dia e local a ser anunciado por estas páginas. As crianças dos Estados receberão nas próprias residências.
- 4 — No próximo número já podemos iniciar a relação dos presentes que seu filho poderá ganhar de Papai Noel — um presente de acordo com a idade. Destaque desde já o cupom que se encontra ao canto da página. Ele será responsável por um maravilhoso natal de seu filho.

«CAIXA POSTAL» REVISTA DA SEMANA

CARTA A PAPAI NOEL

Nome

Idade Colégio

Série que frequenta

Residência

Cidade Estado

A "CAIXA POSTAL" REVISTA DA SEMANA está à sua inteira disposição desde este momento. Pode começar a escrever sua carta a Papai Noel, mandá-la e aguardar o Natal. Esse será, talvez, o melhor Natal de sua vida.

RELAÇÃO DOS PRINCIPAIS PRÊMIOS

- ★ UMA BICICLETA «GULLIVER», MODELO PARA RAPAZ
- ★ UMA BICICLETA «GULLIVER», MODELO PARA MOCINHA
- ★ UM AERO-MODELO «CADETE» (COM MOTOR E TODOS OS EQUIPAMENTOS E APETRECHOS NECESSÁRIOS PARA ARMÁ-LO)

- ★ BONECAS DE ALTO LUXO
- ★ UMA MESBLETA (DE LUXO) PARA CRIANÇAS DE 6 A 8 ANOS
- ★ UMA COLEÇÃO DA LITERATURA INFANTIL DE MONTEIRO LOBATO: 22 OBRAS EM 17 VOLUMES ENCADERNADOS.

E GANHE O SEU PRESENTE DE NATAL



O HOMEM DE TEATRO, médico e jornalista Silveira Sampaio esteve em plagas pernambucanas, a convite de uma companhia de aviação, especialmente para estrear um programa radiofônico: Encontro Marcado — programa que consiste em levar celebridades ao Recife, para uma entrevista em que são abordados assuntos de interesse regional e nacional.

Silveira ficou entusiasmado com o Recife. Passeou em suas ruas, admirou os seus rios, conversou com Capiba (compositor de frevos), comeu “galinha ao molho pardo” e abacaxi. Depois foi ao Clube Internacional e fez ponto final no agradável Cabanga. E partiu com saudades e deixando saudades.

Em “Encontro Marcado”, Silveira Sampaio respondeu a 18 perguntas que lhe foram formuladas por Darwin Brandão e Hélio Polito — diretores do programa. E aqui vão elas, sintetizadas:

— Qual, em sua opinião, uma boa receita para o teatro musicado?

— Eu posso dar uma receita. Mas de nada adiantará se não estiver nas mãos de um bom cozinheiro. Mesmo que eu dê a dose dos ingredientes. Da arte de reuni-los, misturá-los, e apresentá-los no palco, é que depende o êxito de um espetáculo. Do contrário, os americanos, que são os reis dos musicais, já teriam escrito o “De como fazer bom teatro em 12 receitas”.

— Você não quer dar a receita! Aqui em Recife há bons cozinheiros.

— Os bons cozinheiros conhecem todas as receitas. E as vezes até inventam novas. Aqui em Pernambuco vocês têm um cozinheiro do teatro musicado, Waldemar de Oliveira. Eu soube que Waldemar esteve há pouco nos EE.UU. vendo as receitas americanas, portanto não sou eu que vou dar outras receitas para o Waldemar.

— Teatro dá dinheiro?

— Dá dinheiro e tira dinheiro. Teatro é jogo. Ninguém sabe, antes da estreia, se vai agradar ou não. Já perdi 750 contos em uma semana. Já ganhei 1.500 contos em um mês. Já tive uma peça que ficou um só dia em cartaz. E tive outra que ficou um ano. Antes de abrir o pano eu não sabia o destino nem de uma nem de outra.

— Por que você abandonou o teatro?



O programa “Encontro Marcado”: iniciativa do Jornal do Comércio e Diário da Noite (do Recife), em colaboração com a REVISTA cinio exclusivo da Varig.

SILVEIRA SAMPAIO RESPONDE DEZOITO

— Porque eu prefiro abandonar as coisas antes de ser abandonado por elas. Prefiro que continuem dizendo, “que pena você ter abandonado o teatro...”, a que digam, “foi uma pena ele “não ter” abandonado o teatro!”

— Você ainda é médico?

— Eu posso estar desquitado da medicina, mas divorciado, nunca. No Brasil não há divórcio e eu respeito as leis do país.

— Se em determinada circunstância você tivesse de escolher entre Lacerda e Lott — quem você escolheria?

— Lacerda ou Lott — dependendo exatamente dessas “determinadas circunstâncias”.

— Se você fosse Presidente da República, viajaria tanto quanto o Presidente Juscelino?

— Creio que sim. Apenas tomaria certos cuidados para planificar melhor as viagens. Dizem, eu não sei, dizem, que o Dr. Juscelino já viajou para inaugurar a iluminação de um campo de futebol, na Bahia. Mas isso é natural. O exagêro é próprio dos inovadores. O que o povo não aceitará mais será um Presidente atarraxado no Catete.

— Ou em Brasília. A respeito, você acha que em 1960 a Capital estará em Brasília?

— Qualquer resposta que eu, ou outro dê, será mero palpite. Só o Dr. Israel Pinheiro, que deve ter todos os elementos na mão (mas não mostra a ninguém) pode responder.

— Dizem que há uma diferença fundamental entre as duas políticas, de Alkmim e Lucas Lopes. Pode explicar a diferença?

— Antes de mais nada: os Drs. José Maria de Alkmim e Lucas Lopes, são dois homens de formação e temperamentos opostos. O Dr. Alkmim é 100% político. O Dr. Lucas Lopes é 100% técnico. Por conseguinte — ambos patriotas — um procurou dar soluções políticas a problemas econômicos e financeiros. Outro está procurando dar soluções técnicas. Eu usaria os dois. Trancaria Lucas Lopes no gabinete, resolvendo os problemas, e deixaria o Alkmim na sala de espera, desviando os chatos.

— Qual dos dois está certo: Alkmim ou Lucas Lopes?

— O Dr. Alkmim, ao meu ver teve um erro básico. Impressionou-se com a ameaça da primeira marcha da produção sobre o Catete — e como político transigiu — dando aos cafeicultores

o preço de Cr\$ 3.300,00 por saca de café. Preço caro de mais, que ele não pôde suportar. O Dr. Lucas Lopes — não teve medo da ameaça da marcha da produção. Disse que não podia dar esse preço e não podia mesmo. Alegando que se o IBC comprasse o café pelo preço que os cafeicultores queriam, eles iriam “sentar na safra” e não procurariam exportar — o que é verdade. Facilitou os registros, desburocratizou a exportação (que o Dr. Alkmim queria fazer, mas não fazia) e o café está subindo... O mês passado exportamos um milhão e quinhentas mil sacas. Agora o Dr. Lucas Lopes propôs o plano de estabilização monetária. É plano sério. Está sendo muito discutido, mas de qualquer forma “é um plano”, coisa que habitualmente não se faz no Brasil. O Dr. Alkmim tinha planos de fazer planos e o Dr. Lucas Lopes faz planos do pé para a mão.

— Quais os três fatos mais curiosos de sua vida de médico, de teatrólogo e de jornalista?

— No jornalismo, o encontro com Mr. Dulles, no Departamento de Estado. No teatro tudo é curioso. Como médico — o fato mais curioso no qual tomei parte, foi uma conferência que tive com dois professores de pediatria e um grande clínico. Os três eram inimigos entre si. Não quiseram se encontrar na cabeceira do doente. Examinaram isoladamente o enfermo. Depois cada um ficou num aposento. E eu ia dar uma conversadinha com eles levando a opinião dos outros. Como o apartamento era pequeno, houve um professor que fixou na cozinha.

— O que é sud-americanidad?

— A sud-americanidad baseia-se neste conceito: “quanto menor o exército, maior o boné do general”. Felizmente os bonés estão desaparecendo nos governos sul-americanos. Já não está sendo mais necessário bater continência para Peron, Rojas Penilia e Perez Jimenez...

— E o General Lott?

— Nos últimos retratos que tenho visto o General Lott está sem boné.

— Você sabe qual a diferença entre Jânio e Adhemar?

— Depois da Revolução de 30, o povo de São Paulo estava enfiado dos paulistas de 400 anos que eram incapazes de roubar um tostão, mas que roubavam com a maior sencerimônia uma eleição. Estava cansado dos “improdutivos austeros”. Daí ter tido sucesso a frase: “Não sei o que... mas faz”. Mas tudo cansa. Jânio percebeu isso e surgiu com a vassoura e o Professor Carvalho Pinto. Varrendo e fazendo. Tendo sucesso. Eu acredito que os momentos fazem os homens e não os homens fazem os momentos.

— Você já viu alguma vez o Nordeste torrando em plena seca?

— Já. Estive no alto sertão da Paraíba, na zona de Patos e Piancó.

— Que você faria com os homens, que recebendo dinheiro da seca enriquecem com dinheiro e miséria dos outros?

— Se isso ficasse absolutamente provado, dava uma enxadinha para eles abrirem um açude na zona do Cariri.

— Você acha que os últimos lançamentos da “linha saco”, “peruca”, “linha colher”, tem contribuído para maior beleza da mulher?

— De algumas mulheres, sim. Das que têm corpo e cabeça para usar o “saco”, a “colher” e a “peruca”.

— Nos lembramos de um seu programa de televisão carioca, quando o Embaixador Negrão de Lima voltava da ONU, depois do lançamento da chamada Operação Pan-Americana. Nesse programa você entrevistou o Ministro Negrão e deu uma explicação para a OPA. Você poderia reproduzi-la aqui?

— A OPA foi indiscutivelmente o lançamento do Brasil no plano internacional. A diplomacia estava mudando no mundo. Passando da fase acadêmica para um período epistolar. A União Soviética, todos os seis meses, publicava um volume com as cartas



DA SEMANA e sob o comando do Jornal do Comércio e patro-

ITO PERGUNTAS SÉRIAS (NO RECIFE)



A SEMANA DA ECONOMIA NOS MEIOS MILITARES

A 25.^a SEMANA DA ECONOMIA, comemorada anualmente pela Caixa Econômica, realizou uma solenidade no Palácio da Guerra. Recebido pelo general Henrique Lott, a quem fez entrega de uma lembrança da efeméride, o almirante Augusto do Amaral Peixoto, presidente daquela autarquia, depois de palestrar, por algum tempo, com o titular da pasta, dirigiu-se, com a sua comitiva, para a sede do comando do 1.^o Exército, onde se desenrolou a cerimônia, presentes os generais Odylio Denys, João Valdetaro de Amorim e Melo, João Segadas Vianna, Armando de Moraes Ancora, Joaquim Justino Alves Bastos, Armando Dubois Ferreira, João Ururahy de Magalhães, e outras altas patentes. Em breves palavras, o almirante Amaral Peixoto (foto) salientou que a Semana da Economia é uma tradição festejada, ininterruptamente, há 25 anos, e que a Caixa está pronta a colaborar com o governo, para a recuperação da nossa moeda, devendo fazer o mesmo todos os cidadãos, porque, acima do equilíbrio orçamentário, precisa haver uma verdadeira mentalidade de poupança, tal qual se vem desenvolvendo no Exército, em benefício dos militares e da própria nação. Referiu-se à importância que tem, nesse sentido, o trabalho das autoridades do Ministério da Guerra, para que o pagamento de vencimentos e vantagens passe a ser feito sob a forma de crédito bancário. Seguiu-se a entrega de plaquetas aos generais, e de taças aos comandantes das unidades que mais se destacaram na campanha de poupança, este ano. Encerrando a solenidade, o general Odylio Denys, em ligeira alocução, declarou que já considera incorporada ao seu calendário anual de trabalho a comemoração, pela Caixa, da Semana da Economia, e que, de ano para ano, a campanha cresce dentro das casernas.

L E I A

EU SEI TUDO

- ★ CONTOS
- ★ ROMANCES
- ★ CIÊNCIA
- ★ POLÍTICA
- ★ RELIGIÃO, ETC.

TODOS OS MESES NAS
BANCAS DE JORNAIS

SILVEIRA SAMPAIO (Continuação)

do semestre, de Kruchev. E o Presidente Eisenhower estava indo pelo mesmo caminho. Foi então que o Dr. Juscelino percebeu a mudança. Ficou esperando: na primeira oportunidade, zás... "empurrou" sua cartinha. Parece que foi feliz. O acidente diplomático-salivar de Caracas colocou a diplomacia norte-americana em estado de choque. Para sair do choque ela precisava de alguma coisa. Que ela não sabia o que era. Captando tais irradiações em sua antena o Dr. Juscelino pensou consigo mesmo: "Eu estou desconfiado que o Eisenhower está precisando receber uma carta!..." E já! — escreveu a dele. Fazendo ao General Eisenhower esta perguntinha:

— "Estaremos nós agindo no sentido de se estabelecer a ligação indestrutível de sentimentos e interesses que a conjuntura grave aconselha e recomenda?"

Tanto o General Eisenhower estava com precisão desta cartinha que pegou logo a deixa e respondeu:

— "Eu estou encantado que V. Exa., tenha tomado a iniciativa neste assunto... Considero esse assunto tão importante que estou dando instruções ao Sr. Rubotton para ir já ao Brasil — melhor colher o pensamento de V. Exa. sobre o problema..."

Foi esse o primeiro "goal" do Dr. Juscelino. Vir um emissário do Presidente dos EE.UU. especialmente para colher o seu pensamento diamantino... Animado com a sua iniciação na diplomacia epistolar, o Dr. Juscelino sapecou logo outra carta em cima do Pres. Frondizi, pedindo a sua colaboração para reforma do Pan-americanismo. O Pres. Frondizi, claro, topou logo... E então foi a vez do Pres. Stroessner, do Paraguai, aderir ao grupo da epístola. E não tendo por que e nem para que, escrever ao Gen. Eisenhower, "carteou" mesmo o Dr. Juscelino hipotecando a sua solidariedade paraguaia. E entramos nas fases dos discursos. O Dr. Juscelino reuniu os representantes diplomáticos dos Estados Americanos, propôs uma operação e estendeu o campo operatório dizendo:

— "Não creio que haja possibilidade de êxito em fundarmos uma sólida união se diversos elos da cadeia continuarem tão desigualmente resistentes". Mr. Dulles que já havia prometido ao Min. Macedo Soares vir ao Brasil... veio! E assinou com o Dr. Negrão de Lima aquela "Declaração magnólia" que ficou na história como "Declaração Brasília"... A declaração não dizia nada! Mas, enfim, já não se rememorava a Declaração de Caracas contra o comunismo, e como propaganda de Brasília, servia... Em seguida veio um fato positivo: a notícia de que o Departamento de Estado Americano estava interessado na criação de um Banco Interamericano de Fomento para a América Latina. E depois outra notícia mais positiva ainda: o convite de Mr. Dulles aos chanceleres americanos para baterem um papo informal em Washington.

O Dr. Negrão de Lima, Ministro do Exterior, voltou muito animado, cantando vitória. Mas dias depois — o mesmo Rubotton do Departamento de Estado — fez um discurso, dando o gôlo na Operação Pan-americana, dizendo que não contássemos com muita cooperação, porque a coisa estava difícil. Qual teria sido a mudança súbita na atitude americana?

Para mim, o que aconteceu foi o seguinte: Mr. Dulles começou a receber os resultados das eleições no Brasil. E a ficar desesperado. Telefonou para o seu Embaixador no Brasil, Mr. Briggs e disse:

— "Oh Briggs, eu estou muito aborrecido. Você me disse que o Brasil estava cheio de comunistas. Eu saí daqui carregando uma magnólia debaixo do braço para plantar em Brasília. Prometi um banco interamericano. Topei essa idéia de OPA e agora os comunistas perdem nas eleições do Brasil... Prestes perdeu em Santos, perdeu em São Paulo, o filho de Vargas também perdeu... Onde estão os comunistas do Brasil, Briggs? E' preciso ser mais preciso nas suas informações, Briggs!"

Desliga o telefone e liga imediatamente para Rubotton:

— "Alô? Rubotton? Oh Rubotton, você faça imediatamente um discurso dando um gôlo nessa Operação Pan-americana... Não Rubotton, eles não têm comunistas lá, não têm nada. Não há perigo nenhum, Rubotton! Você mande nesse discurso os latinos trabalharem e se eles precisarem de investimentos, que se entendam com as companhias particulares de petróleo! Claro Rubotton! No comunistas, no dólares!"

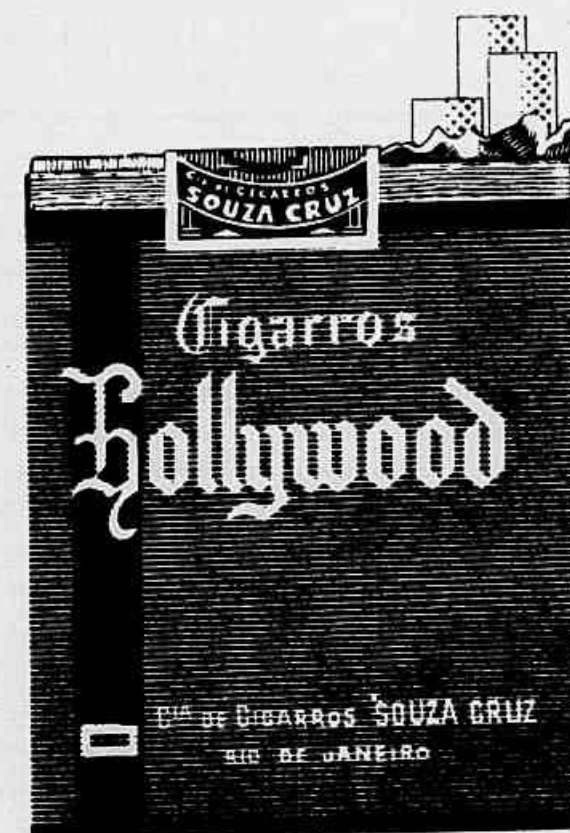


partilham do mesmo encantamento...

do mesmo querer bem... e, naturalmente,

do mesmo maço de Hollywood.

uma tradição
de bom gosto



CIA. DE CIGARROS SOUZA CRUZ



Maria Callas.



Marlene Rosário.

Frank Sinatra.



Renata Tebaldi.

MULHERES EM DISPUTA é o assunto de hoje. Temos duas partes: uma nacional e outra importada. Esta última, inegavelmente, possui maior repercussão, já que se trata de um fato conhecido pelo mundo inteiro. Mas a parte nacional possui uma grande vantagem: as mulheres são mais bonitas e estão mais perto.

RENATA TEBALDI é uma antiga preferida deste colunista. Embora Elsa Maxwell nunca ma tenha apresentado, não há dúvida de que se trata do melhor soprano em atividade no momento. Aqui no Rio nem é preciso debater a questão. Qualquer soprano que se apresenta faz sempre alguém (em geral um assinante há anos do Balcão Nobre) comentar: "Mas não é a Tebaldi..."

Segundo a revista "Time" a moça adora a mãe, é gentil, calma, modesta e excelente profissional. Não gosta de magoar os outros, e não aceitou cantar no Scala de Milão depois que Maria Callas foi expulsa dele, porque "não canta contra ninguém".

MARIA CALLAS por sua vez, além de ter perdido vários quilos e ter sido apresentada a várias pessoas de destaque do Brasil, nunca obteve sucesso maior no nosso Teatro Municipal. Deve ter sido isto que a fez ficar com inveja de Tebaldi...

Em todo caso, segundo o mesmo "Time", Maria Callas detesta a mãe (que diz pretender processar a filha), é agressiva, nervosa, orgulhosa e péssima profissional.

Com o "Metropolitan Opera House" tendo convidado Tebaldi para abrir sua temporada comemorativa do Jubileu de Diamante de sua fundação, e em seguida ter expulso de seu quadro de cantores Maria Callas, a questão sobre quem é o melhor soprano está encerrada. Então, agora que não há dúvida de que minha admirada Tebaldi é "maior" (sem ter cantado no rádio brasileiro), vou admitir uma coisa: Maria Callas é uma grande artista, é o grito de desespero esperançoso de uma época que morre. Em que não havia microfone, cinema ou televisão, em que a máxima ambição do artista que cantava era ser Enrico Caruso e não Sammy Davis Júnior.

Um cantor de ópera podia chegar atrasado, queria discutir com maestros, devia ser visto constantemente em atitudes arrogantes, dizia o que lhe viesse à cabeça, e não havia colunista algum que tivesse interessado em saber se a mãe dele gostava ou não do talento ou mesmo da vida de seu rebento. Ter o nome nas primeiras páginas, foi isto que Callas fez pela ópera, porque há anos que a única ocasião em que jornais deram manchetes a um membro da ópera, foi quando Beniamino Gigli morreu. Eu

sei bem compreender Maria Callas. Deve ser desesperador querer vencer, ter que vencer, na vida, num campo que apaixona, para descobrir que apenas os críticos falam do artista, nas suas colunas especializadas, nas últimas páginas do jornal, enquanto Louis Armstrong é chamado de "embaixador" pelas manchetes do mundo inteiro, ou Frank Sinatra manda dizer que não pode ir à festa da princesa Margaret da Inglaterra, "porque está cheio de convites desta natureza..."

Minha admirada Renata Tebaldi é o melhor soprano do mundo, mas se hoje estou escrevendo a respeito de ópera, ou mesmo a respeito dela, o motivo foi Maria Callas. Todos os que cantam ópera, os que gostam de ópera, os teatros de ópera, e o "Metropolitan Opera House", devem um "muito obrigado" à temperamental e excelente artista, que deu o derradeiro grito de um gênero de arte que morre; e o teria despercebido se não fôsse Maria Callas.

NORMA BENGUEL E ELIZABETH GASPER são a disputa carioca entre artistas. Vocês já estão cheios de lerem os nomes delas e de verem as fotos delas e de saberem tudo sobre elas. Não vou falar de seu talento (isto poderia causar protestos) nem

de suas últimas ofertas de contrato (tôdas fabulosas e todos recusados, é claro), mas vou falar do ponto que não pode ser discutido: são atraentes.

Aliás, não vou falar nem sobre a atração delas. Vou apenas dizer, que enquanto as duas disputam até sobre qual faz corações masculinos serem mais adeptos do "hula-pula", aparece uma terceira que é realmente um caso muito sério: Marlene Rosário. Como no momento esta revista está sendo muito comprada por meninos que escrevem cartas a Papai Noel, vamos dar apenas um flagrante do rosto de Marlene, para que um dos menores não resolva colocar o velhinho em sinuca pedindo uma cópia de Marlene de corpo inteiro no Natal.

O caso é que no fim do ano vou mais uma vez apontar os "Mais e os melhores" da noite carioca, e uma das indicações é "A artista mais atraente da noite". Todo mundo que se encontra comigo pergunta: "Benguel novamente ou Gasper desta vez?" A verdade é que a grande probabilidade é que Marlene Rosário receba a votação total dos homens (Adolpho Cláudio Graça Couto, Leopoldo Modesto Leal, Cezario Mello Franco, etc.) que irão escolher a vencedora entre 5 finalistas que apresentarei ao critério e bom gosto (são todos peritos no assunto) deles.

KALEIDOSCÓPIO

Beniamino Gigli.



Enrico Caruso.



CHUCK WOODWARD

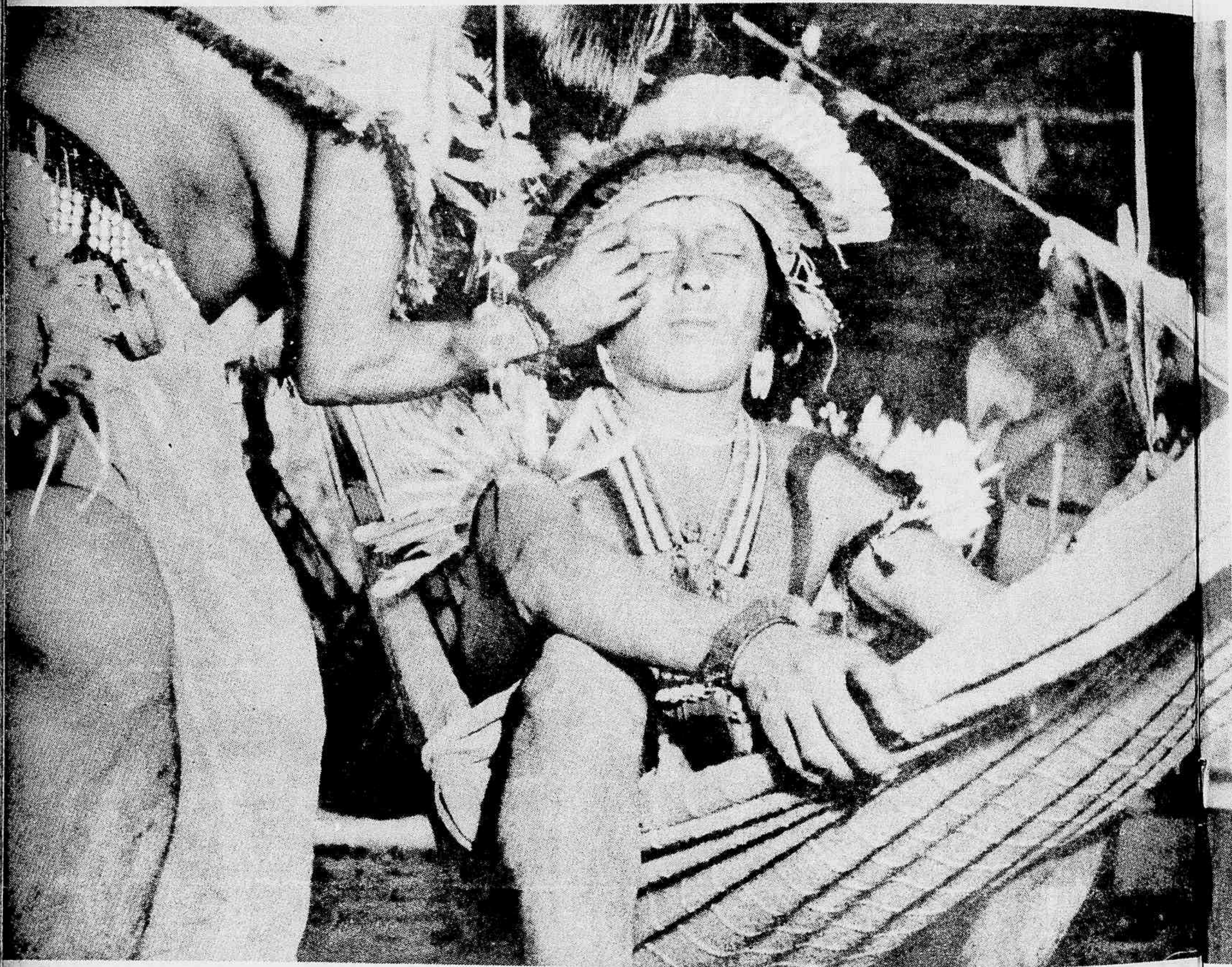
ENTRE OS ÍNDIOS KAAPOR

"Quando Go-noeno-hodi estava fazendo o mundo, fêz o sol e depois a lua, o sol para clarear o dia e a lua para a noite ficar clara também. Mas aí Caracará disse:

— Assim patrão ruim mata os pobres de tanto trabalhar, não vão poder descansar, trabalham de dia, vão comer e depois o patrão ruim vai querer que eles trabalhem de noite também.

Go-noeno-hodi achou bem assim e fêz a lua como está, bem escura, não dá para trabalhar, a gente tem que descansar e dormir".

Nunca poderei esquecer essa narrativa de Matixuá que aprendi num livro de Darci Ribeiro, esse moço que nasceu em Montes Claros, em 1922, tem hoje um nome conhecido e respeitado não apenas no Brasil mas no estrangeiro, nos países em que tem com-



Momento do cerimonial de nomeação em que o tio-materno, investido da atribuição de dar nome ao sobrinho, é ritualmente pintado

ADORNOS DE PENAS PARA AS COME M



pela irmã. A direita, um kaapor, com alguns de seus adornos mais simples, preparando a sua flecha.

E MORACÕES DA VIDA E DA MORTE

Reportagem de ENEIDA



São os índios Kaapor os herdeiros e mais insígnies detentores atuais da arte plumária, que celebrizou os grupos tupis. A direita.

parecido para representar-nos em congressos de antropologia e etnografia.

Darci Ribeiro nunca é encontrado nesta cidade; ora está perdido nos sertões de Mato Grosso, ora foi estudar os índios do Amazonas. Partiu para o rio Gurupi, foi passar meses com uns Urubus e de todas as suas viagens trás-nos filmes, documentos, músicas e livros. Para ele, Go-noeno-hodi não fez lua escura; mesmo sem patrão ruim, Darci Ribeiro aproveita também as noites para trabalhar naquilo que tanto ama: os índios, sua arte, suas "estórias", suas crenças, seu trabalho, sua vida. E por que não dorme, deu-nos não há muito tempo, um dos mais belos livros — talvez gráficamente seja o mais belo — já aparecido em nosso país. "Arte plumária dos índios Kaapor", com pranchas de George Dumas, fotografias de Foerth-mann, vinhetas e desenhos técnicos de José Coelho.

Darci Ribeiro conta-nos que raras vezes os documentos plumários foram objeto de estudos etnológicos ou artísticos "e em poucos casos mereceram a atenção que deveriam impor, como uma das mais altas criações estéticas dos nossos índios" e — é ele quem ensina — "é na plumária que encontramos a atividade mais eminentemente artística dos nossos índios, aquela em que revelam os mais elaborados impulsos estéticos e mais vigorosas características de criação própria e singular". Diversas tribos brasileiras alcançaram tão alto grau de aprimoramento neste campo que, com referência a seus adornos plumários, se pode falar de uma verdadeira arte.

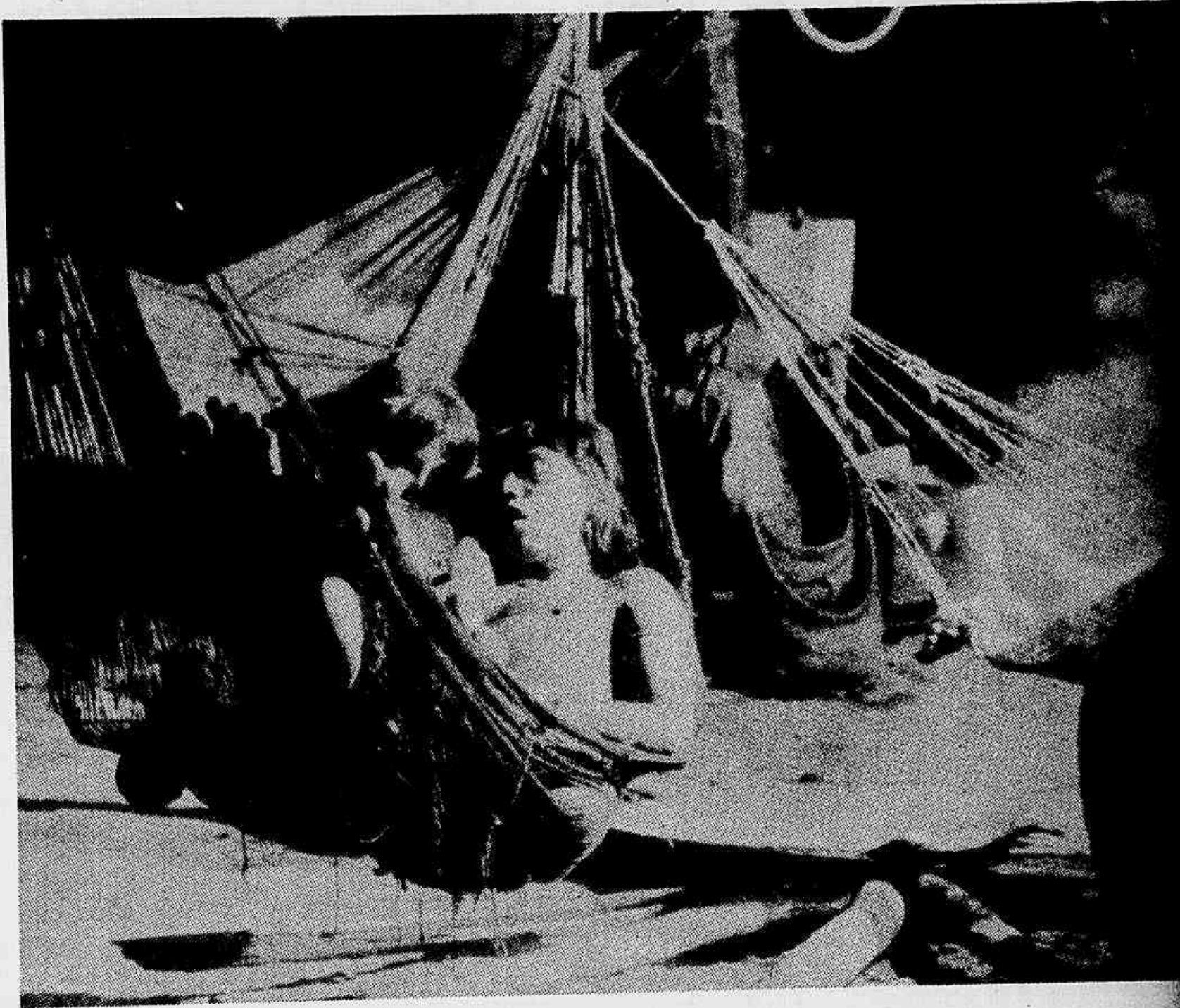
O MUSEU DO ÍNDIO

Quando Darci Ribeiro fazia parte de uma valorosa equipe que então dirigia o Serviço de Proteção ao Índio, organizou o Museu do Índio, um dos mais belos que este país possui. Lá estão colecionados, entre filmes, músicas, cerâmicas e outras artes indígenas, a plumária, os cocares, as pulseiras, os cordões, tudo que constitui para os Tupis a arte de se enfeitar. Diz Darci Ribeiro: "Os índios Urubus ou Kaapor, como se denominam, são os herdeiros e mais insígnies detentores atuais da arte plumária que celebrizou os grupos tupis".

Leva-nos à fauna ornitológica da floresta amazônica, à intimidade dos índios com a mata, à caça aos pássaros para obtenção das penas de tantas aves que "constitui atividade constante e das mais exaustivas". Há mesmo casos de acidentes e mortes entre os índios "ocorridos nesta busca de penas raras". Desde pequeninos, os Kaapor "são estimulados a se exercitarem neste mister. Para que se tornem bons caçadores de passarinhos, os pais colhem teias de uma certa aranha que pregam na testa dos filhos. Ali pelos sete anos iniciam correrias pelas clareiras nas imediações da aldeia e em seguida ingressam nos grupos de passarinhos que correm a mata mais próxima à procura de ninhos de aves. Apanham diversas espécies para criar como xerimbabos. Entre estes figuram mutuns, araras, jaús, jacamins, papagaios, sobretudo a guarajuba, a mais rara e a mais apreciada. Vivem soltos na aldeia.



A plumária dos Kaapor
os acompanha
desde o nascimento. Sua utilização
pode ser descrita através
do ciclo da vida.



cena de aldeia Kaapor, em dia comum. Notar os apetrechos indígenas, tão representativos desse grupo.

para folguedo das crianças, deleite dos adultos que jamais lançam mãos dêles na alimentação".

Depois apresenta-nos as jóias de penas: colares, brincos, pente. E ainda pulseiras, cintos, etc. "A moda não parece ter desempenhado papel importante na mudança dos padrões. Entre a coleção de 1930 e a de 1951 há mínimas diferenças a registrar. Referindo-se à plumária antiga, os índios dizem que, outrora, as peças eram maiores e mais ricas em penas, mas não mencionam adornos que tenham caído em desuso.

Citando várias vezes Gastão Gruls que também estudou a arte plumária dos índios Urubus e ainda Raimundo Lopes, Darcy Ribeiro em seu livro mostra-nos as técnicas do plumista, dizendo-nos no capítulo intitulado "A Arte e a vida": "A confecção dos adornos plumários representa uma das mais gratas ocupações dos índios Urubus. E' realizada por homens e mulheres durante as horas de lazer, depois de supridos com boas provisões de caça e de farinha, ou nas vésperas das grandes festividades. E' de ver-se o afã com que trabalham os velhos, nessas ocasiões, para proporcionar a todos, novos e vistosos adornos. Como a plumária os acompanha desde o nascimento, sua utilização pode ser descrita através do ciclo de vida.

E vem a criança nascendo com adornos especiais; "quando começa a sentar, realiza-se a festa da nomeação (mu-heré — dar nome) através da qual é apresentada à tribo. Trata-se da mais importante cerimônia Kaapor, aquela que enseja a fabricação de nossos adornos plumários com que todos se paramentam nos gran-

des dias. A êstes adornos não cedem por preço algum antes da festa. Os pais e padrinhos se esmeram no preparo dos diademas de japu e colares-apitos para si próprio e os demais adornos para as mulheres e filhos, no que são ajudados pelos amigos e parentes mais habilidosos como plumistas."

Gostaria de transcrever este capítulo, um dos mais belos do livro de Darcy Ribeiro — "A Arte Plumária dos Índios Kaapor". Nêle passam nascimentos e casamentos, passam a morte e as lendas com Maíra "o herói místico a quem os Kaapor atribuem a criação do mundo e dos povos. Foi Maíra quem ensinou aos Kaapor "como fazer os diademas de penas amarelas".

Leva-nos Darcy Ribeiro ao "Akangatar" — diadema de penas caudais de japu. E' o adereço mais belo e mais elaborado dos Kaapor"; aos outros adornos como o colar de uso feminino tão belo na variedade de suas cores trabalhadas com tanto gosto, tão delicadamente, que parece impossível tenham sido executadas com instrumentos rudimentares, pela mão do homem. Seguem-se outros adornos, cada qual o mais belo e mais delicado, tão brilhante na sua profusão de cores harmoniosas.

Além do trabalho do autor, louvável em todos os sentidos, é sempre bom reafirmar o que já foi dito: êste, um dos livros graficamente mais belos que já foram editados no Brasil. Conteúdo e forma nêle se juntam para formar um livro que se poderia chamar: livro-jóia. Quem não puder comprá-lo, pelo menos visite o Museu do Índio que Darcy Ribeiro criou e organizou, com sua cultura, sua dedicação, seu amor pelos nossos irmãos índios.

APRENDA A DANÇAR



**CHÁ-CHÁ-CHÁ
DOIS E UM
GUARACHA
BOLERO
MARCHA
RUMBA
SWING
SAMBA
TANGO
MAMBO
BAIÃO
CHORO
VALSA
FOX**

em apenas 10 dias, pelo moderno método do Prof. Gino Fornaciari, autor do livro «Como Aprender a Dançar», já em 9ª Edição, melhorada, contendo 140 gráficos, que permite a V. S. aprender em seu domicílio, sem professor. Faça seu pedido, pelo Reembolso, à Caixa Postal 649 — São Paulo. Cr\$ 130,00 — Encontra-se também à venda em todas as livrarias do Rio e de São Paulo. O Prof. Gino Fornaciari mantém um curso especializado de Aulas Particulares, diariamente, das 9 hs. às 22 hs. à Avenida Liberdade, 120 — 2º andar — conj. 8 — São Paulo.

LEIAM

EU SEI TUDO

Cr\$ 15,00

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto for insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando for, ao contrário, demasiadamente volumoso, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios, é um preparado moderníssimo, eficiente, de aplicação local e resultados imediatos. Adquirir-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



BÉL-HORMON

Sociedade Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Rua São Januário, 708
Rio de Janeiro

Queiram enviar-me por Reembolso Postal um vidro de «BÉL-HORMON»
Nº
NOME
RUA Nº
CIDADE
ESTADO
Por Vale Postal Cr\$ 150,00

NESSE NÚMERO 445, do dia 22 de novembro de 1908, a matéria que merece o destaque do artigo de abertura de Mendes Júnior; caricaturas abrangendo duas páginas inteiras, e ainda um completo texto à página 6, é a fabulosa história de Zizi-Bamboula, que aparece sob este título sensacional: "O Mistério da Espécie: Homem ou Simio?" E, numa série de subtítulos: "A Negra e o Macaco"; "De como se pode apreciar que a espécie humana é prima-irmã da do macaco"; "Zizi-Bamboula é um ser humano ou um irracional?"; "A dúvida empolgante".

O caso que tanto entusiasmou a Revista, nesse número de 22 de novembro de cinquenta anos atrás é a história sem dúvida extraordinária "de uma mulher e um macaco que deram vida a um ser extraordinariamente fantástico, horripilante, segundo ser verdade o que conta um jornal francês."

"Zizi-Bamboula existe — prossegue a notícia — e o mundo científico tem hoje um produto vivo de um gorila e de uma pobre preta vítima da bestialidade brutal do terrível irracional oriundo das plagas de Bornéu. A discussão tão controvertida da impossibilidade da ligação da espécie humana com qualquer irracional possui agora um elemento da máxima importância que servirá talvez para correr uma ponta no véu tenebroso em que está envolvida a questão."

Depois de considerações, entra a reportagem no histórico do caso: Uma negra de raça oceânica, tendo-se internado des-cuidadamente mais do que devia, nas terras de Bornéu, foi agarrada e violentada por um enorme gorila, segundo afirmou aos navegantes italianos que a encontraram. Vítima da bestialidade do macaco, a muito custo conseguiu salvar a própria vida. A desgraçada, porém, tempos depois, deu a luz a um fenômeno extraordinário. Teve um filho que é ao mesmo tempo um ente humano e um macaco. O homem-macaco chama-se "Zizi-Bamboula". Vive e pode ser observado na Europa. Promete a Revista publicar, no próximo número, a fotografia do monstro, reproduzida de "Le Journal" — que distribuiu ao mundo a surpreendente notícia.

Outras matérias desse número da R.S.: A chegada do dr. Rodrigues Alves, ex-presidente da República, de uma viagem a vários países do velho Mundo; as recepções do Exército e da Armada, por ocasião da passa-

A REVISTA HÁ 50 ANOS

Domingo, 22 de novembro de 1908.

gem do dia 15 de novembro; o casamento, em Paris, do Príncipe D. Luís de Orleans e Bragança, com a princesa d. Maria Pia de Bourbon Sicília; a chegada a Campinas do Arcebispo de São Paulo, Dom Duarte Leopoldo da Silva, para assistir à posse do bispo D. João Nery; o pânico havido numa sinagoga da Hungria, durante uma cerimônia religiosa, tendo em vista um falso alarma de incêndio, provocando a morte de oito pessoas e graves ferimentos em quarenta; aspectos colhidos no Cemitério de São Francisco Xavier, por ocasião do dia de Finados.

E entre caricaturas sobre a situação política, o famoso apólogo de Machado de Assis — "A Agulha e a Linha"...

Notícia curiosa vem da Alemanha: o povo de Munique — diz a R.S. — tem admirado ultimamente, em uma feira, um tal Mister Tabor, que une a um vigor muscular surpreendente, o dote raríssimo de respirar pelos olhos... Dá a prova disso, cobrindo um deles de água e sabão: de repente vê-se elevar-se dessa água uma bola irrisada como as que fazem as crianças soprando por uma palha. Essa bola desprende-se e voa. A propósito, um jornal de Munique conta que um tal de Michael la Casa, há três anos, em Boston, em Chicago e mais tarde em Nápoles, obtinha do sopro dos olhos efeitos espan-

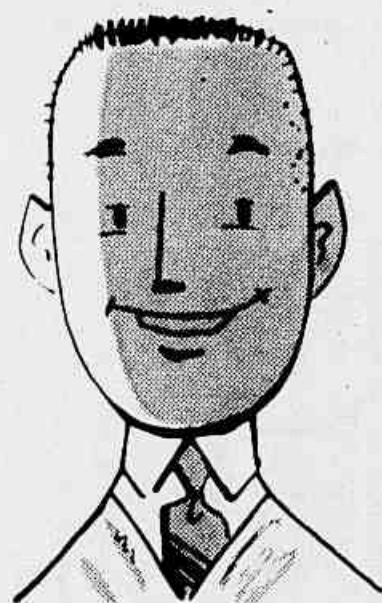
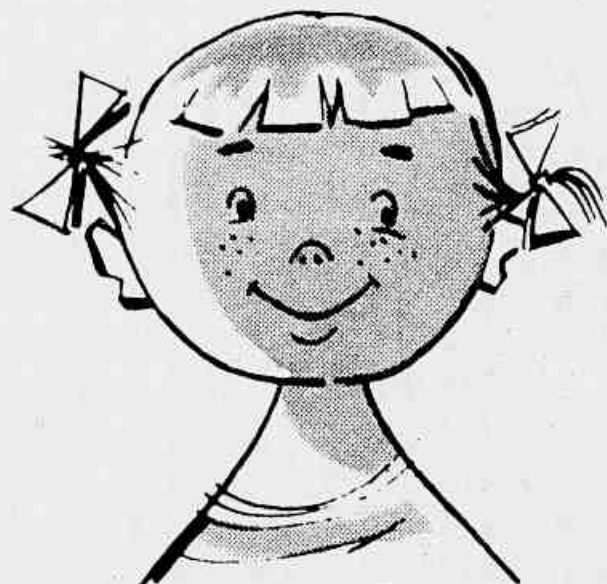
tosos. Adaptava a um deles um pequeno tubo de vidro, cuja extremidade anterior terminava em ponta. A corrente de ar obtida era bastante forte para apagar uma vela e suficiente para mover uma bola de borracha. A explicação do fenômeno deve ser procurada em uma comunicação entre o canal lacrimal e as fossas nasais — prossegue a Revista: fechando a boca e tapando o nariz, uma forte exploração faz refluir o sopro para o ângulo interno de um dos olhos.

É desta maneira exuberante que comenta a Revista o encerramento da Exposição Nacional, que vinha sendo, há seis meses, o grande assunto da cidade: "Como uma apoteose que se apaga e deixa a retina afogueada de um espetáculo surpreendente; como um canto estridulo e forte que deixa repercutindo um eco sonoro, como um sonho magnífico cuja evocação enlanguede a alma de um prazer delicioso, passaram-se os célebres dias do atual certame. O que foi essa obra maravilhosa atestam a admiração e o aplauso de todos que a apreciaram, cariocas e forasteiros — visão sublime envolvendo em uma clâmide rútila e fantástica o esforço vitorioso de um povo culto cuja colocação na vanguarda dos países adiantados vai conquistando a força de trabalho auxiliado pelas suas estupendas riquezas."

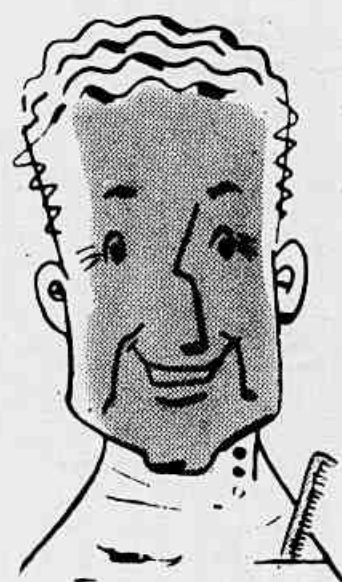
Era assim há cinquenta anos...



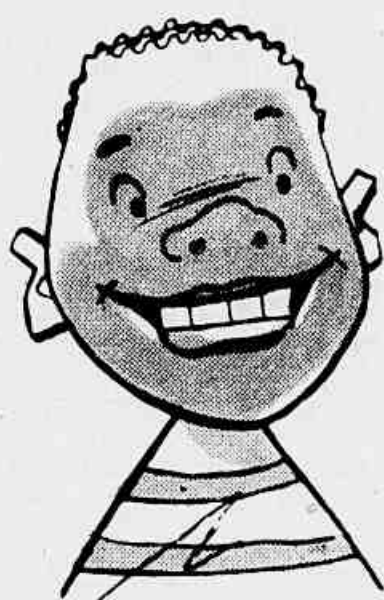
Tenente José G. Pacheco de Aragão, embarcado no navio-escola Benjamin Constant. Fotografia tirada durante a permanência desse vaso de guerra no Japão.



O público que aprecia rádio e televisão



· não importa a idade, gosto e tendências -



para se entreter, informar ou instruir

TV
RECORD
CANAL 7

PRA5
RÁDIO
SÃO PAULO

PRH7
RÁDIO
PANAMERICANA

PRB9
RÁDIO
RECORD

**encontra nas UNIDAS
— o melhor!**



JASMINA ESTAVA certa do amor de Sérgio. Certíssima. Primeiro, porque o pilhara uma noite, logo após o jantar, a bulir em suas gavetas, lendo avidamente as cartas que encontrava. Naturalmente, imaginara-a distraída, no quarto da avó e fôra fazer uma ciumenta visturia em seus guardados. Por sorte, ela fôra apanhar um lenço e pegara-o com a boca na botija. Pensou ainda em interpellá-lo para ver como o rapaz se sairia da situação embaraçosa. Mas teve pena. Sérgio era orgulhso demais e ficaria desesperado por ter sido visto assim. Observou-o a arrumar as cartas de onde as tirara e depois, apanhar uma de suas sedosas camisolas, nela mergulhar a cabeça, beijando-a com sofreguidão. Jasmina voltou devagarzinho para não ser pressentida, gozando de uma felicidade simultaneamente doce e sensual, a envolvê-la.

Também observara que êle só saía nas noites em que ela ficava fazendo companhia a Nabira. Isso, para ter desculpa de vê-la adormecida ou cuidando da avó, quando chegasse de madrugada.

Numa dessas noites ela pôs, de propósito, uma camisola rendada sob um "penhoir" de sêda azul. Deitou-se com o rosto levemente maquiado para ficar bem bonita, espalhou os cabelos jeitosamente na rêde branca, abriu o "penhoir" como se por acaso para aparecerem as rendas a velar-lhe os seios e ficou a esperá-lo, fingindo dormir. Sérgio chegou às duas horas. Nabira ressonava num ritmo aflitivo, mas, antes de espiar a avó, êle foi ver a prima. Ficou muito tempo a mirá-la, depois, depositou dois beijos muito leves, um em seu colo, outro em seus cabelos esparsos.

Por fim, foi ver a avó. A velha acordou e Sérgio disse-lhe ainda emocionado:

— Vovó, nunca vi alguém dormir como Jasmim do Cabo. Parece até uma estrêla de cinema, arrumadinha, muito bonita. Quem sabe, ela como você faz muitas vêzes, gosta de fingir que está dormindo? Se é fingimento, descobriu que eu a amo muito, porque a beije com grande ternura.

Nabira reclamou:

— Praque fez isso, lé? Perque beijou sua prima durmindo? Quem disse pra ocê ieu finjo durmi sem tá durmindo?

— Vovó, ninguém me tapeia. Agora, por exemplo, estou desconfiado. Se aquela mocinha dorme tão profundamente, apesar da nossa conversa, então é uma péssima enfermeira!

Saiu rindo do quarto.

Jasmina não pregou olhos o resto da noite. Ficou pensando no quanto era bom amar e ser amada. Aquêl amor anulara sua vontade, desfizera seus antigos planos, esmerecera mesmo, a saudade dos seus. Sua vida era Sarkís. Sarkís preponderante e cheio de vontades... Sarkís meigo e ciumento... Sarkís másculo e agorotado...

Na manhã seguinte à hora do café, Sérgio perguntou-lhe:

— Não sonhou com um jovem alto, moreno e simpático a beijar-lhe os cabelos e o colo?

Jasmina encarou-o maliciosamente:

— Moi? Eu non conee aucun rapaz, alto, moreno e sympathique.



Sérgio impressionou-se horrivelmente. Com os olhos marejados, braço da prima.

Jasmina era muito mulher, portanto, abusou de seu poder, maltratou-o mais, rendendo-o quase louco.

Nabira, uma ocasião, comentou perante ambos, o erro de Jasmina ainda não ter escrito à sua gente sobre o próximo noivado. As cartas vindas do Líbano, lidas pela jovem à avó, provavam que a família as esperava, assim que ela se restabelecesse, sem a mínima idéia do próximo compromisso de Jasmina.

Sérgio fitou a prima, ansiosamente, constando com profundo sentimento, que para ela tudo continuava sendo mesmo uma farsa. Se nada dissera aos pais, era porque sua idéia fixa ainda era de regressar. Ele faria o diabo, mas Jasmina não lhe escaparia. Não poderia mais perdê-la.

A moça arranjou uma desculpa:

— Non mandei contarr, vovó, porque eles von ficar triste, triste de saber que eu vai viver en Brasil. Só mandarrrei dizer à última horra.

Nabira divagava:

— Minha filhina, ocê vai vê qui casamento e amor vai faz ocê feliz, feliz. Só fica mesmo saudade de sua gente. Nada como se viver com o home do nosso corazon. Non tem felicidade maior.

— Depois, Rainha da Inglaterra, eu poderei levá-la ao Líbano, de vez em quando, para matar saudades.

— E' sim. Ocê proveita pra vê qui terra linda. Chasmina, ocê non viu ni museus de Liban, uns sapatos de salto de um metro e meio de altura? — Era pras as moças calçar ni lua-de-mel, mostrando qui elas tavam tão feliz, tão feliz, qui viviam no alto, no céu. Nada como lua-de-mel com home do nosso corazon.

A idéia tão clara dos prazeres do casamento, Jasmina corou. Sérgio, emocionou-se. Mas a jovem refez-se depressa, argumentando:

— Vovó, nos museus também vi uns sapatos cheios de... (Perguntou em árabe, como se dizia guisos em português. A velha traduziu e ela continuou) cheios de guisôs, que maridos ciumentos obrigavam as mulheres calçarem para saber sempre onde elas iam. Casamento também é escravidon.

Sérgio acendeu com raiva um cigarro, para atirá-lo pela janela um segundo depois:

— Vovó, essa súdita rebelde e independente precisa de um castigo. Precisa de outro beijo, daquele que lhe dei. A Rainha ordena?

Nabira sorriu consentindo. Ele aproximou-se da prima, ela, porém recusou-se terminantemente a beijá-lo. Falou ser aquilo uma falta de respeito. Já que citavam antigas tradições do seu país, lembravam uma outra: o imenso respeito devido à velhice. Até as princesas reais do Líbano, assistiam de pé, as lições ministradas por mestres de barbas brancas. A juventude tem de curvar-se, respeitando os velhos.

Sérgio ironizou:

— Nós nos amamos, acatando a vontade de vovó.

Sentia-se desesperado, furioso. Nabira conhecia-o bem e com sua arguta perspicácia percebia alguma coisa errada, destoante:

— Ocês as veis son squisitos. Sabe qui ieu até pense qui non quere mesmo casar? Ocês tão tapiando a velha pra a velha fica logo boa?

Ambos exclamaram uníssonos:

— VOVÓ!

Jasmina atirou-se nos braços de Sérgio, escondendo a cabeça em seu peito largo. Sérgio beijava-a alucinantemente no rosto. Virou-se para Nabira:

— A senhora parece criança!

A velha esforçava-se para erguer-se. O neto correu a ajudá-la. Meio sentada e apoiada no rapaz, pediu:

— Chasmina, traz me baú de sôdades. Ieu vai dá pra ocê pulseira de ouro de dois corazons. Nassim deu ela pra ieu no dia qui sê pai nasceu. Só dava essa pulseira pra mulhé de Sérge. Ela ficou ni me braço até pra tomá banho, até ni dia qui essa escada desgraçada me liquidou. Ismagou mê braço todino.

— Que liquidou nada, vovó! Deixe de bobagem. Mais cinco dias e a senhora tira essa couraça e fica boa e faceira de novo.

— Non Sérge, ieu sinto me corpo mole, doído, fraquino... Essa queda desgraçada me matou.

— A senhora anda é ficando dengosa, vendo sempre todos nós à sua volta.

Jasmina trouxe o cofre. Sérgio abriu-o. Os lábios da velha tremaram, coisa que nunca acontecera. Não tremiam de emoção, porém de fraqueza. Lá estavam o tóco de vela, o fruto fanado, o punhado de terra, a madeixa de cabelos do marido e a pulseira. Sérgio apanhou-a.

— Bota ni braço dela, mê filho. Isso vale mais qui aliança.

Quando se curvaram para realizar a singela cerimônia, envolveu-os um cheiro desagradável, cheiro de morte, de suor de muitos dias, evoluindo-se macabramente do corpo de Nabira, abafado há tanto tempo na mortalha de gesso.

Sérgio impressionou-se horrivelmente. Com os olhos marejados, apertou a pulseira no braço da prima. Levantou-se de súbito e saiu quase a correr do quarto, prisão daquela águia altaneira que, num vôo arrojado, cruzara o oceano com dois filhotes implumes e terminaria por fazer seu ninho definitivo, num sobradão colonial do Maranhão.

A avó comentou:

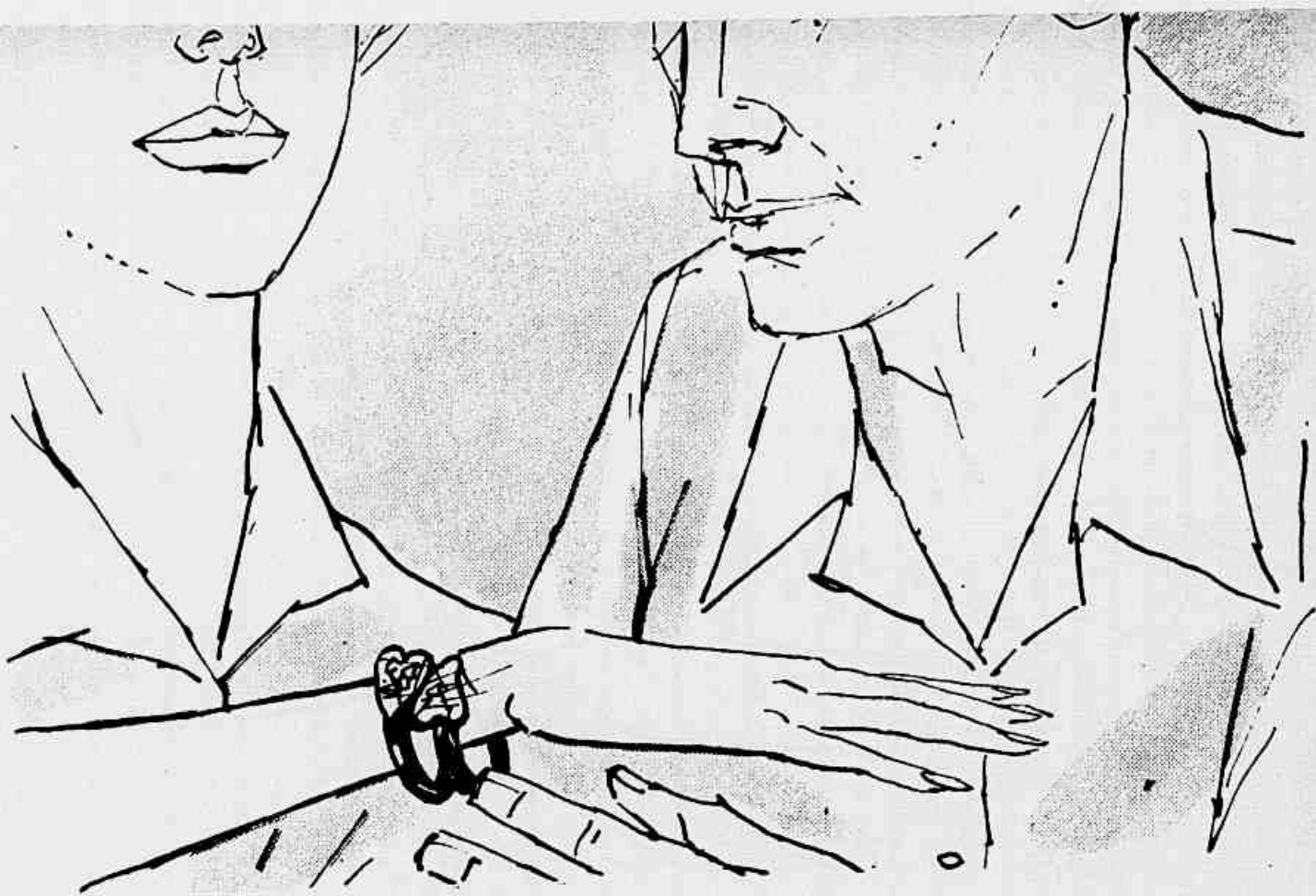
— Sérge non aguenta emoção ni boa, ni má. Ele quer muito bem ocê, mina filha, como nunca pensei qui quisesse alguém. Olhos dêle non larga ocê. Faz êle feliz, Chasmina. Êle é bom, bom como que.

Jasmina abraçou-a chorando, apesar do odor desagradável a envolvê-la. Rogou em árabe para Deus ajudá-la a fazê-lo feliz...

Sérgio viveu horas atroz. Nem foi ao escritório. Disse a Georgette que não estava passando bem. Misturavam-se duas tremendas angústias em sua alma: medo de avó morrer e de Jasmina partir para o Líbano, sem ter querido ser sua esposa. Andava louco, sem uma certeza, pois a prima às vezes parecia-lhe como vida e afetuosa, outras fria e brincalhona. Amava-o? Não o amava? Que luta, que Inferno! E a avó sofrendo tanto, emagrecendo, não querendo comer, pressentindo a morte! Cheirando mal, ela que usara sempre perfumes fortes e tinha um hálito estranho, mas agradável, dada a mistura de "misk" e do fumo de "arguile", a embalsamar-lhe a boca de dentes ainda sãos.

Tentava alijar os mórbidos pensamentos, mas êstes voltavam negros como corvos farejando carniça. Via o velório da avó, na sala principal do sobrado, o caixão cercado pelas cadeiras douradas,

apertou a pulseira no



das quais ela se orgulhava tanto, as dezenas de retratos em volta, dizendo-lhe adeus também... Havia uma fotografia desmaiada e tétrica, tirada pouco antes de ela emigrar para o Brasil. Pousara com o sôgro e os três filhos, empunhando na mão direita, o retrato do espôso desaparecido. Sérgio implicara sempre com essa foto. Para que misturar a vida e a morte? Esse era um péssimo hábito da colônia. Quantas salas conhecia em S. Luís, nas quais, entre fotografias de batizados e casamentos, via-se uma de um velório ou de grupos familiares cujas lacunas abertas pela morte, eram preenchidas pelos retratos dos falecidos? Os árabes gostavam de cultivar tristezas! Se a avó morresse (Cruz Credo!) não permitiria tirarem retratos do caixão. Queria se lembrar dela forte e corada, com a pujança, a vida e o "aplom" de uma velha rainha.

Estaria ficando louco, mórbido, chamando desgracia e fantasmas?

Chegou o ansioso e temido dia de livrarem-na do martirizante aparelho. Havia um clima de vibrante expectativa no sobrado. As quinze horas, hora marcada pelos médicos para levarem a efeito a importante operação, não faltava um só membro da clã, no sobrado excepcionalmente silencioso, pois as crianças haviam sido fechadas com as amas, num dos quartos do fundo. Decidir-se-ia o destino da matriarca. Abdo e Samir mediam o corredor interno com passos nervosos. Lino e Oscar jogavam xadrez, sem se importarem absolutamente com a sorte de bispos, reis, cavalos e tórreres. Pensavam só na RAINHA. Sérgio fumava cigarro após cigarro, enfiado numa grande poltrona, correndo os dedos longos na cabeleira inteiramente despenteada. Samia e Georgette, Jasmina, Fátima e Sandra, ajudavam os médicos.

Gemidos fugiam do quarto e os homens não tinham coragem de comentá-los... De repente, um cheiro podre, nauseabundo, espalhou-se pela casa. Georgette passou correndo com um lenço na boca para evitar náuseas, carregando o aparelho de gesso parecendo um esqueleto molengo, melado de pus e sangue coagulado. Atirou-o no quintal, gritando para as criadas o queimarem imediatamente. Voltou pálida e desfeita e atirou-se numa cadeira, prendendo as têmporas nas mãos. Os homens cercaram-na aflitos, perguntando-lhe o que havia.

— "Martame" está muito mais ferida do que eles imaginavam. Tem uma ferida enorme na espinha. As fraturas não soldaram direito, só a do braço. Dr. Leôncio disse que acha que ela tem mesmo de ir ao Rio fazer uma operação para ligar os ossos da bacia com lâminas de platina. O problema é a diabete.

Sérgio deu um pontapé numa almofada árabe de couro trançado.

— Bêstas! Fizeram a velha sofrer tanto para isso!

Jasmina saiu do quarto, branca, os olhos molhados, mordendo os lábios numa aflição.

Sérgio foi abraçá-la:

— Meu bem, ela irá ao Rio. Médicos burros! Lá, ela se opera os ossos se unem com lâminas de platina e acaba o sofrimento.

Jasmina agarrou-se a êle num desespero:

— Sarkís quando eu me lembro que se eu ficava para casar com você, vovó non saía aquela noite para faz despedida, non caía nem nada, eu sinto une tristeza imense.

— Bôba! Ela caía de outra maneira, o destino dela era esse. Vovó só adoeceria assim, caindo, se arrebatando. Nunca a ouvi se queixar de estar com dor de cabeça!

Oscar comentou com Lino, num tom amargo:

— Numa hora dessas, aqueles dois estão-se esfregando.

A dor de Jasmina era profunda, principalmente por lembrar-se que na noite fatídica, Sérgio e ela se amavam e, por capricho tolo, por orgulho de ambos, não se haviam entendido. Quanto sofrimento seria evitado se tivessem sido mais sinceros e espontâneos, se ela tivesse dito em voz alta e clara que não queria fazer despedida alguma, porque ficaria no Maranhão para casar-se com Sarkís e ter dêle muitos filhos...

Pensou em confessar-lhe o porque de sua mágoa e a ridícula inutilidade do sacrifício da avó. Mas, lembrando-se do atroz sentimento de a velha morrer breve dominando-a, no instante em que o corpo marcado e ferido pela veste de gesso, aparecera enfermo e magro sobre os lençóis, calou-se. Se a avó morresse, Sérgio sentir-se-ia desarvorado. Ela guardaria a revelação do seu amor para esse momento, para alegrá-lo, consolá-lo e distraí-lo da terrível tristeza que seria perder a sua Rainha da Inglaterra. Esforçou-se por sorrir:

— Je sais, Sarkís. Em Rio ela fica boa.

Os médicos saíram do quarto. Sérgio não lhes quis falar. Entrou para distrair a velhinha:

— Pronto, dona Nabira tirou aquela roupa velha e feia. Agora vai tomar um banho cheiroso e descansar daquele sofrimento.

— Mê filho, ocê viu qui chêro horrível? Até parecia qui ieu já tinha murrído. Virge Maria! Sum Salib! E non fiquei boa, Sérmino. Ta tudo doído. Non colou ni bacía ni perna.

— Vovó, nós vamos para o Rio. Eu sempre disse que os médicos daqui são uns burros. Vamos tratar de ir embora, procurar o melhor especialista do Rio. Em dois tempos êle pôe a senhora boazinha.

— Non sei si leu tem curage de ir pra longe de minia gente, de minia casa pra morrer ni terra stranha.

— Deixe de ser bôba, Rainha da Inglaterra. Então acha que eu vou deixá-la morrer? Nunca! Onde se viu morrer por causa de umas fraturas?! Você que veio do Líbano para cá, naquela situação, tem mêdo de dar um pulo no Rio para resolver logo isso? Nem parece a velha e corajosa Nabira.

— Ieu tá velha, mê filho, velhina. Ieu tou sintindo qui tou me acabando.

Suas mãos, martirizadas pelos rudes trabalhos de sua juventude, enxugaram duas lágrimas longas e cristalinas.

Sérgio sentia a garganta cerrada. Fêz confusão, bateu palmas, chamou todo mundo para ir vê-la:

— Pessoal, vovó está falando tolíces. Está precisando levar umas palmadas.

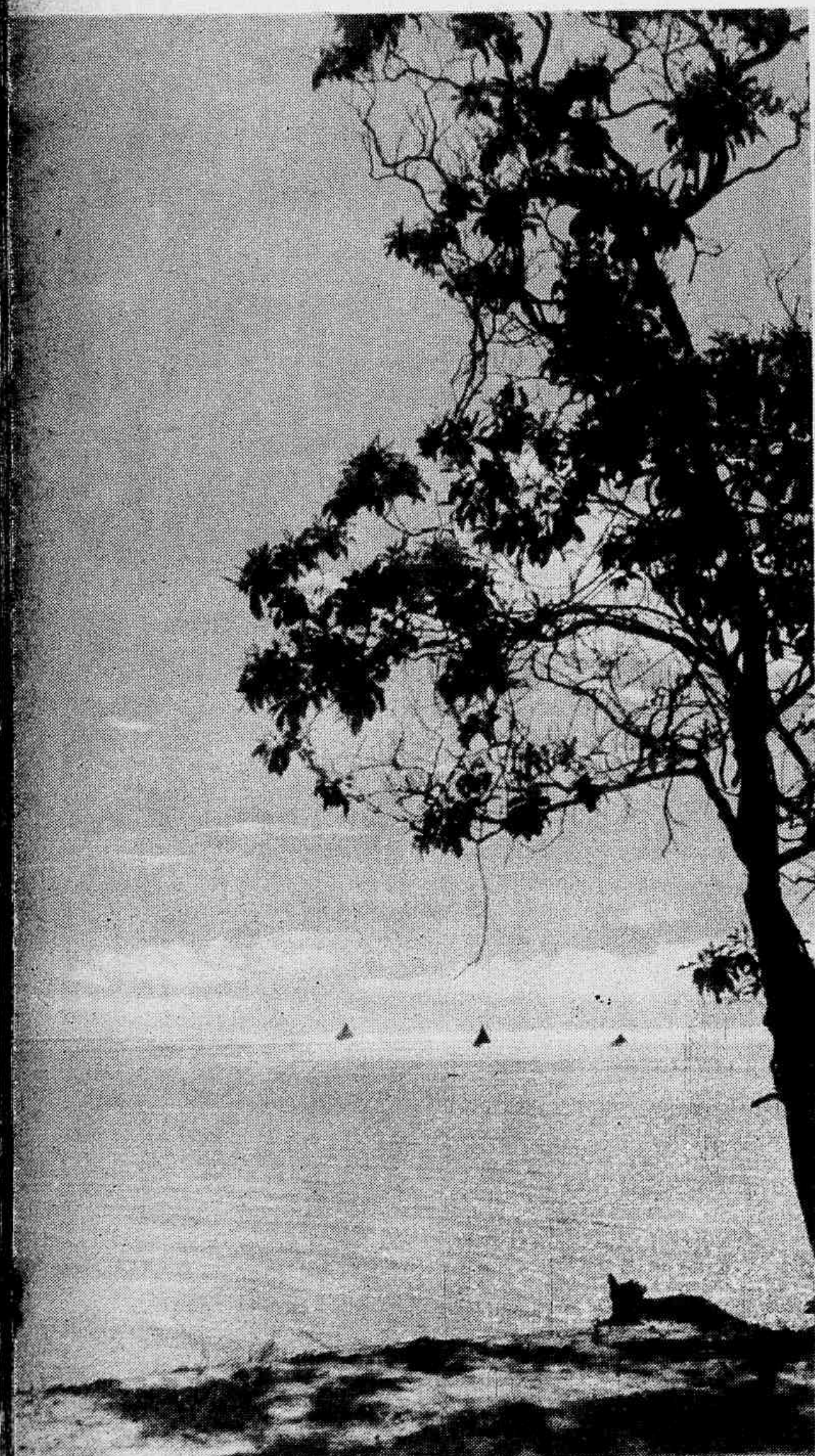
Fingiu bater-lhe. Mas, as lágrimas da velha continuavam a rolar, demonstrando uma fraqueza de ânimo nunca sentida.

Sérgio, sem que nem para que, pensou nas mulçumanas de rosto velado, constituindo uma parte da população do Líbano. Se pudesse envolver a avó em mantos de ilusão e véus de mistério, isolando-a do seu mundo de apreensões, protegendo-a de cruéis perigos, sentir-se-ia tão feliz!

(Continua)

MACAÍBA: AS LEMBRANÇAS

RENARD PEREZ



A vegetação da marézinha, marginada de mangues, onde os cavalos apareciam, às manadas. E um céu lavado e distante, muito azul. As cenas não têm unidade nem sequência. Vejo-as em quadros isolados, como num álbum que se manuseia.

DURANTE OS ANOS vividos longe de Macaíba, era principalmente a música que me conduzia a este mundo perdido. Um fragmento de valsa, antigas marchinhas de carnaval há muito tempo esquecidas e de repente cantadas faziam o papel dos boicotos de Proust e me transportavam ao meu Combray. Havia, também, o poder das fotografias do álbum de família, as histórias lembradas em casa, durante a visita inesperada de algum parente distante, e quando o nome mágico, de repente pronunciado, me fazia mergulhar no passado. Assim, pude sempre reter a ligação com um mundo onde vivi apenas meus cinco primeiros anos.

Mas agora eu vejo a cidade na sua presença física; e acontece este fato singular figuras que não conheci, episódios que não presenciei e que aconteceram antes de mim, me aparecem nitidamente, como se deles tivesse participado. Assim, o telegrafo me faz lembrar seu Amadeu — conhecido apenas através de fotografias — com a mesma intensidade que, revendo o cine-teatro, recordo duas peças a que assisti, provavelmente as únicas nesse período, e que nunca pude esquecer. (Digo as únicas, porque minha existência fora do sítio é reduzida, e a própria vida social da família não me parece que fôsse intensa).

O mercado me lembra pilhas de sacos de algodão, e entre elas uma balança enorme, em cujo prato alguém me colocou. O homem verifica a pesagem e ri para outra pessoa, que não consigo identificar. O curioso é que não vejo a cena de dentro para fora — nela apareço como se se tratasse de uma terceira personagem. Será que tudo isso tenha sido produto de sonhos?



Nomes adormecidos de repente me acorrem, diante dessas fachadas discretas, de porta e janela, e onde hoje vive, provavelmente, uma gente totalmente diversa da de meu tempo: seu Amâncio telegrafista, Gaby, velhota rica, Zé Moreno, companheiro de meu irmão, e apaixonado por pombos (preparava-lhes armadilhas, e depois que os escravizava, passava horas esquecidas a namorá-los, estirado na areia). Apesar das fachadas, devasso interiores, surpreendo três meninas fardadas, a decoração carnavalesca do Clube do Sete — onde minha prima compareceria à noite, de pastinha colada à testa. As cenas não têm unidade nem seqüência. Vejo-as em quadros isolados, como álbum que se manuseia. Poderia tentar reconstituir tais fragmentos, preencher os claros auxiliados pela imaginação, e assim recompor a fase. Mas eles insistem em aparecer isolados, e eu deixo que as imagens desfilem, e sejam superpostas por outras que, por sua vez, são também substituídas.

Entre as cenas que a memória guardou realmente, fixou-se, nítida, a de um circo. Ignoro em que ponto da cidade foi ele armado, ou como se chamava. Sobre esse circo, apenas dois momentos se gravaram: como num dêles aparece alguém de casa mandando transportar cadeiras para o espetáculo, suponho que não devia ser um circo de importância. Vejo-me, depois, diante de um picadeiro iluminado, onde um palhaço se curva, deixando escapar dos fundilhos da larga calça escura baforadas de fumaça. Gravaram-se também fragmentos de uma cançoneta que ele trau-teava:

“Teresinha vinha de fora,
Na hora que passou por aqui...”

Depois de alguns versos que não consigo reconstituir, a música terminava com o refrão:

“A noite é clara, clara,
Que parece o dia...”

O palhaço deveria repetir muitas vezes a cançoneta, principalmente este estribilho, porque durante largo tempo, no sítio, êle seria lembrado pelo meu irmão mais velho. Recordo-me também de que o palhaço chamava alguém — possivelmente o diretor de espetáculos:

— Seu Mané, him, venha cá...

No “him”, retezava o corpo, num jôgo de movimentos que impelia o ventre para adiante, o que provocava as gargalhadas do público. Um outro detalhe que me ficou dêsse espetáculo foi o número da moça do arame. Lembro-me da sombrinha com que ela se equilibrava, e de umas coxas que me impressionaram pela sua alvura.

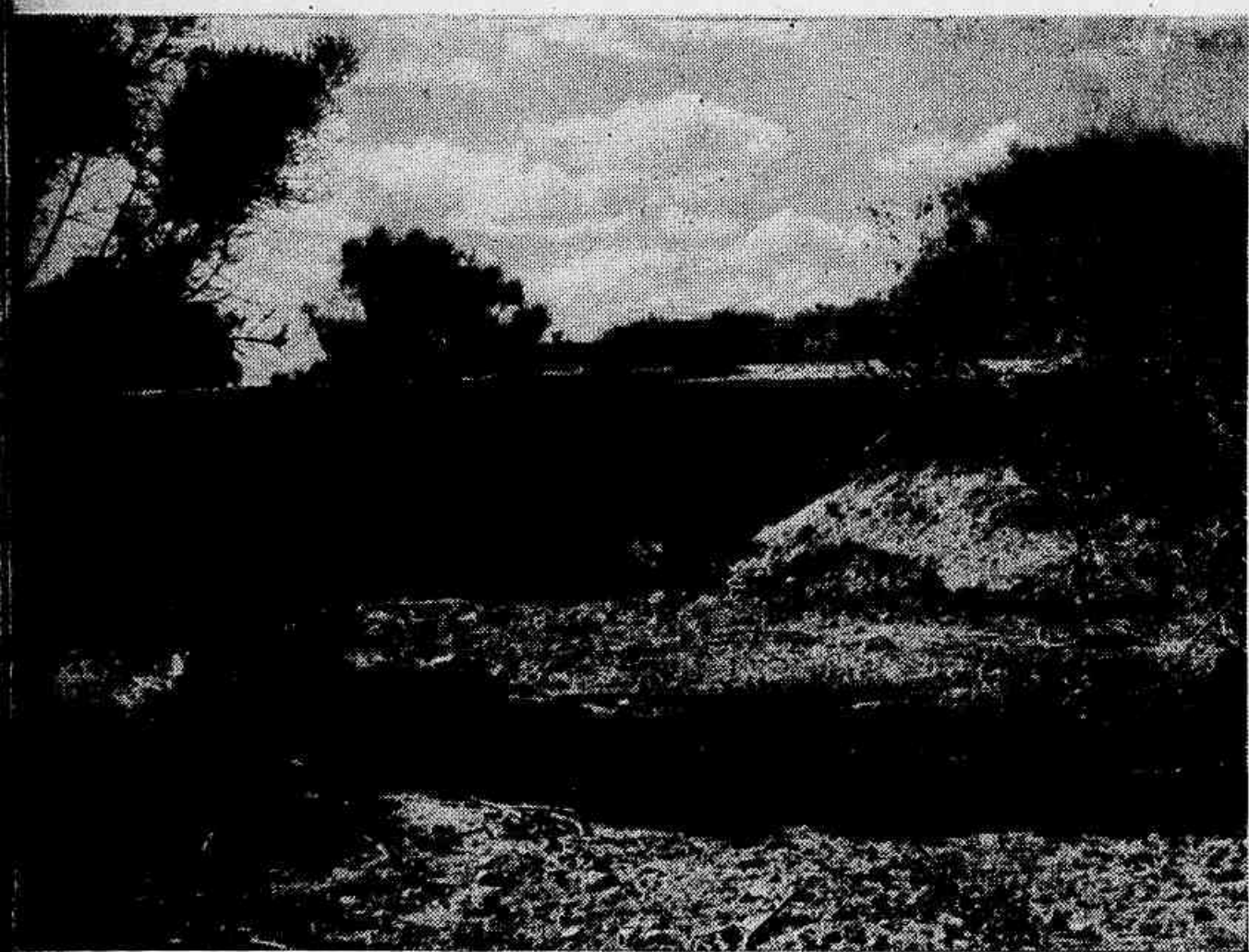
Há ainda recordações de cinema e de teatro. Do primeiro, ficou-se a cena de um incêndio num zepelim, e de alguém que, dependurado numa escadinha, se balançava no espaço. Há também, muito vaga, uma cena de teatro — de “drama”, como se dizia por lá — onde aparecia uma rainha num trono, ladeada por seu séquito. Mas a grande sensação da peça era o final, quando um cisne atravessava todo o proscênio. Era um delírio — a as-

MACAÍBA — AS LEMBRANÇAS

sistência se levantava, para ver melhor, e alguém me ergueu nos braços, para que eu não perdesse a maravilha. Nunca pude atinar na ligação entre a cena da rainha e a do cisne, e muitas vezes, mais tarde, procurei descobrir que peça seria essa, indagando aos meus pais, que provavelmente me tinham levado a vê-la, e a outras pessoas de casa, mas ninguém soube informar.

A outra lembrança de teatro é a do "homem-rã", também no Cine Vitória, e que hoje se chama Juarez Távora. Um extraordinário sujeito de verde trepava numa coluna de latas superpostas (eu achava que eram de manteiga) e ora se encarapitava lá em cima, ora caminhava por entre elas, sem deslocar a pirâmide. Mas não era a sua perícia o que me impressionava — e sim suas pernas rebrilhantes e compridas, e o largo cinturão dourado, com uma grande fivela à altura do umbigo. Esses detalhes, que hoje relembro friamente, me deram então, não sei porque, verdadeiro pavor.

A visão do "homem-rã", junta-se a de um jogo de futebol, no campo ao lado do cemitério. Como no caso do contorcinista, também o jogo é detalhe secundário. O que me ficou dessa tarde foi a lembrança de um vulto encarapitado sobre um túmulo, encimado

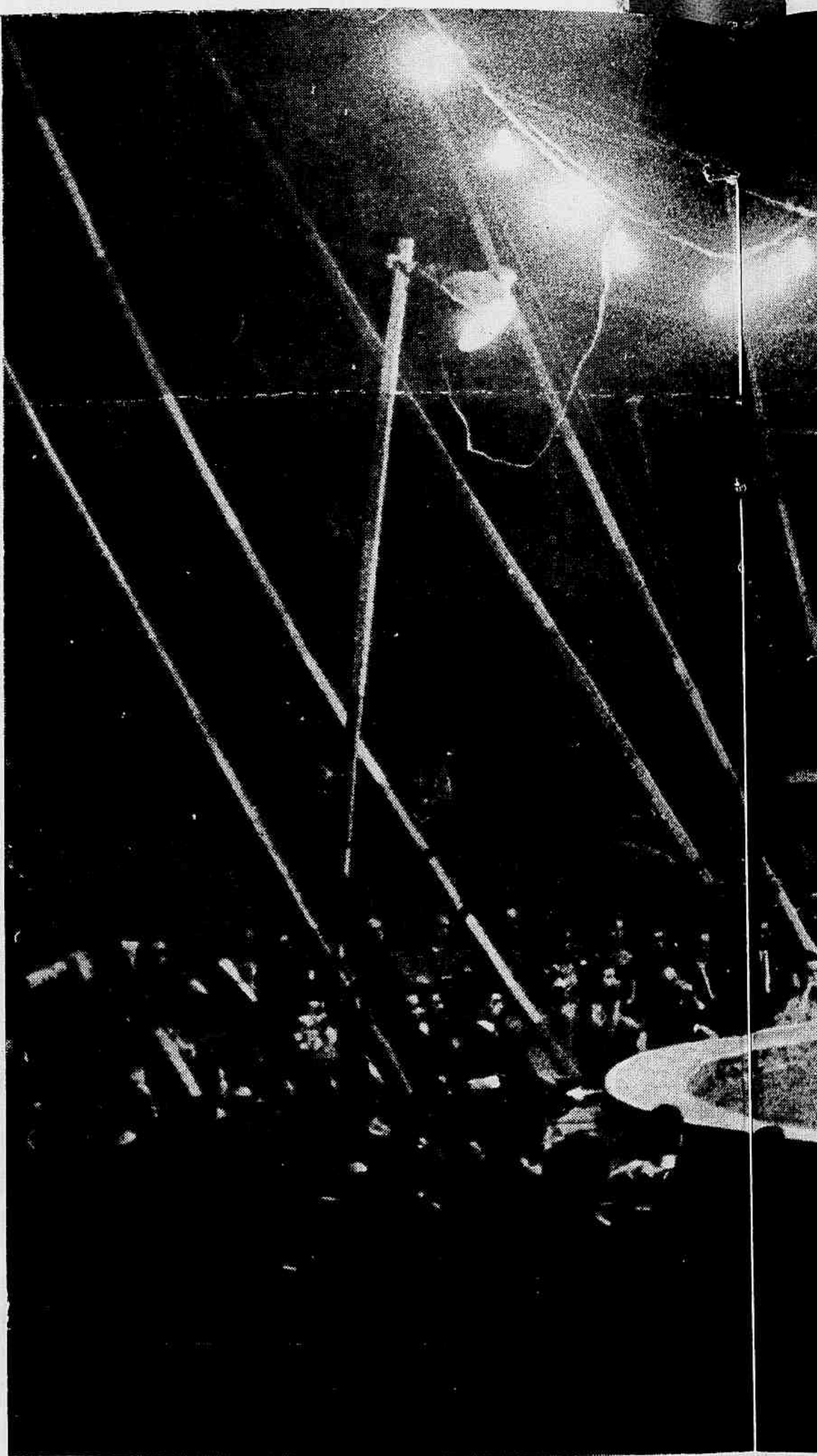


Uma ponte sobre um rio seco, onde paramos para um descanso. Mas a noite, com seus mistérios, começava a me inquietar.

por uma cruz, e que me deixou uma impressão penosa. Durante muito tempo eu continuava a ver, cheio de terror, aquela figura agachada, amparada entre os braços de madeira.

Um dos episódios mais acabados é o de uma aventura com Ruthênio. Lembro-me de uma tardinha em que meu irmão me pegou pela mão, dizendo que iríamos fugir de casa, para Mossoró. Caminhamos durante muito tempo por uma estrada deserta e interminável, ladeada por uma vegetação rasteira e colinas amarelas. Depois, o mundo escurecendo, uma ponte sobre um leito seco, onde paramos, talvez para um descanso. Mas a noite, com seus mistérios, começava a me inquietar; e uma ossada, entrevista na areia, fez-me desistir definitivamente da aventura e chorar pela volta. Vejo nitidamente a minha figura desconsolada em prantos, sentada na balaustrada da ponte. E o episódio se encerra com a chegada de um carro, que, vindo na direção contrária, parou diante de nós, e nos conduziu de volta.

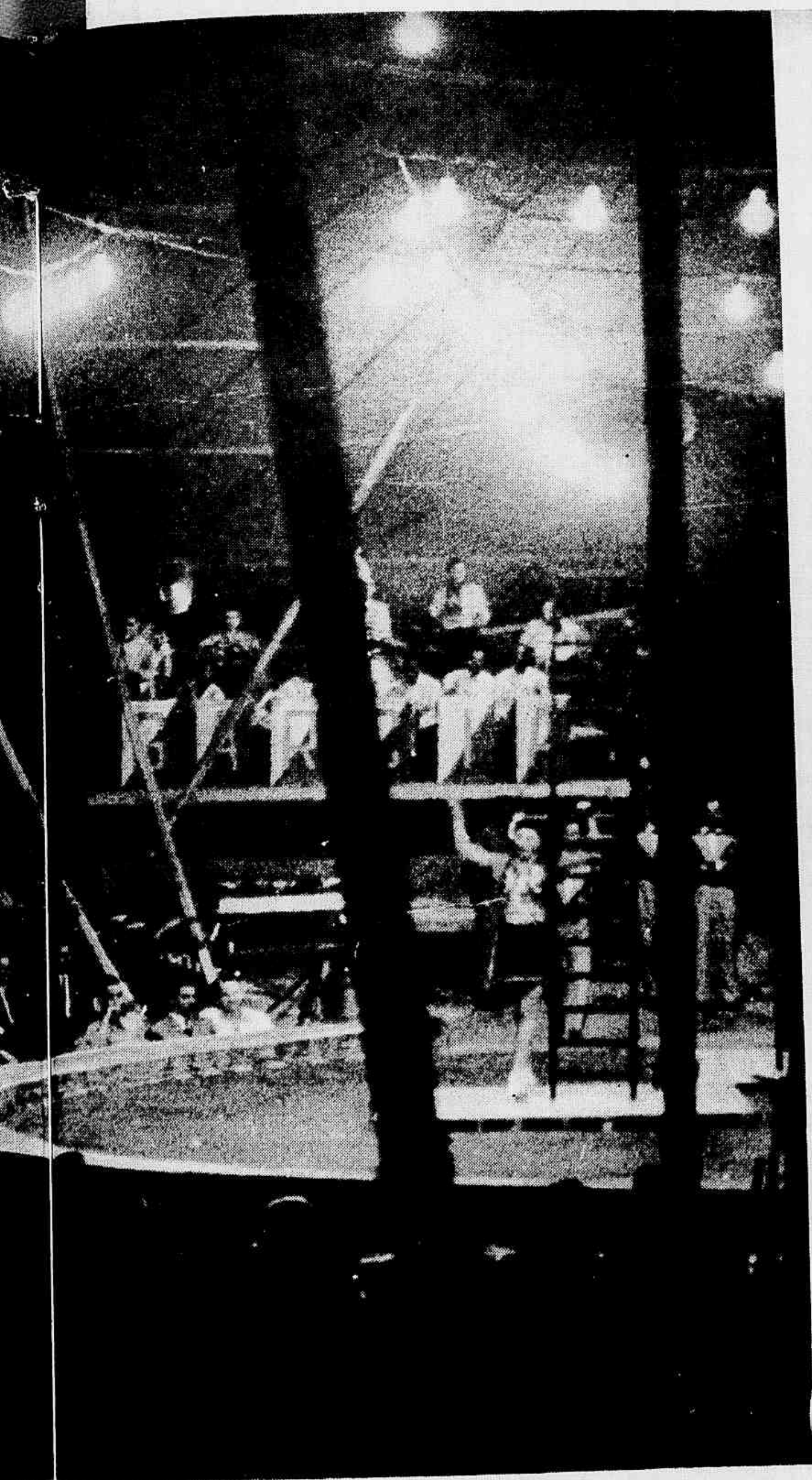
Mais tarde, Ruthênio daria a esse episódio uma versão completamente diversa, insignificante. Em primeiro lugar, retificaria a



Entre as cenas que a memória guardou, fixou-se, nítida, a de um circo.

direção — Natal e não Mossoró — e não fomos em fuga, mas à espera de papai, que voltava da capital de automóvel. Mas insisto na minha versão. Ou Ruthênio me quis amedrontar e me deu uma variante que depois esqueceu, ou disse a verdade, e todo o resto foi imaginado por mim. De qualquer modo — passeio ou fuga — a jornada se fez, embora eu prefira a segunda hipótese, menos por seu sentido aventuroso, do que por honestidade à própria memória.

São essas, as recordações mais definidas. O resto se limita a vagas imagens de passeios pelos arredores. De uma visita a um sítio, por exemplo, me ficou a lembrança de uma parreira frondosa, de onde cachos escuros desciam, sumarentos e brilhantes, por entre a folhagem verde. Sob a latada, sentados em bancos, grupos conversam. Seria um pique-nique? Ignoro detalhes. Mas esse cenário se gravou fundo, com o seu aspecto de viço e estranha beleza. Quando passei a ler as histórias do grande Al-Raschid, bem mais tarde, nas pequenas edições cartonadas da Melhoramentos, era naquele cenário maravilhoso de infância que



circos

Ignoro em que ponto da cidade foi ele armado, ou como se chamava.

eu localizava o rajá, em seus passeios pelos jardins palacianos.

Há também uma casa modesta, de onde me vinha um odor nauseabundo de coisa abafada, mistura de suor e de fumo — o cheiro da miséria, que até hoje me engulha. Crescido, muitas vezes passei por barracos, de onde tal cheiro me alcançava, igual. E eu vislumbrava a cena longínqua, entrevista da porta onde minha mãe me deixara, explicando que tornaria logo: acorada no barro, uma mulher macilenta e impassível movia bilros diante de uma almofada. Aquela perícia no mover dos dedos me fascinou. Tinha vontade de aproximar-me dela e o teria feito, se a ordem materna não me refreasse. E minha mãe tardava, e eu começava a me impacientar, e eu me lembro ainda da rua que subia, sem calçamento, desolada sob o sol, na direção do Barro Vermelho.

Esse caminho, que vai dar no Barro Vermelho e o ultrapassa, termina na Raiz, fonte que serve de abastecimento de água à cidade. Não conheço o local, também aproveitado pelas lavadeiras para lavagem de roupa. Mas aí se encontra muito do folclore de Macaíba, e há mesmo um refrão que afirma que quem bebe água da Raiz nunca mais deixa a cidade.

Além desses passeios e dessas imagens de que participo, sobram apenas os tipos. Na verdade, se fôsse recolher o material humano de Macaíba, poderia reunir uma série pitoresca. Dessas personagens, uma das que mais me agradam é o seu Amâncio. Seu Amâncio era telegrafista, e a sua estação funcionava numa dependência de frente da casa onde morava. Em solteiro, fôra um terrível conquistador, e, no tempo de estudante, em Natal, fazia sucesso nas festas, como bailarino. Alto, simpático — era uma figura que se impunha nos bailes, nos aniversários. Ainda hoje, em casa, comenta-se a sua classe no tango. Casado, voltara à Macaíba, e durante algum tempo a vida lhe correra pacata, na casinha de porta e janela, com roseiras no jardim. Dona Olga amava-o com paixão, tinha dele um ciúme violento, e, sabedora de seu passado, praticamente lhe vigiava os movimentos. Mas, casado, Amâncio se transformara. Abandonara as noitadas, parecia adaptado à vida pacata, dedicado inteiramente à profissão. E o curioso — não parecia de modo algum saudoso das liberdades antigas — o que, para a cidade, não deixava de ser uma decepção. E dona Olga sentia-se feliz de que o seu amor o tivesse reconduzido à trilha doméstica.

Grande engano, de que um dia toda a cidade veio a se informar, reconfortada. Com o tempo, a mulher aprendera o morse; e descobriu que, enquanto preparava o jantar, ou descansava dos trabalhos do dia, o marido namorava, pelo fio, uma colega telegrafista de Currais Novos!... Era aquele o motivo da quietude... Descobriu mais: Amâncio tinha uma verdadeira rede amorosa, espalhada por todos os recantos do Estado: mais de quinze mulheres que, na vida pacata do interior, auxiliavam o trabalho de seus maridos, e que ele conquistara, durante anos a fio, através de seus carinhos em código, no sussurro da noite.

Há também a figura de Gaby, velhota rica, que se apaixonou por um cabo de polícia. A família contava, melancólica, aquele romance de maturidade. O moço, tocador de violão, viera de fora, e devia ter a metade de sua idade. Aprumado na farda justa, começou a fazer-lhe a corte, interessado nos seus possuídos. Tinha uns olhos claros, que diziam coisas, e uma voz doce e sonora, ótima para as serenatas.

Gaby, solteirona, não resistiu àquela voz, nem àqueles olhares. Passou a enfeitar-se para o cabo, empoava-se e se cobria de jóias — anéis, colares, brincos pesados — e se debruçava à janela, à espera do seresteiro. E um dia Macaíba é novamente surpreendida com a notícia de seu noivado, e, meses depois, do casamento, comemorado numa apoteose. Viajaram em lua de mel. Um dia — não se tinha passado um ano — ela voltou sózinha, mais velha, com um jeito escalavrado. Sem jóias, naturalmente. Meteu-se em casa, e nunca mais quis ver ninguém.

Percorro as ruas sossegadas. O ruído do motor da usina, a visão da marézinha, com a vegetação do mangue entre suas margens. Um céu lavado e distante, muito azul, uma voz de mulher a cantar "Guriatã de Coqueiro", os sons de tabuada que me vêm do Grupo Auta de Souza — uma cantoria monótona, que me dá saudades.

Entretanto, na sua presença física, Macaíba se mostra como uma cidade qualquer, e fico abismado de que tenha sido ela o cenário de minhas visões de sonho. Ela me aparece, branca e vulgar, despojada de seu mistério. Não localizo, nas fachadas comuns, nada que faça entrever aquelas lembranças. Na memória, a paisagem surge com uma dimensão diferente, a que as ruas vulgares e os prédios arrumados não parecem corresponder. É como se houvesse duas Macaibas — a da minha infância, que se manteve fiel e intocada, com o seu segredo, e essa outra, de tijolo e argamassa, revestida de branco. Olho-a com ternura, porque sei que é a mesma, mas os cenários me surgem desbastados e frios. Antigamente, era como se a cidade vagasse numa cortina de bruma. O cemitério é comum, a igreja igual a tantas já vistas por todas as cidades que eu atravessai: um simples monumento branco e quadrado. Via-a com essa mesma forma na memória — mas ela me aparecia numa aura que a individualizava, que a tornava diferente de todas as igrejas do mundo. Sei que a outra Macaíba existe. E sinto uma amargura de que ela não se revele para mim, e não me deixe entrever os seus recessos.



Marlene.



Clara.

ÁGUA DE CHUVA. ÁGUA DE BELEZA

TUDO MUNDO AMA a água da chuva, mas é maravilhosa para a pele e para o cabelo, se utilizada na higiene do seu corpo, cabelo e roupa. Ela é a verdadeira água da chuva. A água da chuva é a mais pura e mais saudável de todas. Ela contém minerais, vitaminas, e é a mais pura e mais saudável de todas. Ela contém minerais, vitaminas, e é a mais pura e mais saudável de todas.

Como utilizar a água da chuva para a beleza? Passando nas ruas olhando para o ar arranjaria talvez os problemas da bonita cidade, mas não os da circulação. Se podemos, no campo, em férias, em fim-de-semana, fazer uma hora de caminhada, e resto ao vento e a água do céu logo descobrimos que isto vale tanto quanto uma hora no Instituto de Beleza.

A chuva não é para um uso ao alcance de todo mundo, e sobretudo das mulheres das cidades. O que podem elas então fazer? Chove. Recolha uma água numa tijela, num balde. Não espere para utilizá-la. Ela durará vinte e quatro horas sem "viciar". Lave seu rosto com essa água, e, se puder, lave seus

cabelos. O sabonete espumará melhor, e a lavagem deixará seus cabelos macios, finos e limpos.

Assim, aproveite do aguaceiro para lavar a cabeça e molhar o rosto cinco ou dez minutos. Note que a água da chuva não é sempre inteiramente neutra. Ela contém sais diversos: sulfato, clorureto, nitrato.

Ao contrário, a água destilada recolhida por evaporação não contém nenhum sal e é absolutamente neutra.

Na falta de água de chuva, lave seu rosto e seus cabelos com água destilada. Você a comprará na farmácia por quase nada.

Se você deseja permanecer em boa saúde, parece que basta para isto andar dez minutos de pés descalços todas as manhãs na relva molhada de chuva. Isto também não é dado a todo mundo. Nós andamos em geral sobre calçadas escorregadias, o que é perfeitamente malsão. Mas, ainda uma vez, cada fim-de-semana, ou qualquer outra ocasião favorável, deverá ser bem aproveitada.

Caminhe no orvalho, sob a chuva, sempre que possa.

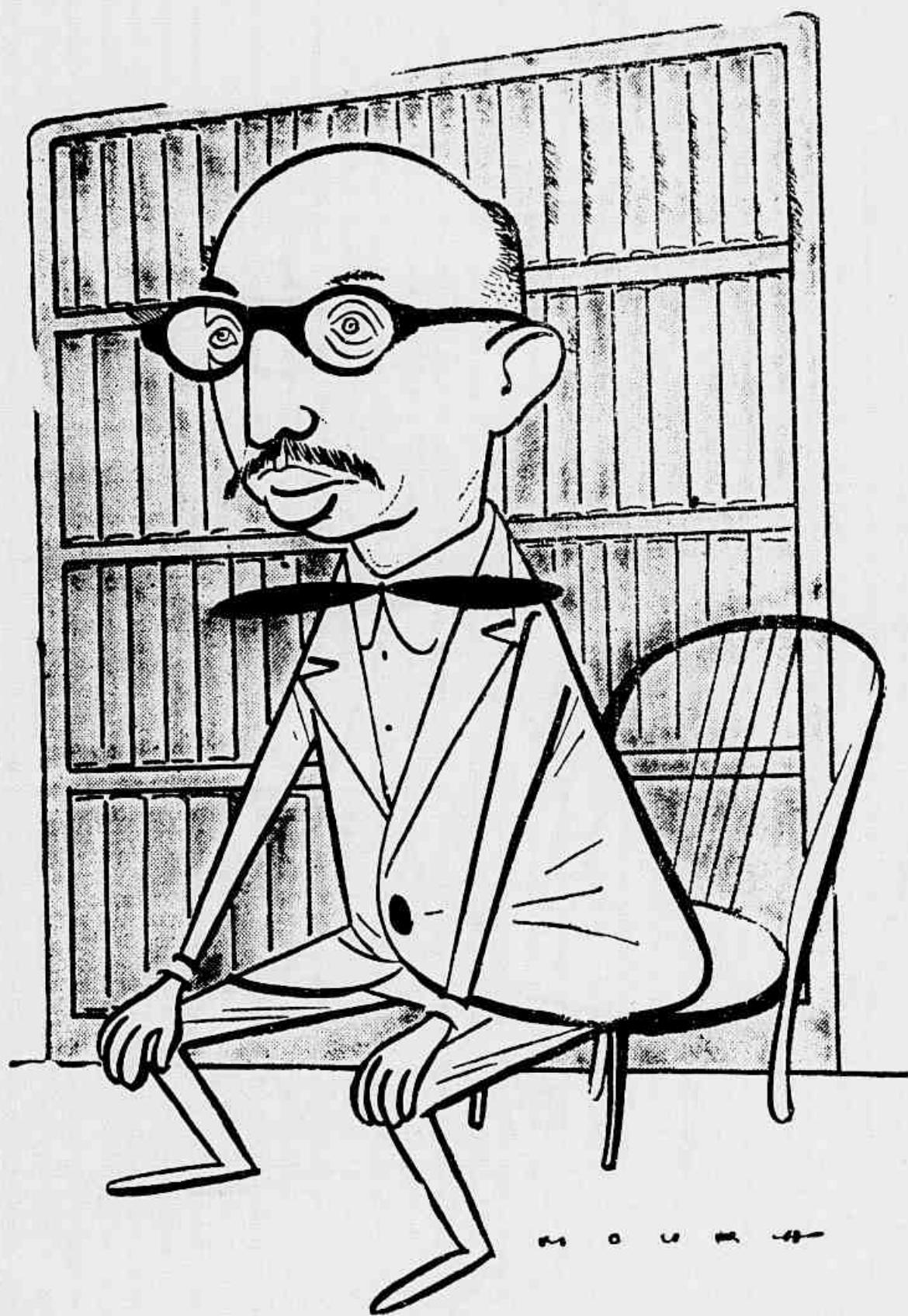


A ASSOCIAÇÃO AMERICANA de Alta Costura publicou a lista das dez mulheres mais elegantes do mundo. Entre elas encontram-se os nomes de Ingrid Bergman, Marlene Dietrich e da ex-embaixadora dos Estados Unidos em Roma, Clara Booth Luce, que vemos aqui, respectivamente, da esquerda para a direita.

Ingrid.



**TRÊS DAS
DEZ MAIS
ELEGANTES
DO MUNDO**



ROTEIRO DOS LIVROS

DIVERSOS: *Antologia dos Poetas Laureados no Concurso de Poesia de "Leitura"* (Livraria São José. Rio, 1958. 132 p.) — Esse concurso, ao qual concorreram 486 candidatos de todo o país, teve o poeta Homero Homem como vencedor, e foi realizado no ano corrente com enorme repercussão. A Comissão Julgadora ficou constituída por Drummond de Andrade, Antônio Olinto e Adonias Filho — e é justamente o último que faz a apresentação da Antologia, de muito belo aspecto gráfico, de resto.

JOÃO FERNANDES: *A Terceira Palavra* (Particular. Belo Horizonte, 1958. 32 p) — Segundo livro de poemas do Autor. Prosa metrificada em torno a velhos e banalíssimos temas, a poesia de João Fernandes não nos permite nenhum otimismo quanto ao futuro literário do mesmo.

LIN YUTANG: *Sabedoria de Confúcio* (José Olímpio. Rio, 1958. Tradução de Geir Campos. 271 p) — De início, realce-se a beleza gráfica do volume, que traz ainda a valorizá-lo belas ilustrações, do artista Wong. Quanto ao texto de Yutang, é uma tentativa de revivificar os pensamentos de Confúcio, codificando-os e enfim dando-lhes uma certa ordem. Capítulos especiais são dedicados à Ética, à Política, à Educação, à Música, etc. Um livro que se lê com interesse e com proveito inegáveis, o presente é tanto mais útil

CRÔNICA DE LITERATURA

SIMEÃO AOS CINQUENTA ANOS

SIMEÃO LEAL, diretor do Serviço de Documentação do Ministério da Educação e Cultura — o Serviço do Simeão, como há quem abrevie, completou há dias cinquenta anos, os últimos onze dos quais inteiramente dedicados à movimentação de uma repartição pública que tivera até então pouca, ou nenhuma atuação cultural. Simeão chega aos cinquenta, e se olhar para trás — o que não é do seu feitio — vai dar de cara com uma bela obra realizada — e sem alardes, na maciote, assim como quem não quer nada: ai estão os "Cadernos de Cultura", a revista "Cultura" — cujo sétimo número aparecerá em alguns meses mais —, as coleções "Teatro", "Aspectos", "Letras e Arte", "Vida Brasileira", etc., etc. Poucos editores no Brasil terão patrocinado o lançamento de tantas obras como Simeão Leal; e não se pense que as verbas que manipula sejam qualquer coisa de assombroso, quem dera: somente, Simeão sabe o de que dispõe, e também o que faz — e o faz do melhor modo possível. Sua sala, no nono andar do Ministério da Educação, é ponto obrigatório de reunião de escritores do Rio, ou de passagem por aqui; e é no decorrer

de conversas as mais variadas, num ambiente capaz de dar úlcera a um burocrata, que Simeão trabalha, produz, realiza.

O homem é aquilo que todos conhecem: alto, corpulento, de óculos, gravata borboleta, cachimbo na boca de vez em quando. Suas gargalhadas são antológicas. O diretor é um homem simples — o menos "funcionário" dos diretores do Serviço Público, capaz de ficar momentos a fio a conversar com o mais humilde de seus dirigidos; no entanto, se em pelo menos uma dúzia de repartições houvesse Simeões Leais disponíveis, pode ser que o país caminhasse para a frente — e não para o lado ou para outras direções menos gloriosas, como ultimamente deu de fazer.

Isso aqui — já devem ter adivinhado — não é uma crônica: é um reconhecimento público, de editado, de funcionário, sobretudo de amigo, pelo muito que Simeão Leal vem fazendo por todos nós que escrevemos. O homem que em onze anos editou mais de oitocentos títulos, que jamais deixou de incentivar os moços e de pacientemente tolerar os velhos bem merece, quando se torna cinquentão, o máximo de nossa amizade e de nossa gratidão.

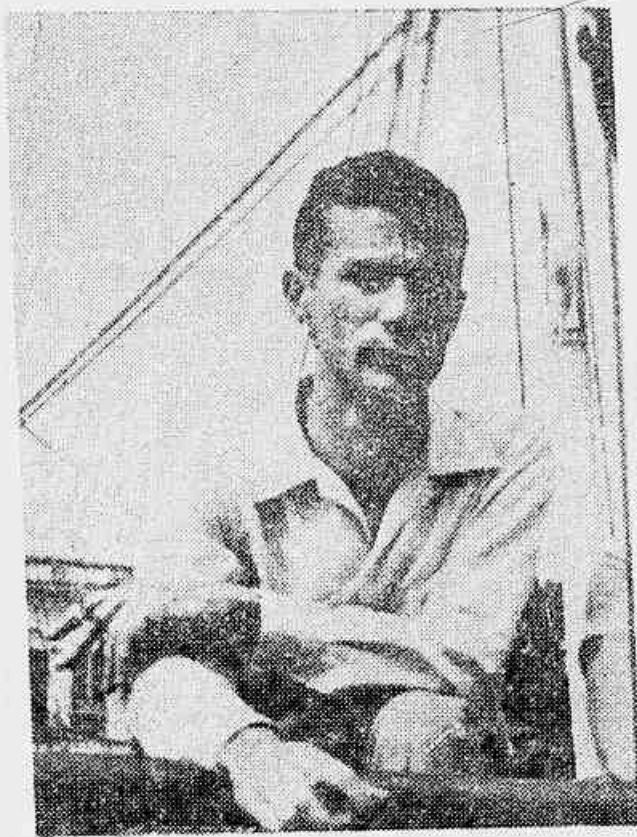
quanto, ao que sabemos, nada existia de Confúcio, ou sobre ele escrito, vertido para nosso idioma.

RUBEM BRAGA: 100 Crônicas Escolhidas (José Olímpio. Rio, 1958. 326 p) — Os que apreciam o gênero apreciam também Rubem Braga, e os que apreciam Rubem Braga vão se babar de gosto ao ler essas crônicas que o próprio cronista extraiu de seus sete livros anteriormente publicados. Nelas aparece o **velho Braga** nos seus melhores momentos, ora terno, ora lírico, ora quase indiscreto, ora engraçado, muitas vezes simplesmente piegas, sentimentalão. A linguagem desse cronista, a nosso ver, mais que seus temas — todos extraídos do cotidiano, por vezes forçados do nada —, constitui o seu lado mais importante: Rubem Braga é senhor de um estilo ao mesmo tempo coloquial e sóbrio, estilo de quem conhece o seu mister e o aprimora sempre e sempre.

SUN TZU: A Arte da Guerra (Biblioteca do Exército. Rio, 1958. 75 p) — Em tradução do Coronel Aviador Armando Serra de Menezes, na coleção Taunay da Biblioteca do Exército, vem de ser publicado esse ensaio sobre a arte da guerra, devido a Sun Tzu, que viveu aproximadamente 500 anos antes de Cristo. Veio Cristo, Cristo morreu, e o tratado de Sun Tzu continua atualíssimo. Para que dizer mais?

ANTÔNIO VIEIRA: Sermões (Editôra das Américas. S. Paulo, 1958. Volume XI. 451) — Continuando a tarefa hercúlea que se impôs, a Editôra das Américas, lança agora o décimo primeiro volume dos **Sermões** do padre Antônio Vieira, organizado sempre por Frederico Ozanam Pessoa de Barros, sob a supervisão do Padre Antônio Charbel e do Professor A. Della Nina. O volume prossegue com cinco sermões de **Maria, Rosa Mística** — os de números XXVI a XXX —, e com três sermões do Advento. O texto, adaptado à ortografia oficial corrente, mantém-se fiel à edição seiscentista.

JOSÉ LINO GRÜNEWALD: Um e Dois (Particular. S. Paulo, 1958. Sem indicação de número de páginas) — O Autor, crítico cinematográfico, poeta e tradutor de poesia, faz sua estréia em livro apresentando dois tempos de poesia — antes e a partir do concretismo. O tempo um encerra nove poemas, o dois, onze; mas não são esses tempos que se sucedem — são contemporâneos. Em outubro de 1956, por exemplo, José Lino Grunewald escreveu o poema "Quarto Escuro" (um) e o poema "Vértice" (dois). É porém no tempo dois que o espaço adquire posição de supremo realce, na poesia do Autor — e seu melhor momento, em nosso entender, é o poema Pomba, uma das coisas melhores que, poeticamente, os jovens concretistas nos têm dado. Com **Um e Dois**, acha-se enriquecido o time dos concretos de mais um elemento — e um elemento que entra em campo já seguro de si mesmo, para logo ocupar uma das primeiras fileiras entre os poetas do movimento.



Pela Livraria São José, acaba de sair o livro de estréia de Harry Laus: **"Os Incoerentes"**, contos, com capa de Luis Canabrava e apresentação de Renard Perez. Reúne o volume trabalhos do escritor carterense publicados em revistas e suplementos literários do Rio e dos Estados, bem como dois contos incluídos, anteriormente, em **"Nove Histórias Reiunas"**, antologia militar organizada pela Biblioteca do Exército.

ROTEIRO DAS EXPOSIÇÕES

ERNANI DE VASCONCELOS (Ginástico Português, de 7 a 20 de novembro) — O arquiteto e pintor (abstrato) Ernani de Vasconcelos, ainda recentemente contemplado com o Prêmio de Viagem pelo Brasil no Salão Moderno, e primeiro presidente da Associação de Artistas Plásticos Contemporâneos, expôs no Ginástico pequeno grupo de telas recentes. Um abstracionismo de formas claras e elegantes, o seu — valorizado por uma procura de efeitos e de composição que diz bem das atividades artísticas a que se entrega, no momento, a par com os afazeres de sua profissão.

LOIO PÉRSIO (Biblioteca Nacional, desde 10 de novembro) — O expositor é de Curitiba, onde vive, e onde fundou o Centro de Gravura, organizou o Museu Andersen e a Pinacoteca Paranaense. Sua mostra atual — apresentada por Sérgio Milliet — consta de desenhos, e é a primeira do artista no Rio de Janeiro.

MARCELO GRASSMANN (Galeria Gea, desde 11 de novembro) — uma exposição de Grassmann é sempre um acontecimento. O artista possui sua maneira típica, quase que incômoda de tão peculiar. Seus monstros, seus animais fantásticos, suas figuras retorcidas evocam-nos os grandes criadores medievais de fantasmagorias a **diableries**, com os quais mantém decerto mais de um ponto de contato.

MENDEZ (Clube Militar desde 18 de novembro) — O caricaturista Mendez realiza sua primeira individual de pintura. O fato é surpreendente, e tanto mais que a pintura de Mendez não é má, embora ainda presa a certas convenções de que o artista bem poderia expurgá-la. Nota-se nela o predomínio do linear: o traço impera sobre a massa, a linha delimita e esmaga o volume. De maneira que muitas vezes o que Mendez faz é desenho colorido. De qualquer modo, sua arte é passível de evolução, e a rigor já não se a pode chamar de acadêmica ou passadista. A foto apresenta um exemplo da pintura de Mendez: **Pescado** (1958).

CARLOS MAGANO (Ginástico Português, desde 21 de novembro) — Artista que vem evoluindo a passos largos é Carlos Magano, que começou acadêmico há muitos anos, e é hoje um pintor cômico de seu papel e seguro de si, no que se refere a seu mister. As côres de Magano, explosivas, ásperas, corroidas e corrosivas — são o melhor de sua arte, também valorizada por uma severa arquitetura de planos e fachadas.

JACINTO DE MORAES (Instituto Brasil-Estados Unidos, desde 18 de novembro) — As obras do pintor Jacinto de Moraes expostas no último Salão Moderno constituíram, para nós, autêntica surpresa: nelas, esse artista mostrava uma depuração de côres e uma pureza de formas, uma sobriedade de estilo por todos os motivos elogiável. O despojamento na arte de Jacinto de Moraes, de superfluidades de todo tipo e estirpe é provado à saciedade agora, em sua mostra individual do Instituto Brasil-Estados Unidos. Eis o exemplo de um figurativo que, dentro de sua condição, e após longos anos de pesquisas em vários sentidos, chega a um ponto invejável de desenvolvimento artístico.



M. MENDEZ (Pescado — Óleo — 1958).

O BRASILEIRO

JOSÉ ANTÔNIO MARCELINO

Poucos são aqueles que conhecem Portugal, quero dizer, o que de melhor possui: beleza natural, costumes e a simplicidade da sua gente.

Os turistas (sobretudo os brasileiros), vão a Portugal, deixam Portugal e o ignoram. Por que? Muito simples. A alma de Portugal não se encontra nos grandes centros como Lisboa ou Porto. Encontra-se em Trás-os-Montes, onde o silêncio e a tranqüilidade põem um "que" de mistério e sonho em todas as coisas. É ali que palpita a alma de Portugal. Por isso, não raro é dizer-se que "é um país pequenino e pouco tem que admirar..."

— Nem me diga! — exclamou D. Berta ao ouvir a notícia. — Então o Joãozinho vem aí... O nosso Joãozinho vai chegar...

D. Berta, ainda muito pequena, empregara-se em casa dos Castelos, os maiores proprietários das redondezas. Ali cresceu, se fez mulher e só dali saiu quando casou. Fôra ela, a bem dizer, que criara o filho daqueles, o Joãozinho, como sempre o chamara. Queria-lhe como se fôsse seu filho.

— Eu fui a parteira... Fui a primeira pessoa no mundo que viu que era um homem...

A mãe de João não pôde conter um sorriso. Também queria muito à sua ex-criada.

— Eu ainda me lembro, Berta. Sim, fôste tu que... O médico atrasou...

E ficaram conversando muito tempo, recordando alegrias e tristezas que haviam partilhado.

Sob um céu azul e sereno e o perfume das rosas disperso pelos ares, a aldeia repousava tranqüilamente. Era a hora em que aquela boa gente se queda em silêncio e envia para o espaço, as suas rezas.

— Perdoai-nos Senhor...

— Amém.

Súbito, por entre o silêncio e o crepúsculo da noite, surgiu a lua, dourando os campos dormentes. Logo após, ao longe, latiram cachorros de vigia ao rebanho nas cancelas. Uma hora depois, na curva da estrada, avistam-se os faróis de um carro. O rapazio foi-lhe ao encontro. Estabeleceu-se então uma confusão tremenda em toda

a aldeia. Só os campos e as aves continuaram dormindo à luz do luar.

Curiosos enchiam as janelas e muitos outros, esvasiando a tijela do caldo escaldante, saíam correndo. Nas aldeias do norte de Portugal, é assim. A chegada de um carro é um grande acontecimento na vida do povo.

— Quem será...

Predomina a expectativa.

— É o brasileiro... o filho de D. Inês... Corre, garoto, vai avisar sua mãe, depressa!

Seguido de multidão enorme como um general com seu séquito, João, ou melhor, o brasileiro porque seria mais conhecido, penetrou na aldeia devagar, surpreso e encantado com a recepção.

No largo do pelourinho, parou o carro. Parecia um arraial.

— Joãozinho! Joãozinho! Não me conhece mais... Sou eu, a tua criada, a Berta!

Os dois primeiros meses passaram velozmente. De surpresa em surpresa, de maravilha em maravilha, o brasileiro rejubilava. Tudo era tão belo! Tão simples, tão bom!

— Não há nada no mundo, mamãe — dizia, num de seus passeios pelos arredores — mais lindo do que Trás-os-Montes. É aqui que está o coração de Portugal; é aqui que a natureza nos oferece tudo que de mais belo possui; aqui ninguém se sente envelhecer.

— Não é tanto assim... Você fala dessa maneira porque, quando embarcou com seu tio, tinha apenas doze anos.

— Sim, era muito criança e pouco ou nada guardava na memória de tudo isto. Depois, lá no Brasil, pouca gente fala destes lugares, porque quase ninguém os conhece. Os turistas, principalmente os brasileiros, que tanto nos prezam, dizem que para estes lados só há fragas...

Uma voz cortou o diálogo:

— Senhora d. Inês! Já cheguei...

— Rosinha! Vem cá, minha filha. Dá cá um abraço!

— Vim a correr... queria ver o seu filho...

Os olhos do brasileiro fixam-se demoradamente em Rosinha. Fascinava-a sua be-





Uns namoravam, outros cantavam. Uns jogavam a sueca,

leza — e a mãe o notou. Fitou, por sua vez, alegremente, o rosto de Rosinha e ambas sorriram.

— Quem é, mamãe? Quem é ela? — falou, num cochicho — entretanto, não o suficiente baixo para a jovem deixar de escutar.

— Sou a filha da Berta — respondeu Rosinha, com um sorriso.

— De Berta... a nossa...

— Isso mesmo, meu filho.

— Hummmmm! Quem diria que aquela que me embalou na meninice tinha tanta... tanta habilidade... — exclamou, humorado.

A noite, à clareira, não falava noutra coisa. Rosinha é isto, Rosinha é aquilo, Rosinha pra cá, Rosinha pra lá.

— Deixa a cachopa sossegada, rapaz — advertiu o pai. — Parece que ela te deu volta aos miolos...

D. Inês, puxando uma orelha a seu marido, comentou, trocista:

— Estou certa que até a ti...

— Tolice. A rapariga está noiva, e se a muitos doem os dentes não é a mim...

O brasileiro não se surpreendeu com as palavras do pai. Rosinha mesmo havia-lhe dito que estava noiva e que ia casar com um carpinteiro de uma aldeia distante, perdida na serra. E tanto assim, que acabava de chegar de Vila Verde, onde fôra passar três meses em companhia de sua tia, modista, no aperfeiçoamento da costura, porque, em Trás-os-Montes, é ridículo a mulher casar e não saber fazer uma camisa...

A noite era linda. Depois da ceia e das obrigações da alma, toda a gente saíra à rua, divertir-se um pouco — como era costume. Uns namoravam, outros cantavam. Uns jogavam a sueca, outros relembravam o passado. De repente... Uma guitarra! — exclamou o brasileiro. Uma serenata! É o fado — e saiu de casa a correr.

O grupo dos farristas e cantores vinha-se aproximando do largo da praça. Aquelas almas do diabo cantam bem, e embora rudes, sem saberem o que é poesia, sabem compor lindas quadras, chelas de sentimento. E quando uma guitarra gemia e uma voz se elevava e entrava pelas janelas, todo o mundo ficava a escutar. Já estavam tão habituados com essas vozes, que logo diziam: É Fulano. É Beltrano."

Ao chegarem defronte da casa de Rosinha, o grupo estacou. Ela era para os rapazes uma espécie de deusa. E mais — era

a inspiradora de centenas de quadras, a única a quem todos eles dedicavam versos, escritos no campo ou feitos de improviso, para depois cantarem à guitarra. Portanto, ali estavam agora, festejando a sua chegada, suspirando por ela:

*"Vais casar, linda Rosinha
Rosinha da minha vida.
Que será então de mim
Depois da tua partida?"*

As quadras se sucediam umas após outras pela noite a dentro, e muitas eram as pessoas que adormeciam ao som da guitarra e das vozes magoadas... Quando o brasileiro pegou no sono, era madrugada. Antes, porém, repetiu:

— Vais casar, linda Rosinha...

As flores deram lugar aos frutos e a primavera foi-se embora. Os campos dourados pelos trigais eram uma verdadeira riqueza ao dispor de tudo e todos. Começou, em Trás-os-Montes a azáfama do verão, com suas ceifas e a apanha das uvas até à sua transformação em vinho.

Sob o sol de ventura e a fresca brisa das serras, ranchos de homens e mulheres deixaram a aldeia ao alvorecer, cantando em bando:

*Vamos ceifar
O nosso pão...*

Chapéus multicores, de grandes abas, enfeitavam-lhe as cabeças e os protegia contra o sol. Ao meio dia, sentavam-se à sombra das oliveiras para um curto descanso. Era a hora do almoço. Comiam e bebiam como uns danados. Quando recomeçavam, pareciam possuídos duma força demoníaca.

Tchap, tchap, tchap... Era a canção do trigo ou do centeio caindo por terra, ao corte inclemente das foices.

E a pisa das uvas, os lugares onde os homens entravam descalços, arregaçados, quase que até à cintura, fazendo o vinho...

Quando o "sacrifício" das uvas terminava, ficava, sob o bagaço, o vinho cristalino, naqueles lagares enormíssimos, três e quatro dias em fermentação, até que por fim era depositado em tonéis com a capacidade de dois e três mil litros. Depois... "Só por morte, meu Deus, só por morte. Só por morte eu o vinho deixava..."

O brasileiro andava estupefato. Nunca em sua vida vira coisa igual. Nunca, porque quando deixara a sua terra era muito criança e nada poderia compreender do que ora seus olhos contemplavam. Não ar-

redava o pé dali. Das grandes cidades estava farto. Era ali que valia a pena passar umas férias. Era ali, e ali só, nesses lugares ignorados e simples, que se encontrava tudo quanto a gente queria, desde a alface fresquinha e o regato saltitante, a beleza das colinas ou do verde das plantações sem fim.

Tôdas as manhãs passeava alegremente pelos campos. De regresso à casa, encontrava sempre, pelos caminhos, cachopas com cestas de figos e úvas.

— Dá-me tua úva, ó Maria! — pedia, malicioso.

— Isso é que eu não dou...

No povoado:

— Ó brasileiro, vai um jarro de vinho? É velho como meu avô...

A noite, misturava-se com a rapaziada. Conversas, raparigas. Falavam de tôdas e a tôdas punham defeitos. Uma, porque tinha as pernas tortas. Outra, uns seios como o badalo do sino.

E a Rosinha — perguntou êle, uma noite, visto ser a única à qual nenhum dos marmanhões aludia.

— Essa fica de parte, não tem um senão — disse um do grupo, — apelidado Barnabé.

— Correto, — apolavam os outros, às gargalhadas. — Correto!

— Por que riram, cavalgadas?

A coisa começava a ficar feia, e se não fôsse a intervenção do brasileiro havia pancada na certa.

— Só porque eu disse que ela é perfeita... — lastimava-se, Barnabé, como que a pedir desculpas. — E é. Vocês é porque ainda não viram...

— Conta! Conta Barnabé! — pediram todos esquecidos do resto. — Que foi! que foi!

— Vi... vi a Rosinha... no banho...

Crivaram-no de perguntas:

— Foi assim. Um dia a Rosinha foi lavar para o Rio. Lá prás tantas, o sol apertava... Tomou banho. Então eu, devagarinho, aproximei-me e fiquei a dois passos dela, escondido nas salgueiras. Quando foi trocar de roupa... nua da silva! Diante de mim!

Suspiros abafados perderam-se na noite.

— Continua...

— Foi-se embora, e eu fiquei lá nas salgueiras sonhando acordado com ela...

— Eu adivinho o resto — acrescentou o brasileiro — Dava a vida por um momento assim... Rosinha! — suspirou também.

Como conversa trás conversa, vieram pa-

outros lembravam o passado. De repente... Uma guitarra !...

ra a dança as viúvas. Dessa maneira, o visitante pôs-se logo a par de tudo. Ficou sabendo que havia muita "sopa" por ali, à espera de um atrevido. Viúvas! Vale-de-Telhas estava cheia de grandes viúvas! Pelos vistos, era só agir... um pouco da tática...

Agiu pela calada e foi feliz. De viúva em viúva, saía-se bem o diabo do brasileiro. Porém, uma havia entre elas que recusava seus galanteios. Era a Carlota, que andava de namorico com o Pedro, mais conhecido por sacristão, porque ajudava o Padre Falcão na missa aos domingos.

— Carlota...

Palavras de baixo calão chegavam aos ouvidos do brasileiro:

— Espera, Carlottinha...

Surgiram os primeiros comentários a respeito de suas proezas. Mas a boca pequena, porque a certeza ninguém tinha. Treinado no Brasil, o "cara" era sabido. Nada dizia aos amigos e como a mulher apreciava sobremaneira essa qualidade...

— Hoje venha cedo para casa — pediu-lhe sua mãe — Berta e a Rosinha vêm almoçar conosco.

Ficou contentíssimo. O tempo, até à hora do almoço, preencheu-o a procura de Carlota na esperança de encontrá-la numa propriedade distante, a regar as cebolas e os feijões. Não a encontrou.

— Essa Carlota me paga...

Já de regresso, pondo a viúva de parte e pensando na companhia de Rosinha, uma ideia lhe subiu ao cérebro. Deu-lhe voz: "Rosinha e eu... O ralo da rapariga parece que gosta de mim... Vai casar, ninguém saberia..."

Assobiando como um melro, entrou em casa e logo abraçou sua mãe, ainda a tombo com as panelas na cozinha.

— Trago um melão para a sobremesa. Cheira bem... É de raça!

O almoço decorreu alegre. Comeram e beberam muito. Rosinha, ostentando um vestido leve e decotado, estava linda e provocante. De soslaio, os olhos do brasileiro percorriam-lhe todo o corpo, para depois se fixarem alguns instantes em seu decote. Coçando a cabeça, ocorreram-lhe as palavras de Barnabé, quando disse que ela era uma perfeição.

Da persistência do seu olhar, dos suspiros longos e surdos que estrangulava na garganta, Rosinha compreendeu o seu desejo e estremeceu.

Nunca me olhou assim... — confidenciou-se. — Tenho medo...

D. Inês começou a arrumar a mesa.

— Eu ajudo... — disse Rosinha a querer fugir a esses olhos irresistíveis.

— Fica quieta, cachopa. Hoje és nossa convidada.

Os dois foram para a sala de visitas.

— Não, senhor Joãozinho, isso não...

No dia seguinte, bastante aborrecido com a derrota, o brasileiro foi para o rio. Passou em "revista" as raparigas lavando roupa, e a todas elas dava um galanteio:

— Não te debruces muito na água... Essas tuas pernas me matam!

Uma hora depois, sobre uma fraga rodeada de sobreiros, monologava: "A Rosinha repeliu-me... E eu que cheguei a supor que me amava! Vai casar dentro de vinte dias, não há dúvida, mas era um beijo apenas... Ingrata!" Ergueu-se com sofreguidão e consultou o relógio. Passava do meio dia.

— Carlota! — exclamou ao vê-la à sombra de umas árvores, com duas cestas de alfaces e batatas ao lado. — Você vem de regar a horta? Está descansando?

Nenhuma resposta.

— Que tem, D. Carlota? Está triste... Algo não está correndo bem...

A viúva limitou-se a erguer os olhos do chão e a fitar-lhe o rosto alguns segundos.

Foi... Brigaram... O sacri...

— Ele chama-se Pedro. E por sua culpa é que...

— Por minha culpa!

— Sim. Todo o mundo "bate língua" e diz: "O brasileiro não deixa uma viúva... O brasileiro anda farto que nem um lobo..."

— Mas eu nada fiz!

— Mas o povo fala, e o Pedro já não quer casar comigo.

Dando ao rosto uma expressão de pesar e à voz um tom implorativo, aproximou-se dela dizendo:

— Perdôe-me, você sabe... O meio é pequeno...

Pouco tempo depois, do seio de umas giestas, dois suspiros profundos subiram para o céu.

— Já viram a Rosinha vestida de noiva?

— falava-se no povoado — É um sonho...

A três dias do casamento com o carpinteiro, ela quis experimentar o vestido, talvez para dissipar o receio que sentia ou então...

— Não chores, minha filha! — pedia-lhe sua mãe — Você se vestiu de noiva para chorar? Não compreendo essas lágrimas...

Realmente não compreendia.

O casamento da Rosinha foi uma apoteose. A aldeia em peso saiu à rua.

— Linda como só ela. Vale-de-Telhas jamais terá outra assim...

Lá prás tantas, quando o álcool começou a subir a cabeça dos rapazes frases maliciosas perdiam-se no ar:

— Chegou a hora do pum... pum... pum!

Por seu turno, as mulheres, diziam:

— Casou honradinha...

João também figurava entre os convidados. Estranho, porém, é que não bebia nem se divertia como os outros. Estava sério, apreensivo, como se alguma coisa o estivesse afligindo. Isto não passou despercebido à assistência, e sobretudo a Rosinha, mas...

Os noivos deixaram a aldeia na manhã seguinte.

Chegou o frio, anunciando a apanha da azeitona e a matança dos porcos. Para os transmontanos, o inverno também é agradável. Mas, para os turistas, para aqueles que estão acostumados a climas sempre amenos, é uma desgraça. Aos primeiros sopros de uma brisa gelada, ou aos primeiros flocos de neve, desaparecem como que por encanto. Também o brasileiro pensou em partir. Tinha chegado ao fim de um sonho longo, dourado. Foi despedir-se de Rosinha.

Pelos caminhos, parece que tudo lhe segredava: "Volta breve, rapaz!"

Ao entrar na aldeia, deu de caras com o marido de Rosinha, que ia para a carpintaria:

— Vim despedir-me...

— O senhor Joãozinho já vai embora? Olhe, eu o levo à minha casa e volto. A minha mulher fala muito no senhor... Podem conversar um pouco.

O estado de Rosinha surpreendeu-o. Não sabia que ela estava grávida. Como há muito tempo não a via, nem tal hipótese lhe passara pela cabeça. Diante disso...

— De quem é o filho, Rosinha! — perguntou com emoção:

— É do Manuel...

— E... ele... nunca...

— Não, nunca...

Ao despedir-se deu-lhe um beijo na fronte, e, baixinho, disse algo que só ela escutou...

Da janela, vendo-o perder-se na distância, Rosinha, em soluços, murmurou esta frase:

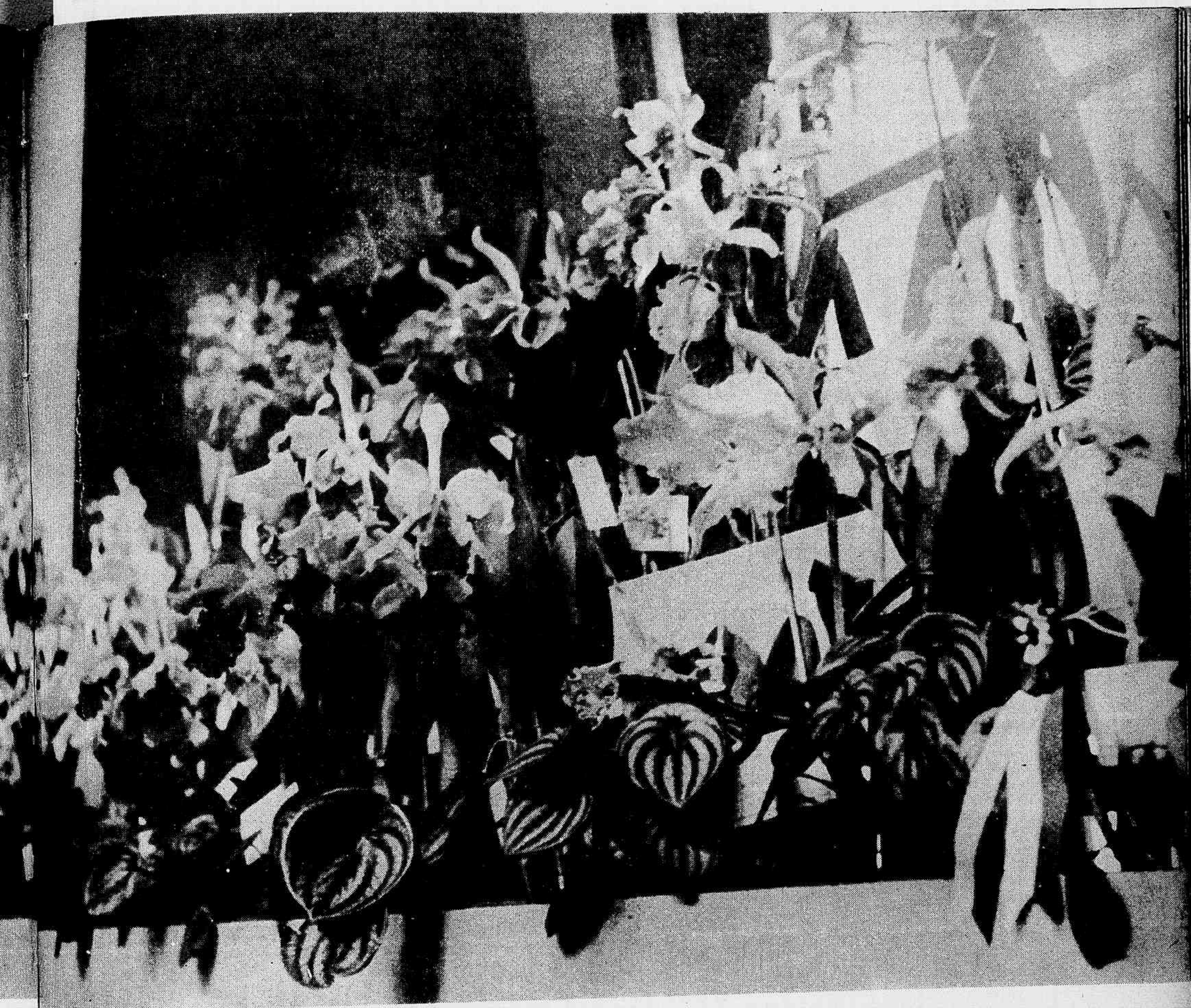
— Que Deus te acompanhe, meu amor!



Orquídeas vieram na primavera e encontraram verão



A Exposição, de Orquídeas foi vista por cerca de duas mil pessoas por dia, em 72 horas de mostra. Interêsse fora do comum. Cultivadores de todo o Brasil participaram e concorreram. Uma Phalaenopsis branca obteve o primeiro prêmio.



AS ORQUÍDEAS não foram felizes com a semana que escolheram para se exhibir na sua XII Exposição Nacional. Enfrentaram uma primavera transformada em verão. E, naturalmente, sofreram. Nos últimos dias da mostra já começavam a murchar, elas que este ano já haviam sido prejudicadas pelo prolongamento do Verão passado e pela brevidade do inverno. Estas circunstâncias, convém ser dito, foram as responsáveis pela irregularidade com que floriram nesta temporada, bem como pelo atraso de uma semana na realização de sua Mostra.

Nela foram expostas as mais variadas e belas espécies cultivadas no país. Vários Estados concorreram. A contribuição mais vasta foi dada pelos "stands" dos grandes orquidários fluminenses — Brasil, Binot, Guinle — cada um destes conjuntos com um valor estimado em cerca de trezentos mil cruzeiros.

No que se refere aos prêmios, nenhuma das flores apresentadas mereceu os cem pontos integrais que designam a vencedora absoluta da Exposição. Estes pontos são conferidos tendo em vista uma série de requisitos anatômicos exigidos à flor, como cor, formato, textura. Ainda assim, uma *Phalaenopsis* branca, com manchas amarelas no interior do cálice, foi agraciada com um prêmio correspondente ao primeiro, graças aos 91 pontos que os juízes lhe concederam. Também foi laureada uma *Acacallis*, que para o leigo não apresenta a habitual e fascinante beleza viva da orquídea em geral, mas que é particularmente admirada pelo cultivador. Trata-se de uma espécie tipicamente nativa, originária do Amazonas

e que se encontra em fase de total extinção, sendo assim autêntica raridade.

Aos poucos a orquidofilia vem crescendo no Brasil — e a Exposição é uma demonstração eloqüente de nosso progresso neste setor. Contamos com mais de 2.150 espécies nativas espalhadas pelo país, e um clima excelente para o seu trato. Não é necessário ser rico para cultivar orquídeas, como muitos pensam. Para prová-lo serve o exemplo: um garção, que trabalha num restaurante carioca, cidadão que em absoluto se pode chamar de abastado é possuidor de uma das mais valiosas coleções de orquídeas do país. O problema do seu cultivo reside apenas na obediência a um certo número de regras, capazes de garantir a saúde e o desenvolvimento das flores. E vale a pena tratá-las. Mundo afora se tem ressaltado a importância comercial da criação de orquídeas. No Havai elas constituem a quinta fonte de renda nacional em exportação.

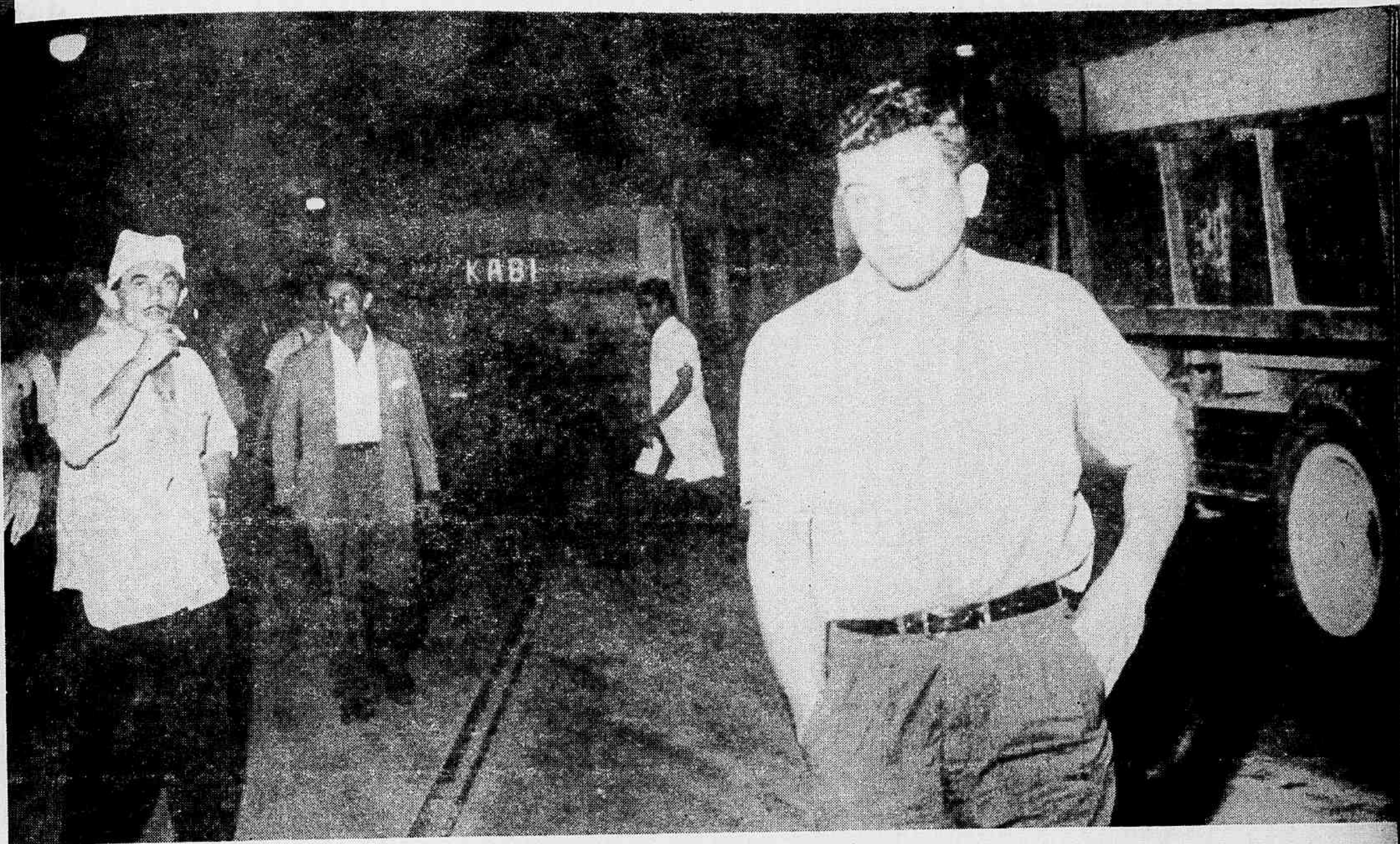
A XII Exposição de Orquídeas — que agora foi encerrada — apresentou um bom índice de visitação. Diríamos ótimo e, mesmo até, surpreendente. Calculada pelo número de ingressos vendidos, resulta uma média de 2.000 visitas diárias aos salões do Automóvel Clube, em apenas três dias de exibição. Pelo que pudemos ver, a maioria dos visitantes era formada por horticultores e amadores da floricultura. Mas não os supúnhamos tantos. Muitas moças — colegiais e universitárias. Senhoras, também numerosas. E ainda turistas, principalmente americanos, máquina em punho, fotografando cuidadosamente as alas floridas.



Chega! disseram os moradores da Lapa. Chega de respirar barro 24 horas por dia. E já que as autoridades não tomaram as anu-
a se desviarem para a rua do Passeio...

"Contra-operação Poeira" LAPA DÁ S





ciadas providências, fizeram a coisa à sua maneira. Organizaram uma barricada (móveis, caixotes, colchões) obrigando os caminhões

SEU GRITO DE GUERRA

Fotos JOSÉ CARLOS ("CORREIO DA MANHÃ")

HÁ TRÊS MESES A PREFEITURA iniciou a arrancada decisiva das obras do desmonte do morro de Santo Antônio. Perto de trezentos caminhões, quantidade muito superior a de veículos até então utilizados, passaram a atravessar, um atrás do outro, as ruas da Lapa. São carregados incessantemente montes e montes de terra para o aterro, onde se prepara a construção da Avenida Perimetral. Na Avenida Beira-Mar forma-se uma nuvem de poeira que parece permanente, fixa, acrescentada à paisagem. Nas ruas da Lapa o pó se deposita, invade as padarias, as lojas de tecidos, as casas de móveis, chove sob os transeuntes. Os moradores do local improvisam uma técnica para sobreviver ao empoeiramento em massa. Andam às carreiras pelas calçadas, em fuga, lenços cobrindo bocas e narizes. Dir-se-ia que há uma procissão de assaltantes mascarados a todo instante na Lapa. E os caminhões não descansam, noite e dia, dia e noite, circulando, deixando atrás de si um rastro intoxicante, pulverizante.

Em pouco tempo as autoridades tomavam conhecimento do mal-estar que a "Operação Poeira" estava causando. Vieram os primeiros depoimentos nos jornais dos diretores da SURSAN (a empresa que executa as obras). Falaram vagamente na possibilidade de banhar com uma barca extintora de incêndios o aterro da Beira-Mar. Sobre os caminhões poucas palavras. De consolo: os cidadãos cariocas deviam compreender a situação — era um "ônus do progresso". Passaram-se mais alguns dias. As providências anunciadas não apareceram. Com a escassez das chuvas as ruas foram-se ressecando com a poeira, o asfalto perdendo a cor preta da superfície, ficando pardo. Quando a situação chegou a um ponto intolerável os moradores e comerciantes da Lapa se reuniram e deliberaram protestar junto ao Prefeito. Foram en-

caminhados à administração da SURSAN. Com trezentas assinaturas entregaram ao secretário Alvaro Americano um memorial, pleiteando a irrigação das ruas pelo menos três vezes ao dia. Mais tempo passando e nada de resposta. Nada de irrigação. A poeira cobriu também as folhas do memorial. Resultado: a Lapa declarou guerra.

Na noite de 11 de novembro (a escolha da data intrigou a muitos), eram 10.40 quando espoucaram no ar três foguetes. Sinal combinado. Uma torrente de barris, colchões, armários, pilhas de garrafas, ferro velho, derramou-se sobre a via pública — Ruas da Lapa e Visconde de Maranguape — formando intransponível barricada. Os primeiros caminhões, surpreendidos com o inesperado obstáculo que lhes barrava o caminho, tentaram cortar pela rua Morais e Vale (ao lado da igreja da Lapa). Em meio à grande agitação lá também foi erguido novo monturo de objetos que fê-los retroceder e desistir do intento. Toda Lapa dedicou-se às comemorações do êxito da "Contra-Operação Poeira" das sacadas da janela, dos umbrais dos sobrados, dos portões, das calçadas apinhadas. Enquanto isto os caminhões tinham que se desviar para a Rua do Passeio, empreendendo um trajeto muito mais longo para alcançar o aterro.

Na manhã seguinte a barricada foi desmobilizada pelos garis e o trânsito desimpedido. Mas ficou a advertência popular. Enquanto a SURSAN não executar a irrigação das pistas trafegadas pelos caminhões com as tão repetidamente prometidas "bombas de sais hidrogóspicos" (das quais ainda não se viu nem amostra) correrá o risco de ver o episódio se repetir. E quem sabe como será o segundo capítulo da "Contra-Operação Poeira"? Com a palavra as partes interessadas.

"Luta até o amanhecer"

TEATRO DE HOJE COMEÇOU BEM





A peça de Betti, ousada em forma e conteúdo, provocou grande disparidade de opiniões a seu respeito. O elenco nunca. Aplausos têm sido unânimes. Beyla, Rubens e Isabel, triângulo que domina o terceiro ato, vivem magnificamente o drama.

NO PEQUENO teatro do Leme (150 lugares), um grupo de jovens mas excelentes atores está levando uma peça que temos o prazer de aconselhar a todos aqueles que acham que o teatro deve ir além do mero espetáculo de divertimento, e que importa



Teatro de hoje começou bem

O Teatro de Hoje se inaugura num tom sério e de muita coragem. O veterano Labanca está presente.

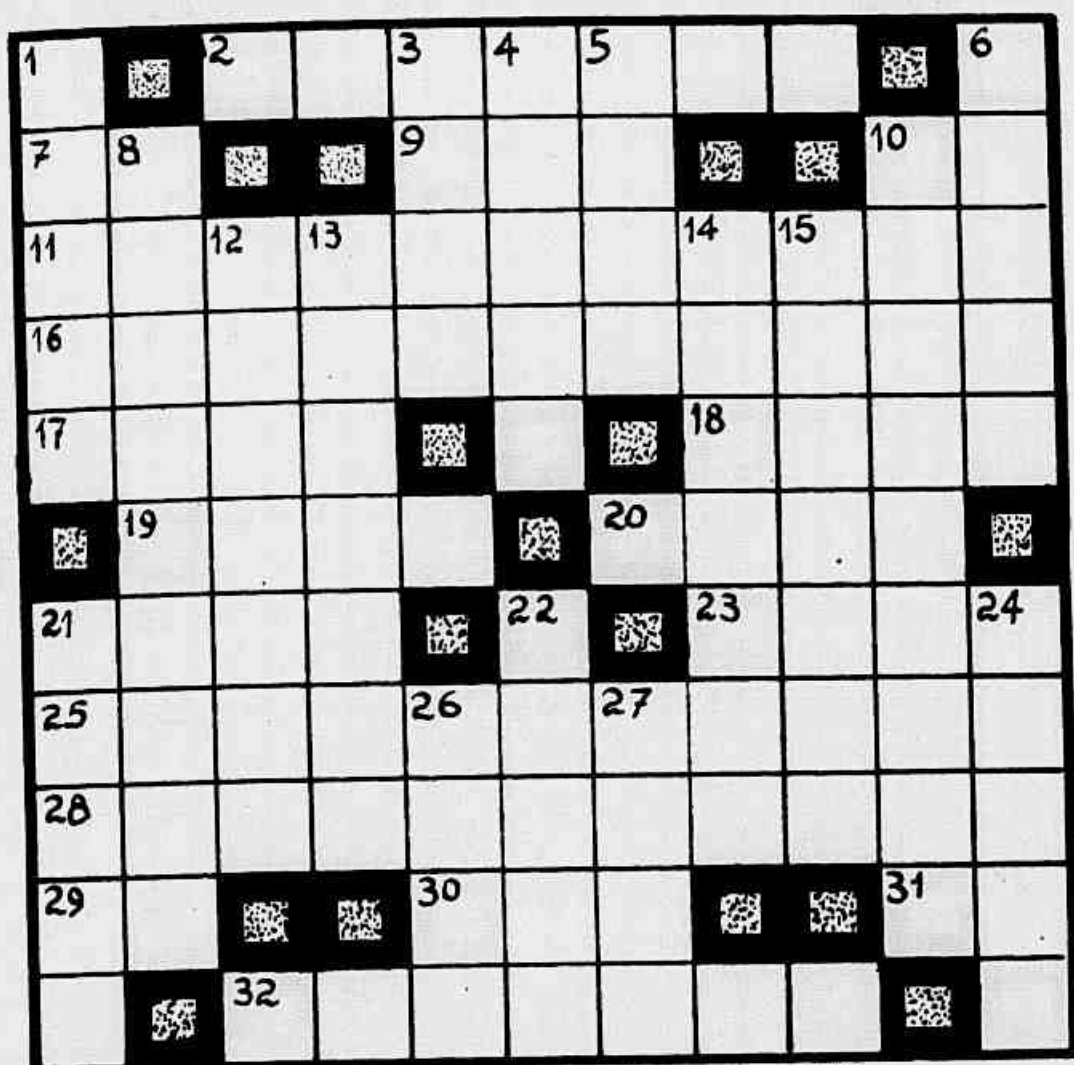
Napoleão Moniz Freire dá novamente mostra de seu talento: compõe um ótimo Professor Túlio.

em problemas de cultura e deve fazer pensar. O grupo é o "Teatro de Hoje", formado por meia dúzia de elementos entre os quais salientamos Napoleão Muniz Freire, Beyla Genauer, Rubens Corrêa e Isabel Tereza — nomes que já vêm chamando a atenção por destacadas atuações em diversas companhias do Distrito Federal, entre elas, o T.N.C., Tablado, Artistas Unidos. Um grupo que se reuniu para dar ao carioca um espetáculo superior, onde a excelência das interpretações, sob uma direção vigorosa, se aliam ao alto nível de peças escolhidas cuidadosamente entre os grandes nomes do teatro internacional. No pequeno palco do teatrinho do Leme, seis atores estão se desincumbindo, toda a noite, dessa relevante missão. E vivem (juntamente com a plateia) um espetáculo que respeitamos pela sua dignidade e que nos impressionou pela sua poderosa força. Foi o italiano Ugo Betti com os seus dramas a aprofundarem a temática do sexo e do pecado, dentro de um elevado plano moral, e dentro de avançadas técnicas do teatro contemporâneo, o grande autor em que se amparou o grupo do "Teatro de Hoje" para dar esse espetáculo.

"Luta ao Amanhecer" é uma peça violenta, de temperamentos mórbidos a se entrecrocarem. Drama de vinganças e de amores desesperados, de orgulhos e submissões. Uma peça que põe a plateia numa permanente expectativa e num estado de depressão que se aprofunda gradativamente. Quatro personagens a transportarem os seus fardos dolorosos. A história é a retomada de um problema, ocorrido anos antes, e que um incidente, no dia do início da guerra, veio interromper. E o que estava oculto vem à tona, com seu séquito de misérias. É a história de um fraco, oscilante entre duas forças que o tolhem e o dirigem — papel ótimamente interpretado por Rubens Corrêa.

Grande peça, esse "Luta até o amanhecer", muito bem dirigida por Paulo Francis. Mas só se tornou possível esse espetáculo pela atuação de uma equipe da altura desta que compõe o "Teatro de Hoje". Nomes como Napoleão Muniz Freire, Beyla Genauer, Isabel Tereza, que faz a honra ao jovem teatro nacional.



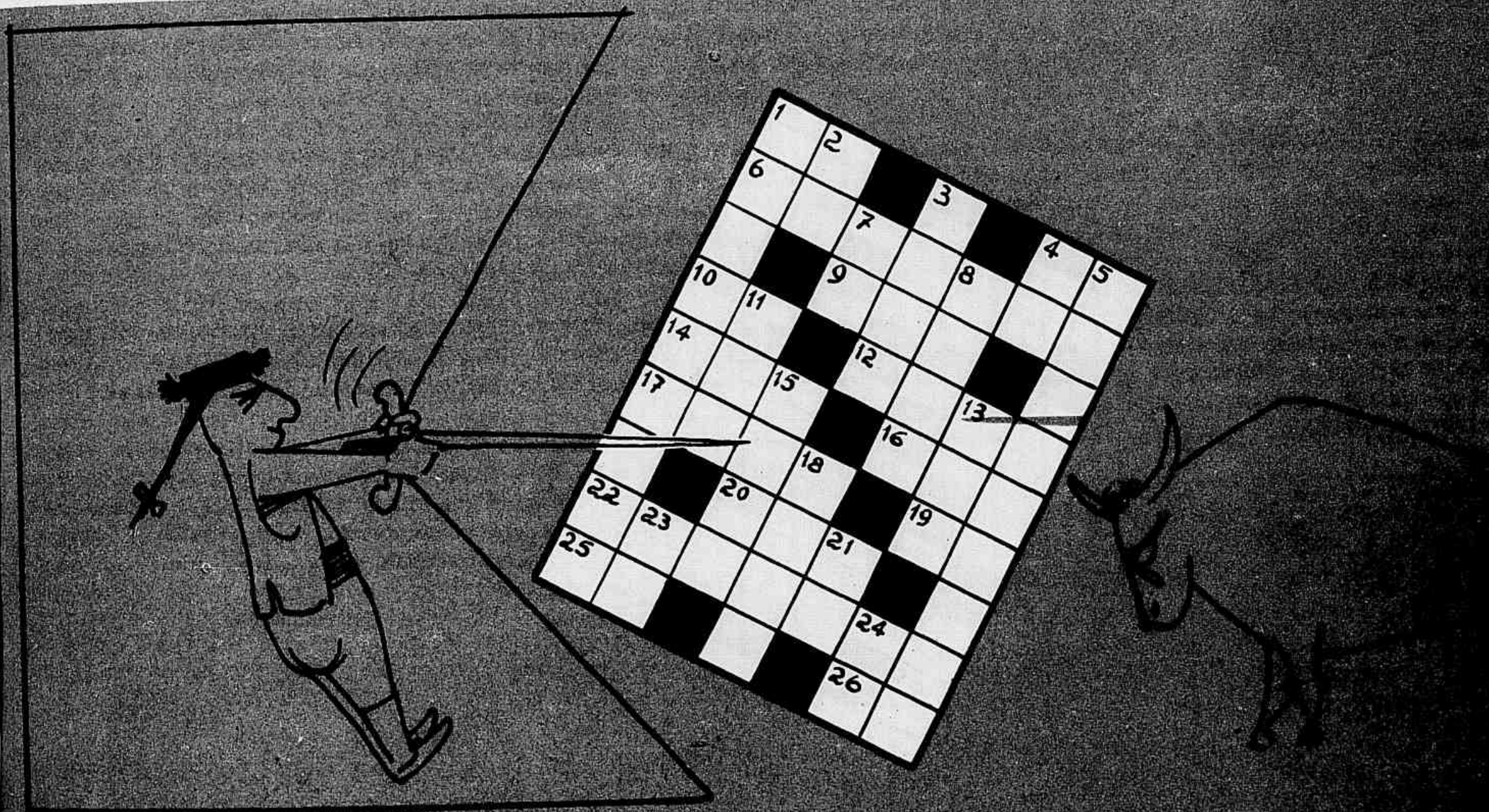


Olaner - Rio

PROBLEMA N.º 60 — PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: 2. Acalmara — 7. Consinto! Sejal — 9. Afluente do Reno — 10. Medida japonesa de capacidade, equivalente a dois decilitros — 11. Nome de uma árvore frutífera — 16. Legalizadas — 17. Estão enamorados — 18. Vala — 19. Qualquer corpo celeste — 20. Dialeto indonésio falado na parte holandesa da ilha de Timor — 21. Talvez — 23. Velhaco — 25. Pessoa magra (pl.) — 28. Estouvado — 29. Em Macau, mantilha — 30. Constelação austral, perto do Escorpião — 31. Aum — 32. Algazarra.

VERTICAIS: 1. Grande fruto carnudo de algumas curcubitáceas do Brasil — 3. Ilha de Bornéu — 4. Nome de mulher — 5. Planta que significa simbolicamente a alma — 6. O que existe — 8. Suave — 10. Diz-se dos medicamentos sob a forma de grânulos — 12. Árabe — 13. Dobrai — 14. Conceito — 15. Gabara por interesse próprio — 21. Jesus Cristo, em sentido místico — 22. Planta têxtil — 24. Feto com cabeça imperfeita e tronco rudimentar — 26. Planta da África — 27. Espécie de soda natural de algumas minas do México e da Venezuela.



SOLUÇÕES DOS PROBLEMAS N.º 59

PARA VETERANOS

HORIZONTAIS: Ir — an — rem — ula — ami — amortecidos — meta — álgida — anota — aurir — ixora — farte — alpim — aduana — arca — tonsurariam — asa — sol — sra — só — ré.

VERTICAIS: imoto — alea — nadir — rama — emendados — ut — aclara — modificar — Isar — ratitas — igualar — axenus — fata — runas — prise — mama — aros — Al.

PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: aro — mar — aia — ama — sal — al — má — amada — or — Ru — dou — ata — vir — mor — ata.

VERTICAIS: aatá — ri — oas — mal — AM — rata — arado — lar — mar — oram — urra — dar — uva — to — it.

PROBLEMA N.º 60 — PARA NOVATOS

HORIZONTAIS: 1. Porco — 4. Símbolo químico da prata — 6. Da cor do ouro — 9. Oceano — 10. Brisa — 12. Extraordinária; pouco comum — 14. Monarca — 16. Forma reduzida de senhor — 17. Guarnecer de asas — 19. Décima sétima letra do alfabeto grego — 20. O mesmo que raer — 22. Faz análise — 25. Nota musical — 26. Artigo feminino plural.

VERTICAIS: 1. Espécie de rato silvestre (pl.) — 2. Rio da Rússia — 3. Lavar — 4. Outra coisa — 5. Gabolas — 7. Sigla automobilística do Amazonas — 8. Épocas — 11. Cabeça de gado — 13. Grande porção — 15. Mãe-d'água — 18. Perereca — 21. Sorri — 23. Símbolo químico do níquel — 24. Sobrenome.

TRAPÉZIO

OSÓRIO NUNES

Crise da FAB: Puramente militar

Brasil: Situação Argentina

Plano de estabilização: Técnico...

A SITUAÇÃO BRASILEIRA É ARGENTINA. O quadro da agitação argentina é igual ao brasileiro. Petróleo no fundo; Frondizi e JK na superfície querendo negociá-lo e não podendo; violenta alta no custo de vida desorientando os governantes e alucinando o povo.

A SITUAÇÃO ARGENTINA NÃO É BRASILEIRA. Em Buenos Aires, a agitação foi feita para derrubar o Presidente Frondizi. No Brasil, ninguém pretende derrubar o Presidente Kubitschek.

A CRISE DA FAB É PURAMENTE MILITAR. Os meios políticos não apóiam politicamente a agitação na FAB. Compreendem que os aviadores não queiram ser comandados pelo General Lott. Mas não querem arriscar a vitória de 3 de outubro com qualquer motivo de perturbação. Querem começar a governar em 31 de janeiro de 1959. E completar o triunfo eleitoral em 1960.

JK ESTA TRANQUÍLO E CONFIANTE NA SORTE. Acreditando na eficiência de suas forças políticas e militares, não teme golpes de Estado. Sabe que não há interesse em derrubá-lo.

A LUTA FEIA É NO SETOR PETRÓLEO — A luta nos bastidores governamentais para saber quem fica com o controle da indústria do petróleo rebentou com o pronunciamento pessoal do Coronel José Alexino Bittencourt (Presidente do Conselho Nacional do Petróleo) contra a orientação do Coronel Janary Nunes (Presidente da Petrobrás). Daí, grandes surpresas.

PLANO DE ESTABILIZAÇÃO: COMEÇO OSCILANTE. Líder governamental Armando Falcão disse que o Plano de Estabilização Financeira (Lucas Lopes) era eminentemente técnico. Mas o Plano começou oscilante nas primeiras discussões. O Plano pode ser técnico. Mas os preços são políticos...

O POVO NÃO PODE SUPORTAR MAIS A ALTA DE PREÇOS. DAQUI A POUCO SERÃO NECESSÁRIAS MEDIDAS DRASTICAS PARA CONTER A ESPECULAÇÃO DESENFREADA.

PREVENINDO QUEBRA-QUEBRA. Houve quebra-quebra nestes dias, em São Paulo, Belo Horizonte, Florianópolis. No Rio, a Polícia entrou de prontidão e em Minas, também. Para evitar quebra-quebra. Quebra-quebra é um resultado. Que não se corrige com a Polícia. O Governo precisa de quebrar a cabeça, para achar uma solução urgente...



Cirilo.



Bueno.

QUEM ESTÁ NO TRAPÉZIO

São os responsáveis pelas adutoras de celofane que estão ameaçando de transformar o Rio de Janeiro num rio mesmo.

FIGURAS, ENSAIOS E FUNÇÕES

SÍTIO, NÃO

JK não vai mais à Argentina nos próximos dias. JK é de Diamantina, gosta do mato, não quer nada com sítio...

REPÚBLICA DO NORTE

Governador Dinarte Mariz anda tão aborrecido, que diz: "Se não formos atendidos (os Governadores do Nordeste) faremos a República do Norte".

CID COM TUDO

Governador (eleito) Cid Sampaio está com tudo. Ganhou por larga margem (confirmando as prévias estatísticas que mandou fazer). Reuniu os governadores nordestinos eleitos (Juraci, Parsifal, Chagas Rodrigues) e mais Dinarte. Vai encontrar-se com Rockefeller. Depois com Kruchev e Mao Tsé Tung. Haverá outro "valiente" que se queira encontrar com um "valiente".

DOIS QUE SE COMPLETAM

O Ministro Sette Câmara (Subchefia da Casa Civil da Presidência) e o Embaixador Mendes Viana (Secretário Geral do Itamarati) se entendem muito bem. Graças a seu perfeito entendimento, caminha a passos largos a reforma do Itamarati: mais duzentos cargos de diplomatas.

PORQUE É JOVEM

Sette Câmara é considerado um dos melhores diplomatas brasileiros. (Opinião de Gilberto Amado, que tem faro para o que é bom). Poderia perfeitamente ser o Ministro das Relações Exteriores, há muito tempo, se não fôsse o preconceito existente no Brasil de que Chanceler deve ser velho. Mas os seus amigos dizem: Sette, um dia, chegará lá.

QUEM INFLUI

Quem está influenciando na política latino-americana do Brasil é D. César Barros Hurtado, de quem nas rodas oficiais se diz "que veio para nos ajudar". "D. César é um romântico. Ama o Brasil e os brasileiros, é galante com a terra e a mulher brasileira. Ajuda muito na OPA. É o Embaixador que Frondizi mandou para Washington, para a OEA e para o Comitê dos 21, na OPA. É um dos homens mais queridos da quem e além Prata. Um "charmeur" irresistível, de quem muita gente boa só fala com olhos úmidos."

VOLTA AO MADEIRA

Paulo Nunes Leal voltou ao Governo do Guaporé. Aos que poderiam pensar que é por proteção do irmão (Vitor Nunes Leal, Chefe da Casa Civil), recorda-se que

Paulo Nunes (tenente-coronel) já governou o Guaporé, na Presidência Café Filho, e de acordo com o deputado Aluísio Ferreira, foi, agora "aclamado" governador, indo outra vez, para as margens do Madeira.

DEPUTADO MUNICIPALISTA

O parlamentar municipal Antônio Sílvia Cunha Bueno volta ao Palácio Tiradentes com a enorme votação que sempre lhe foi dada no interior de São Paulo, onde acreditam que, ele é mesmo capaz de lutar pelos Municípios. Não tendo conseguido criar a Secretaria do Interior, em São Paulo, espera-se que Cunha Bueno lute pela criação do Ministério do Interior, no Rio.

O ERRO VEM DE LONGE

"A política do café vem errada há muito tempo", declarou-me Jaime Guedes, que dirigiu o DNC durante a ditadura e anda de lotação.

CIRILO NÃO VAI

Perguntei ao Sr. Cirilo Júnior se era exata a notícia de que iria para uma Embaixada na Europa. Resposta do Ministro da Justiça (almoçando na "Cabaça Grande"): Antes de eu vir para o Ministério falou-se na minha ida para Genebra. Depois, não se falou mais. Enquanto isso, vou comendo aqui o meu peixinho...

MUDOU DE CARDÁPIO

Feliz é o Cirilo, lembrou um deputado que soube da história. Quando estava na Justiça, o Nereu dizia que a política era a arte de engolir sapos...

NAO É, MAS FICA

E o Sr. Eurico Salles (que não é economista) vai ficando no Conselho Nacional de Economia. Economista Mário Maia (Presidente da Ordem) já recorreu à Justiça, em vão. Teme, presentemente, que o Conselho seja, além do mais, recheado com uma coleção de derrotados em 3 de outubro.

NEGÓCIOS, NEGÓCIOS, AMIGOS A PARTE

Fui informado, no Itamarati, de que não procede a onda de notícias sobre reatamento de relações diplomáticas com a Rússia. Aranha vai, Goulart não se sabe, café se troca por petróleo, mas relações diplomáticas, não. Negócios, sim. Amizade, não.

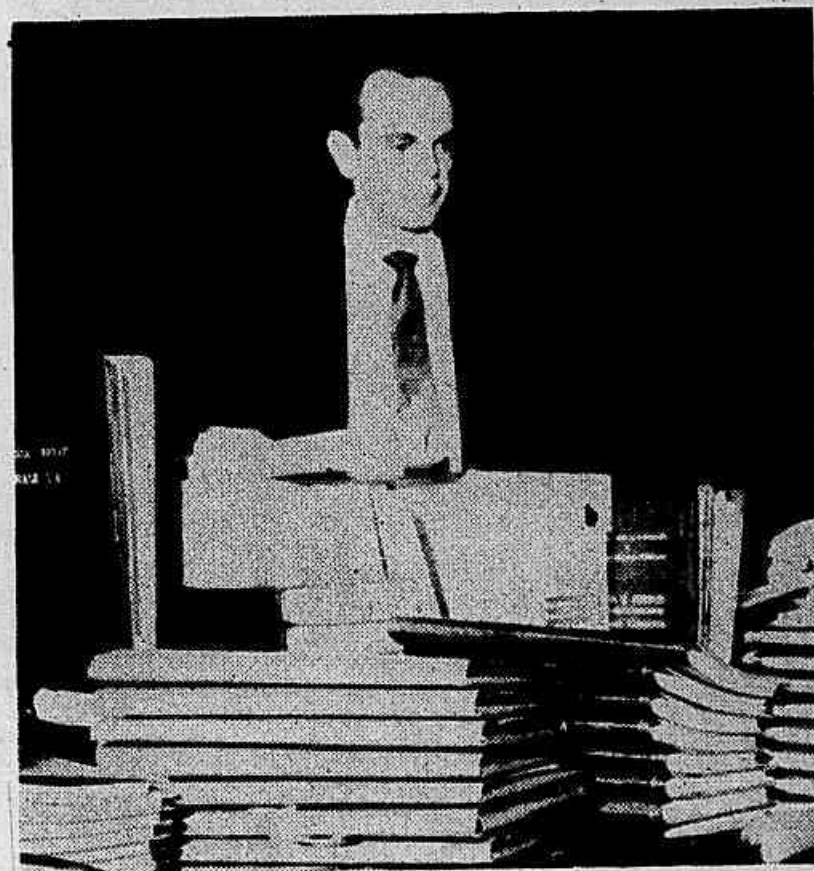
CONGRESSO

Agora, vamos ver o que fica, de positivo, do Congresso Interamericano de Municípios...



MATO GROSSO É TRANQUÍLO

Em Mato Grosso, depois das eleições, o ambiente é tranqüilo — diz Augusto Mário Vieira, ex-vereador, líder municipalista, deputado estadual mais votado em Cuiabá (sem corromper ninguém). Mário diz que o Governador é pessedista (Ponce de Arruda), mas a UDN detém as Prefeituras das principais cidades.



MAR DE PROJETOS

Afundado num mar de projetos (37) o Comandante Gomes de Paiva (secretário executivo do GEICON) calcula as horas que serão necessárias para examinar, discutir e dar parecer final sobre tantos desejos de construir e reparar navios no Brasil. O Brasil passou, até agora, sem indústria naval em larga escala. Quando resolveu instituí-la (Plano Lúcio Meira) apareceram tantos pretendentes que o GEICON, com excesso de carga, está quase adernando...

A PROPÓSITO



A mulher que transformava os homens em estátuas — cena do ballet "L'Atlantide", baseado no romance de Pierre Benoit e apresentado pela Ópera de Paris

A CIÊNCIA está sobrepujando a arte em quase todos os seus ramos; assim observamos na pintura, na arquitetura e particularmente na música. No "ballet", por exemplo, as inovações verificadas são realmente espetaculares; suas novas formas de expressão, sua temática renovada e sua música revolucionária nos levam a crer que o ciclo da arte está nos seus últimos dias. A música eletrônica já é uma realidade; os músicos europeus já estão em pânico pois terão que fazer curso de engenharia se quiserem continuar vivendo da música. Sim, porque agora, com o progresso da eletrônica, já existem engenheiros para "compor" e "executar" música que por sinal não mais é grafada e sim traçada em trilha sonora cujo som é produzido por uma célula foto-elétrica.

Mas não só a música entrou na fase de renovação, a temática também se tem revelado revolucionária. O "ballet" abstrato (Maurice Béjart), o "ballet" concreto (Reynaldo Jardim), o "ballet" moderno de ação (Werner Herzog), o "ballet" eletrônico (Henk Radings), o "ballet" moderno da Índia (Paravati Kumar), o "ballet" cosmopolita (Agnes DeMille), são alguns exemplos eloquentes da assertiva acima: a ciência está sobrepujando a arte.

"BALLET" ARQUITETÔNICO

Durante o último Festival de Berlim, o "Ballet Théâtre" de Maurice Béjart apresentou uma obra que estremeceu a platéia pela sua arrojada coreografia, pela sua música e sobretudo pelo seu tema. A grande inspiração de Béjart foram as audaciosas obras do arquiteto Le Corbusier (o Oscar Niemeyer da França). Os passos são executados formando figuras geométricas; os bailarinos dançam com malhas pretas, sapatilhas, calções e luvas brancas. O espetáculo foi delirantemente aplaudido pelo público e friamente recebido pela crítica.

OS COMUNISTAS FICARAM MILIONARIOS

Há cerca de 40 dias terminou a temporada norte-americana da Companhia de "Ballet" da Moiseyev e os dados agora revelados indicam que aquele conjunto soviético de danças e cantos folclóricos registrou o maior sucesso financeiro e artístico de qualquer "troupe" nacional ou internacional da história do teatro norte-

americano. Durante os três meses de cartaz, os bailarinos soviéticos levaram à cena 69 espetáculos para casas lotadas, arrecadando cerca de 29 milhões de cruzeiros (calculando-se o dólar pela taxa oficial de câmbio). Comenta-se que nem o maior circo do mundo — o Ringling Barnum & Bailey — nem "Oklahoma", o mais famoso musical estadunidense conseguiram se igualar ao sucesso de bilheteria alcançado pelos bailarinos soviéticos. Deve-se levar em conta ainda o fato de ter sido o conjunto rudemente atacado pelas instituições anticomunistas norte-americanas que realizavam piquetes à porta dos teatros onde se exibiam tentando impedir que o público prestigiasse o espetáculo. Por fim, 3 de seus bailarinos foram acusados como espiões.

A Companhia Moiseyev, que é o conjunto mais viajado da União Soviética, compõe-se de 44 bailarinos e outro tanto de bailarinas, além de 8 músicos (pandeiristas, acordeonistas e balalaquistas). Segundo estamos informados, a Companhia Moiseyev visitará o Brasil em 1960, após sua segunda excursão pelos EE.UU.



Representação do "ballet" assamez das bailarinas da Índia. No-

ODE... BALLET

CARLOS A. NASCIMENTO

PROIBIDO PARA AS MULHERES

As mulheres francesas (e talvez algumas celonesas discretamente sentadas na platéia) assistiram, durante o recentemente encerrado Festival Internacional de Teatro de Paris, uma dança do Ceilão que em tempo algum fôra assistida por qualquer representante do "sexo frágil" daquela nação asiática — "Khombajankariya", ritual de sacrifício em que os bailarinos demonstram o poder da magia sobre a dor, dançando cercados por tochas acesas cujas chamas lhes molestam os corpos. A Companhia Nacional dos Dançarinos do Ceilão (êsse é o nome do conjunto) é composta exclusivamente por homens, sendo vedado, por tradição religiosa, a presença de mulheres em seus espetáculos. Uma curiosidade: ainda que os celoneses, em sua maioria, sejam budistas; ainda que as danças tenham como inspiração a doutrina de Buda, seu primeiro bailarino tem nome cristão — Fernando (K. Suderis Fernando).



tem-se a idade das bailarinas.



Eartha Kitt, "globe-trotter" da canção e intérprete de um ballet jazístico, há dias incorporou ao seu Fã-Clube a família real da Inglaterra

Outra criação de Werner Henze. "Boulevard Solitude" é o nome dêsse expressivo "ballet" que representa a nova geração alemã.

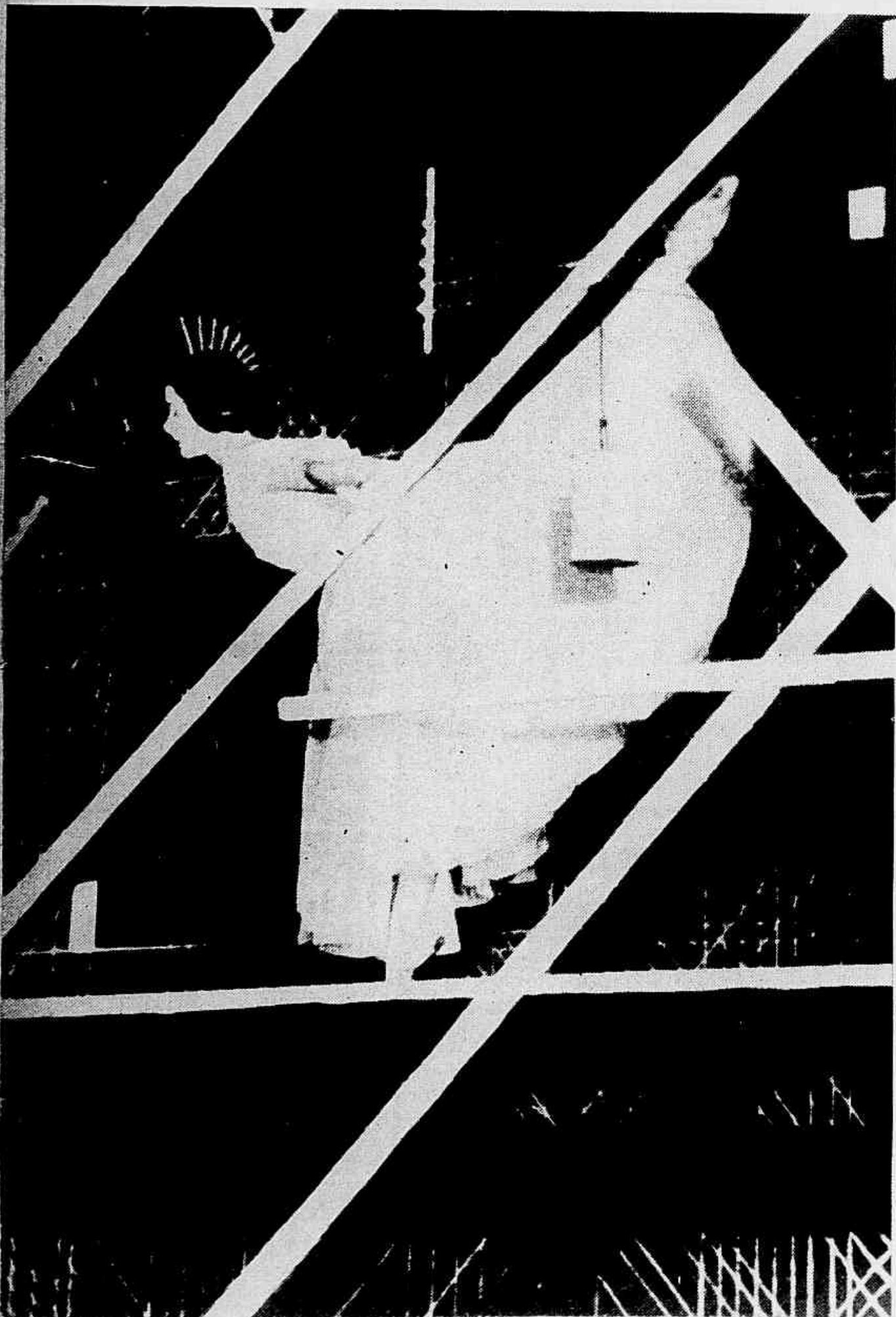




"Ballet" da América Latina, de J. Perez Fernandez, atual cartaz do Teatro Marigny de Paris

A COMÉDIA HUMANA

"Ballet" de Ação de Werner Henze. O compositor se inspirou num prédio em construção!



A COISA É MESMO SELVAGEM

"Dança Cerimonial do Dente do Javali" é o título de um dos números apresentados na película "South Pacific", recentemente concluída. A coreografia é apresentada por um corpo de "ballet" liderado pelo bailarino Archie Savage, cujo nome (traduzido) significa muito apropriadamente aqui-selvagem!

O CURIOSO "BALET" DA INDONÉSIA

Os dançarinos de Bali (um conjunto folclórico-coreográfico de uma das ilhas da Indonésia) estrearam em Londres diante de uma platéia a princípio curiosa e arrebatadora no final. Os dançarinos indonésios se fazem acompanhar por um "gamelan" (orquestra típica da região) composta de instrumentos de percussão, xilofones, flautas e gongos, cuja execução é apresentada com surpreendente variedade de tom e ênfase. A curiosa orquestra não usa partitura por não haver registro gráfico musical em Bali, sendo o longo repertório musical legado auditiva e memônica-mente de geração para geração. As bailarinas têm geralmente 9 a 11 anos de idade sendo que aos 12 já são espôsas. Com os homens dá-se ao contrário; um dos primeiros bailarinos tem mais ou menos 60 anos (em Bali não se conta o tempo). O bailarino I Gusti Ngural Raka, é o principal intérprete do "keblar", uma dança executada exclusivamente com as pernas, tendo-se o tronco apoiado no palco. As danças são baseadas em contos do folclore balinês o que sem dúvida vem explicar a grande dependência da mímica que em geral tem caráter humorístico. Os passos coreográficos têm lances de conflito mas os bailarinos dançam sérios, não havendo em seus lábios ou em seus rostos o mais leve sinal de sorriso.

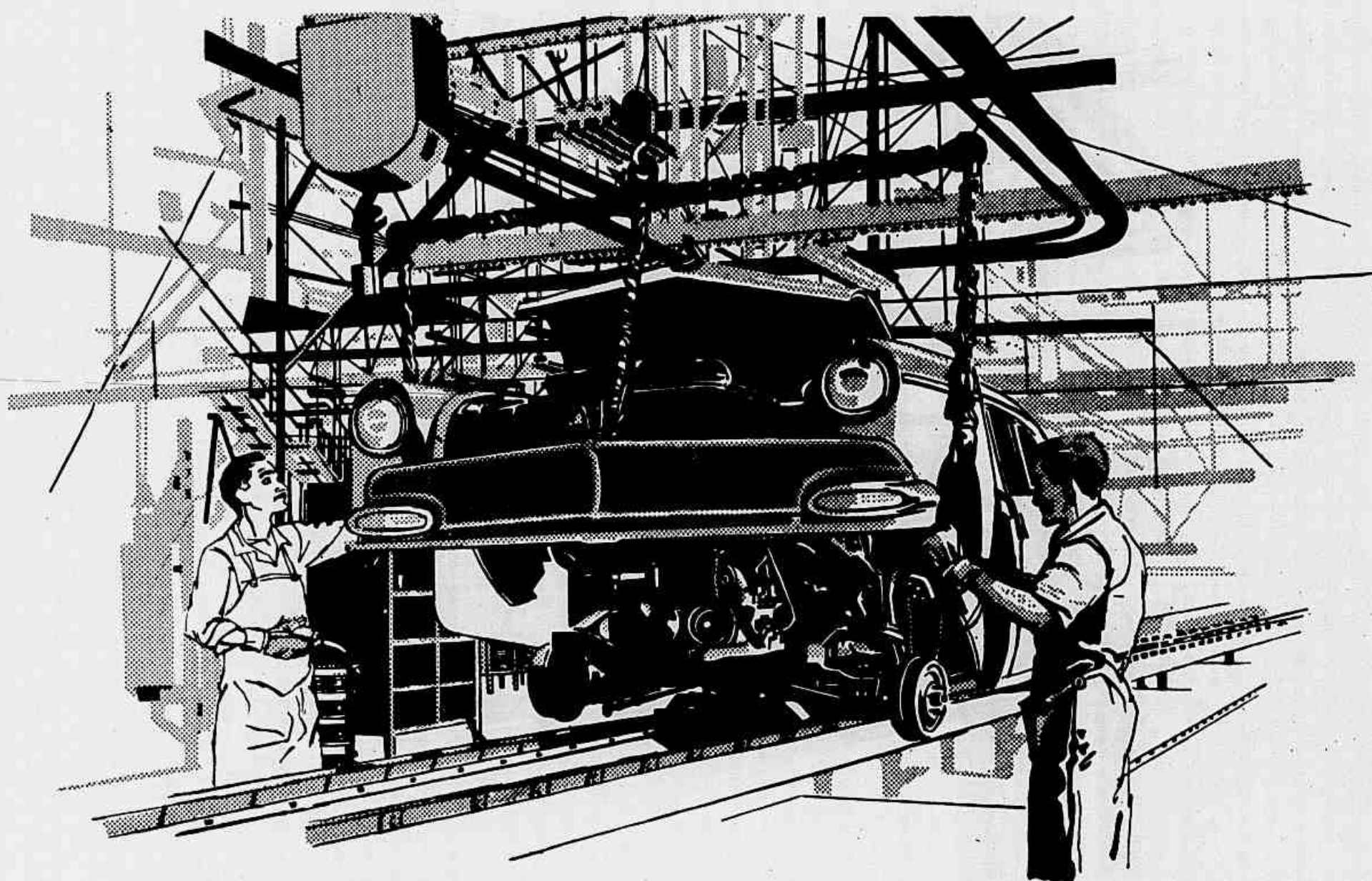
O MAIS ANTIGO "BALLET" DO MUNDO

A música da Cambódia — a mais antiga do mundo — é a única em todo o planeta de forma basicamente polifônica. Os cambodianos procuram criar ambiente e reproduzir estados d'alma através de formações complexas de som e coreografia em que a melodia desempenha apenas um papel secundário, cabendo aos instrumentos de percussão (gongos e xilofones) o papel dominante, enquanto que os oboés e as flautas exprimem sutilezas e formam complexas harmonias modais. A originalíssima e tradicional música da Cambódia (e também de Laos e da Tailândia) não representa apenas um vestígio, mas a continuação da música que em tempos idos acompanhou os bailarinos palacianos da hoje cidade-morta de Angkor. A música e o "ballet" cambodianos são os frutos da grande civilização dos Khmers e do refinamento e cultura de seu povo. Ainda hoje, as grandes orquestras clássicas servem para acompanhar os famosos dançarinos cambodianos no palácio real de Phnom Penh. Mas há outras tradições musicais cambodianas além da clássica. Os mágicos, por exemplo, têm suas próprias orquestras, seguindo escalas antigas variadíssimas que são desconhecidas de outros músicos. Os coros dos monges e as danças das sacerdotisas são oriundos dos cânticos védicos e as letras das canções rituais ainda são cantadas em "pali", a sagrada língua indiana do budismo.

NOTÍCIAS

Alguém já ouviu falar na bailarina exótica Naja Karamuru? Pois essa moça que se diz brasileira e atua no "night club" Palace de Buffalo (E.U.A.), dança com serpentes e está fazendo enorme sucesso na América do Norte e Canadá.

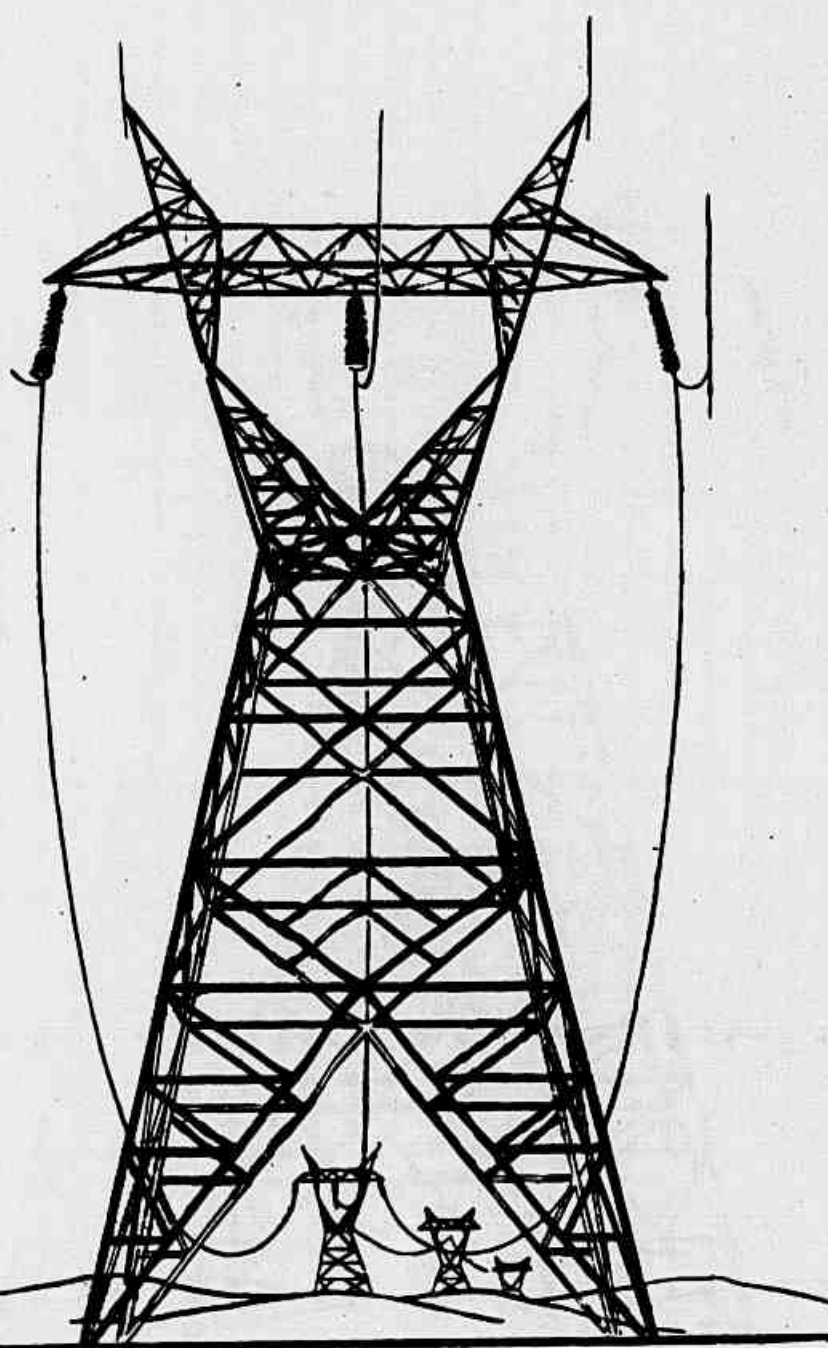
"Jouncing" — uma dança estilizada para três ou quatro bailarinos acaba de aparecer na Europa com grande sucesso. A nova dança se situa entre o "ballet" descritivo norte-americano e a escola indiana de Gamal Gopar. A companhia de "ballet" moderno "The Three Quarters", que ora encabeça o cartaz do clube Astor, de Londres, é a criadora do novo estilo.



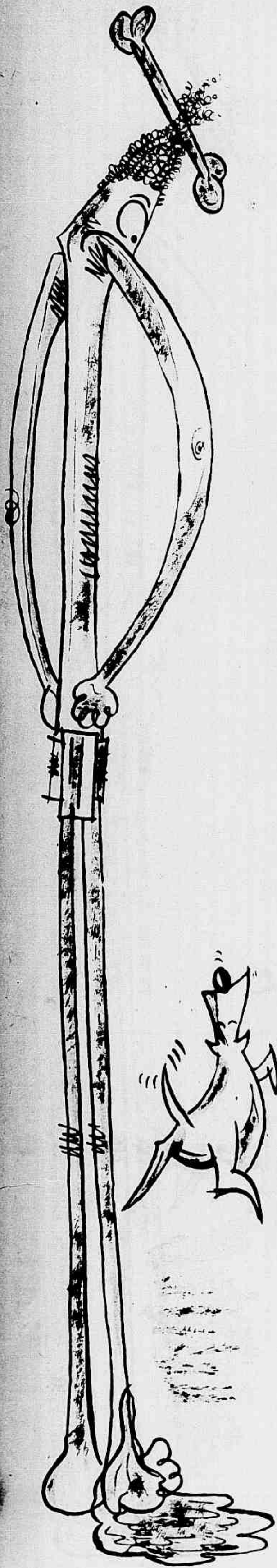
AUTOMÓVEL BRASILEIRO *fruto da planificação*

O automóvel brasileiro, sonho tão recente, é hoje admirável realidade.

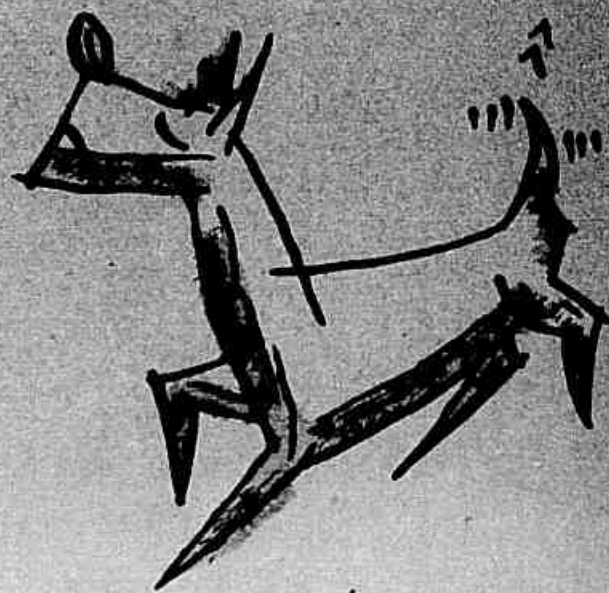
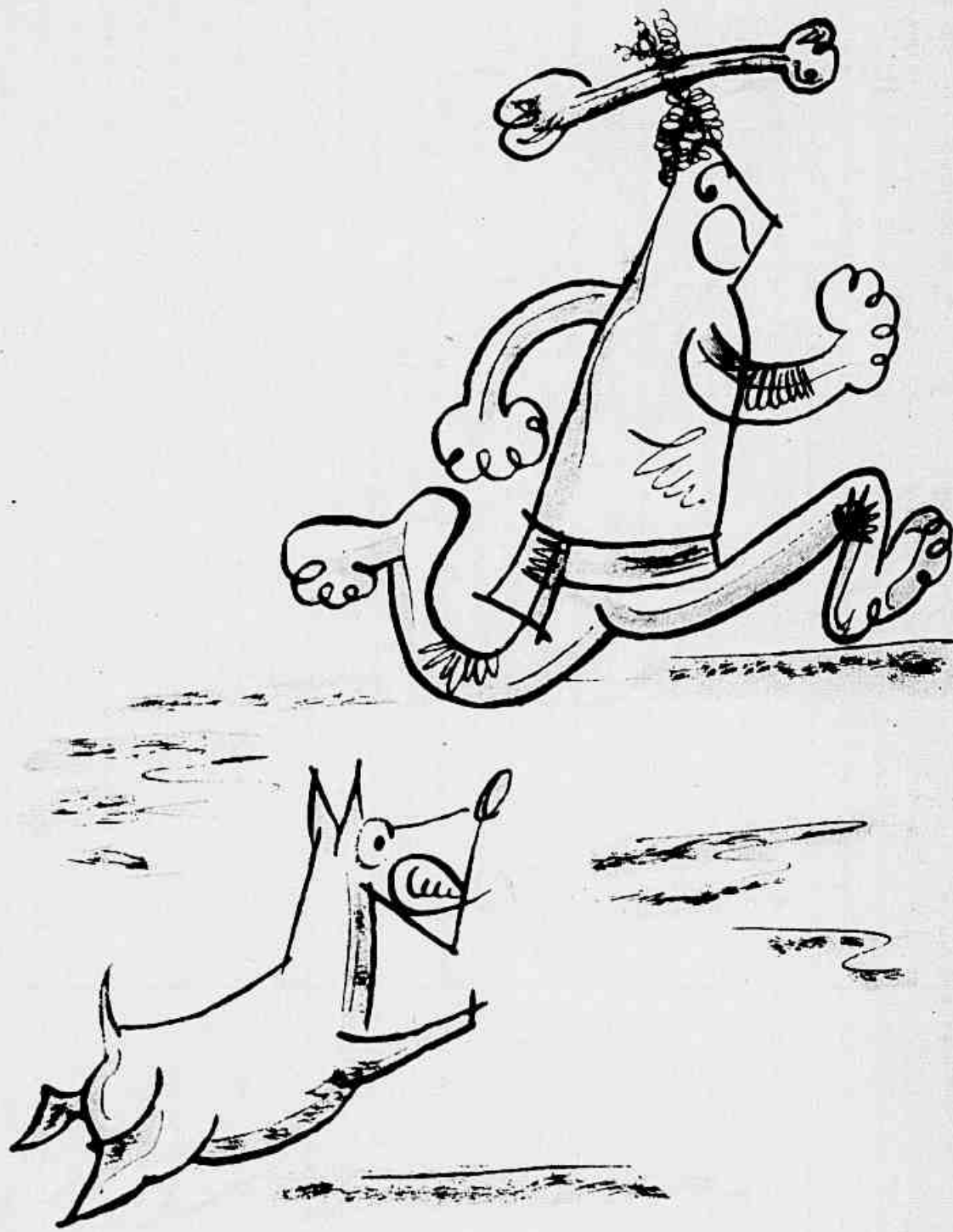
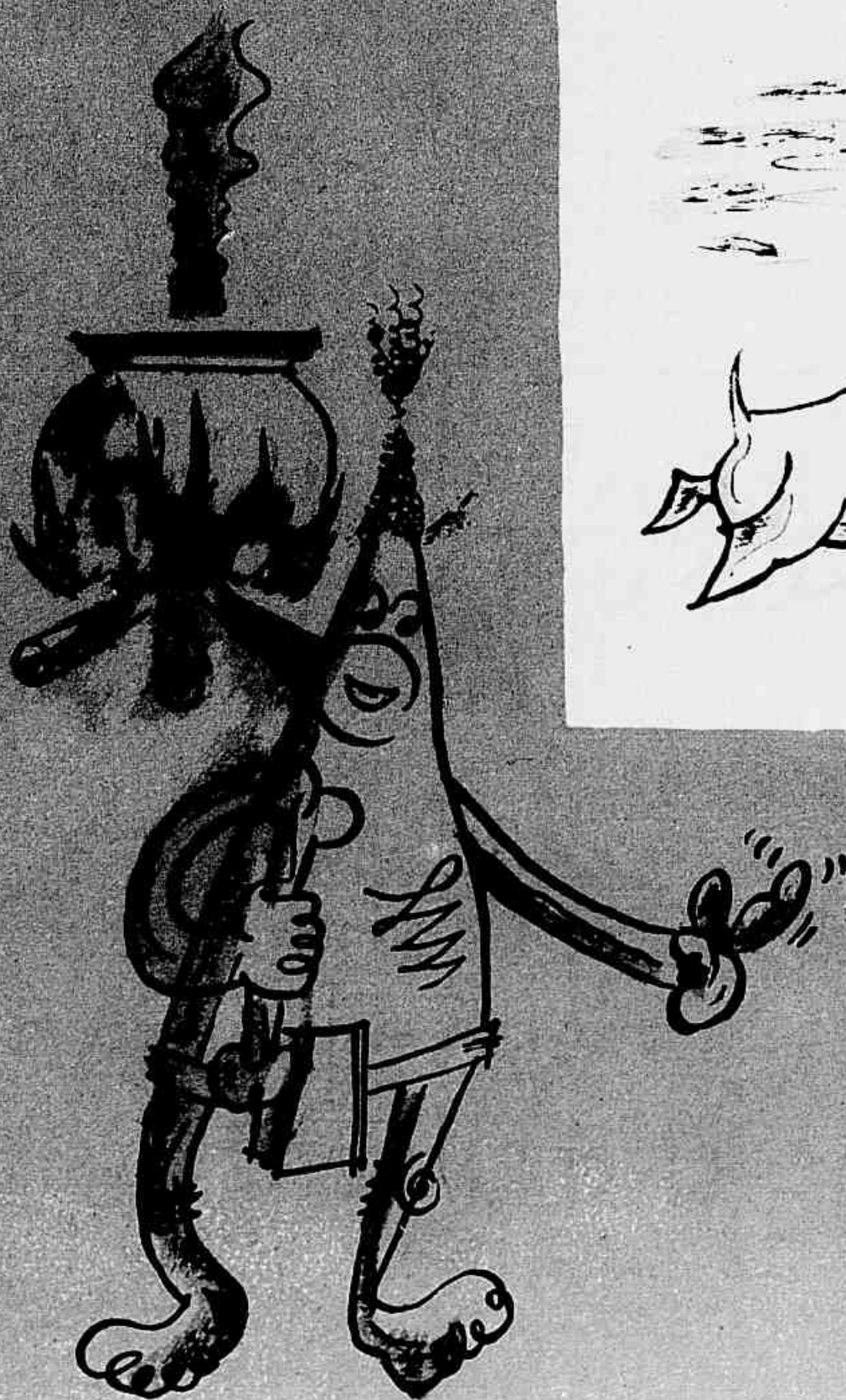
O plano-diretor de criação e incremento da indústria automobilística nacional, elaborado pelo Governo do Brasil, recebeu o apoio resolutivo da iniciativa privada. A nova indústria automobilística brasileira estabeleceu-se fundamentalmente na área Rio-São Paulo, onde a energia elétrica, desde o princípio do século, vem contribuindo para o progresso industrial do Brasil.



A SERVIÇO DO PROGRESSO INDUSTRIAL DO BRASIL



**MAURO
IVAN**



Al
milia
dand
ferro
tado
simp
son
tástr
em
Dize
sosse
reali
Bras
doun
gran

Q
amiz
sem
prec
sua
cert
and
mai
per
dor

C
nem
poli
neg
com
pód
zad
pop
faz
mia
vel
lici
de
IA
tas
dev
e e
ma
ba
Ag
pri
até
po
ôn
im
sil
ai,
ex

ou
ri
pl
co
oc

m
Q
q
ta
p
er
m
n
a
v
t

APERTANDO OS PARAFUSOS nos seus miliardários negócios da América do Sul e dando as últimas instruções aos testas-de-ferro antes de assumir o governo do Estado de Nova Iorque, chegou ao Rio o mais simpático e acessível dos milionários: Nelson Rockefeller, feliz sobrevivente na catástrofe eleitoral republicana e candidato em potencial para substituir o velho Ike. Dizem que a casa real dos Rockefeller não sossegará enquanto não transformar em realidade a divisa: "Ouro Negro e Casa Branca". Ouro eles já possuem, demais, douradinho ou negro. Falta só uma casa grande e branca, em Washington.

QUEM AVISA geralmente procede por amizade, embora conselhos sensatos nem sempre sejam bem recebidos. O Country precisa olhar um outro lado do jogo, em sua sede. Não se deveria permitir que certa meninada e rapaziada inexperiente andasse perdendo altas paradas para gente mais velha, sabida e experimentada. Este perde-ganha desenfreado ainda dará muita dor de cabeça...

COM CARA DE TACHO — nem mais, nem menos — é o que devem andar certos políticos de responsabilidade e homens de negócios levianos, responsáveis pela folga com que um vigarista circulava pelo hipódromo da Gávea, alardeando sua amizade com gente importante e tornando-se popular pelas paradas espetaculares que fazia. Na semana que passou o tal Jeremias foi apontado como herói de um golpe velhaquíssimo, aparecendo nas colunas policiais como responsável pela venda fictícia de todo um conjunto de apartamentos do IAPC, em circunstâncias bastante marotas. Mariazinha sabe que muita gente boa deu intimidade franca ao "seu" Jeremias e era vista em sua companhia, trocando palmadinhas nas costas, sem se dar ao trabalho de investigar o pedigree do moçoilo. Agora passarão pela vergonha de haver privado da companhia do aventureiro e até o introduzido em certos círculos. O poder, político ou econômico, impõe certos ônus e certas cautelas no convívio social, infelizmente desprezadas por muitos brasileiros. O velho provérbio, entretanto, está aí, dizendo a verdade dura pela voz da experiência: "Dize-me com quem andas..."

VENDENDO FELICIDADE no Sacha's e outras escalas do itinerário noturno carioca o sr. Vicente Galliez, o último exemplo circulante de que a vida realmente começa quando se tem o coração bem ocupado nos exercícios do bem querer.

SÓ UM SURDO não acreditaria em crise militar durante os últimos trinta dias. Quem tivesse ouvidos ajustados saberia que nem Aeronáutica nem Marinha aceitariam a tournée do ilustre General Lott pelas outras pastas militares. No domingo em que se disputou o "Grande Prêmio Almirante Tamandaré", semanas atrás, ouvi na Tribuna de Honra do Jockey Club uma altíssima patente da Marinha declarar, em voz bem sonora: "Para o Lott ficar, o Matoso Maia não irá". Se isto acontecia entre

a mariscada, o que dizer dos aeronautas? JK precisa cuidar urgentemente da cêra nos ouvidos dos seus informantes. Já que a miopia não os deixa enxergar as crises, que ouçam pelo menos os boatos bem amparados.

OS MEUS CAROS confrades de bisbilhotices sociais abusaram tanto do termo "chic" — um tanto gagá, não acham? — ao comentar a grande festa com que o casal Ermelindo Matarazzo inaugurou a sua nova residência do Morumbi, em São Paulo, que muita língua ferina e quatrocentona já está apelidando a mansão Matarazzo de "Ao Ponto Chic".

ESTRANHEI MUITO que nesta festa dos Matarazzo houvesse ordem de servir um breakfast aos convidados que se deixaram ficar até de manhã no Morumbi. Saber sair de uma reunião ou festa na hora adequada, é regra básica de boa educação. Além disso, ainda não conheci uma senhora que passando a noite acordada enfrentasse o café da manhã com elegância e cara apresentável. Para nós, as mulheres, o breakfast é a hora mais crítica do dia, estejamos ou não de boas relações com Morfeu.

UNIDOS DA PERUCA é o nome de um bloco que certa rapaziada alegre e alguns incorrigíveis boêmios pretendem organizar, a fim de desfilar na avenida Atlântica por ocasião do próximo carnaval. Os organizadores do cordão acham que até Momo haverá muta peruca desmoralizada e desvalorizada, dando sopa pela praça. E não deixam de ter a sua razão.

ENQUANTO NA JORDÂNIA do rei Hussein as coisas estão pretas, na Jordânia nacional tudo novamente azul, com bolinhas brancas. H.S. e Josefina iniciaram outra lua de mel.

DEPOIS DO BERREIRO do bezerrinho desmamado que o Fred's empresou, será um alívio mergulharmos no ritmo gostoso de Nat King Cole. Aliás, pelas cifras do contrato, ficou provado que a bomba não estava na esquina do Frederico: estava mesmo na esquina do Sacha's.

O BELVEDERE é um restaurante que a Prefeitura instalará na variante da Estrada das Paineiras, em construção no alto do Morro de Santa Marta, em Botafogo, na altura da rua São Clemente. O Morro de Santa Marta possui a mesma altura do Pão de Açúcar e uma vista espetacular, o que garante desde já o sucesso turístico do novo restaurante.

E FINALMENTE os meus parabéns ao ministro Mário Pinotti pela sua palavra autorizada de bom senso e objetividade neste corre-corre de paralisia infantil. Infelizmente a sede publicitária continua obcecando muita gente, que não hesita em apavorar toda uma cidade para não perder uma cadeira cativa nos cabeçalhos dos jornais.



AS VERDADES DE MARIAZINHA MARANGUAPE



CONGRESSO INTERAMERICANO DE MUNICÍPIOS — Vinte e duas bandeiras.

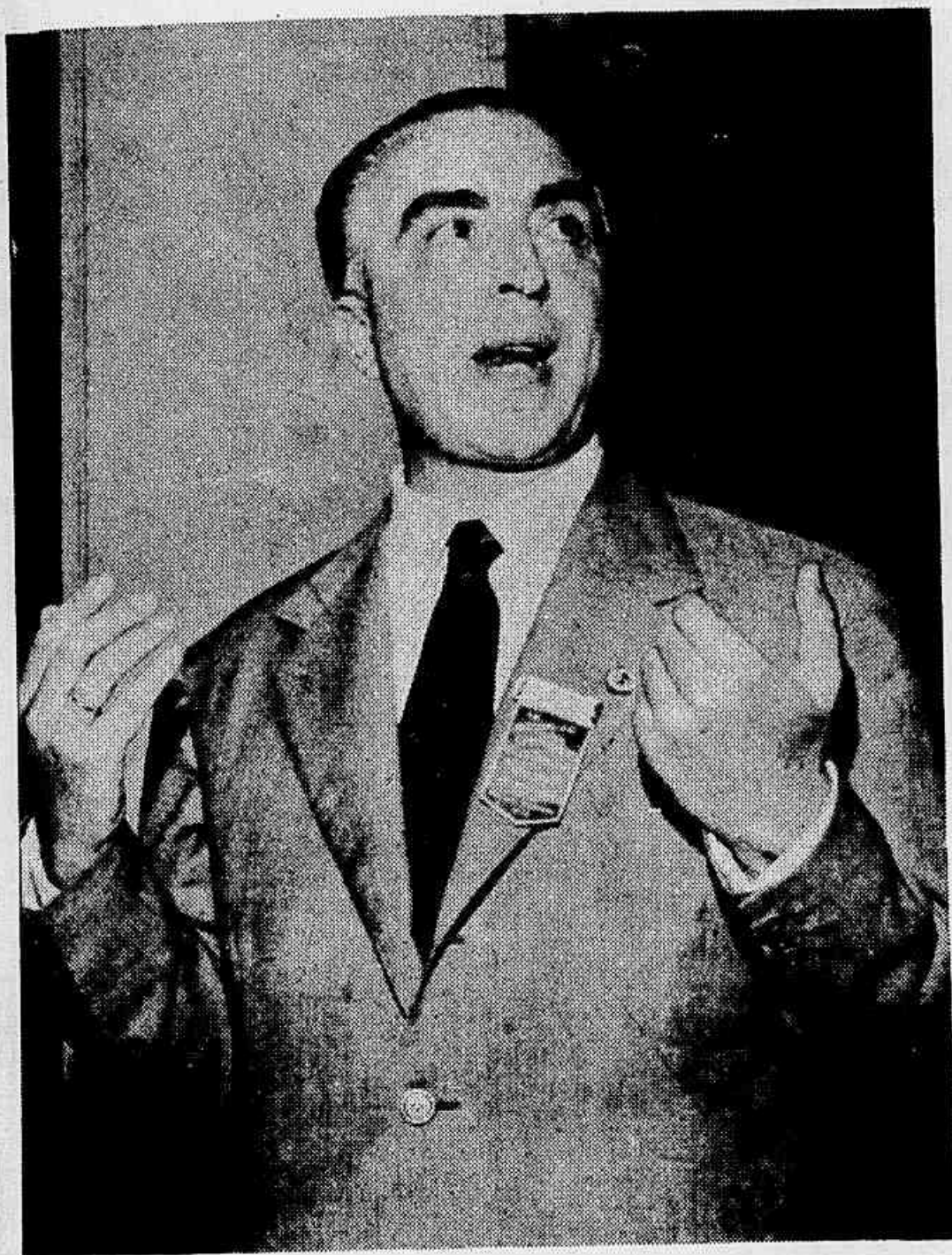
Duas rosas ao peito

expressaram

confraternização Pan-Americana



Fotos de GEORGE GAFNER



MANUEL SOLA — Espanha também falou.



PHILLIPE MALONE — Public Service Administration.

COM DUAS ROSAS vermelhas e um raminho verde prêso à gola, senhoras e moças brasileiras, convocadas como funcionárias, receberam, semana passada, no Copacabana Palace, os 249 participantes do Congresso Interamericano de Municípios. As rosas e o ramo eram para expressar a confraternização pan-americana. O Congresso se reuniu, pela primeira vez no Brasil, para possibilitar mais fácil trabalho de conjunto e aperfeiçoamento das administrações municipais e para promover um maior bem-estar entre os povos — conforme disse Carlos Morán, de Cuba, secretário-geral da Organização Interamericana de Cooperação Intermunicipal, promotora do certame.

Nenhum dos 22 países do continente deixou de mandar representantes. Com 65 membros, e mais 18 caixas de vinho para distribuir como propaganda, a delegação chilena foi a mais numerosa. As menores delegações foram de Haiti e Paraguai, com um só representante.

Entre as 122 teses apresentadas, predominaram os temas: 1. finanças municipais; 2. o município como unidade efetiva de administração descentralizada; 3. serviços públicos municipais. Mas houve ainda três assuntos que marcaram a reunião: um trabalho de técnicos dos Estados Unidos para apontar diretrizes e planejamentos para a América Latina e um plano para ordenar a administração da "Grande Buenos Aires" (metrópole e municípios vizinhos), apresentado pela delegação argentina, que tomou conta do saguão do Copacabana Palace, montando ali vários gráficos relativos ao empreendimento.

Durante o Congresso, que durou sete dias, de 9 a 16 deste mês, o Instituto Brasileiro do Café, que colocou um balcão no recinto, serviu mais de 10 mil cafézinhos a congressistas, jornalistas, funcionários e curiosos.

Guardas municipais fizeram o policiamento simbólico (em uniforme de gala) durante todo o tempo.

BRASILIA DISCUTIDA NOS INTERVALOS

Mulheres em número expressivo, também participaram do certame: prefeitas, altas funcionárias administrativas, vereadoras. De Porto Rico vieram as prefeitas Felisa Rincon, de San Juan (capital) e Balca Colberg, de Cabo Rojo, assim como Célia Bunker, socióloga. Do Panamá, a vereadora Carmem de Arosema. Do Chile, Cecilia Tápia Gonzalez, secretária Nacional da Municipalidade. E dos Estados Unidos, Lucille Blum, como representante de New Orleans e Martha Evas, vereadora da cidade de Charllotte.

Entre os delegados estrangeiros, grande era a curiosidade em torno de Brasília. Pediam informações a todo momento. A reunião foi também um pretexto para que o presidente Kubitschek fizesse mais uma vez a propaganda da Operação Pan-Americana, dizendo aos delegados que ela "é a última oportunidade que a História nos oferece de construirmos neste Continente o baluarte inexpugnável do mundo livre". O tema OPA veio a calhar para alguns municipalistas, que já haviam lançado no país, muito antes, a chamada Operação Município: disseram então que uma era resultante da outra. A coisa pegou fogo quando o sr. Aziz Badra, de São Paulo, criticou a Operação Município. Bem entendido: foi uma brigui-nha interna, em que os delegados hispano-americanos não intervieram, a não ser com palmas, após os discursos. Os americanos, de fone sempre aos ouvidos, não aplaudiam nunca. A não ser que o discurso fôsse de saudação ou para homenagear alguém.

Houve queixas de que grandes nomes não apareceram no Congresso. Entre os municipalistas apontados como mais notáveis, no plano técnico e prático, estavam alguns membros da delegação norte-americana, como Patrick Healy Jr., David Karrik, Herbert Emerich, homens especializados em administração.

PLENÁRIO REFRIGERADO: REFÚGIO DE VERÃO

Claro que os municipalistas das Américas aproveitaram para fazer também um pouco de turismo. Quase todos se hospedaram em hotéis de Copacabana, próximo ao local do Congresso, o calor era forte e a praia, ali pertinho, tentadora. Resultado: pele queimada no plenário era coisa comum. O plenário, ele próprio, era refúgio convidativo: tinha ar refrigerado. Também não faltaram congressistas com suas máquinas a tiracolo, como o sr. Alberto Fuentes Castellos, da Guatemala, que não se separava de sua Rolley, até mesmo durante as discussões mais acesas.

Congresso Interamericano de Municípios consumiu mais de

A Argentina foi o país que mais teses apresentou. A Associação Brasileira de Municípios compareceu com uma sôbre "engajamento e participação do movimento municipalista interamericano na luta contra o subdesenvolvimento e o pauperismo — a operação Pan-Americana: — uma ofensiva continental de largas proporções". Enquanto isso, o Public Administration Service, instituição sediada em Chicago, mandou ao certame um observador, o sr. Phillippe Malone que, de cachimbo ao queixo, distribuía folhetos informando que o PAS "é uma instituição sem fins lucrativos, organizada especialmente para proporcionar assistência consultiva a governos, exclusivamente". Os latinos, aliás, mestres em matéria doutrinária, procuravam sempre contato com os norte-americanos para saber das últimas publicações sôbre normas administrativas, em que os ianques são especializados, com seu senso prático das coisas.

O sr. Herbert Hemmerich, consultor de Administração Pública das Nações Unidas foi também muito solicitado, e entre as coisas que disse, evidenciou que nos Estados Unidos existem mais de 100 Escolas de Administração Pública, com 20 mais importantes e que lá está muito em voga o *city-manager*, técnico em assuntos municipais, para cidades de tamanho médio, absorvendo até certas funções do prefeito e retirando-lhes algumas atribuições de caráter político, motivo por que o *city-manager* não pode ter muita atuação nas grandes cidades.

Embora o Congresso fôsse só Americano, delegações de Espanha e Portugal compareceram. Os chefes de delegação, Manoel Sola Bolivar (Esp.) e Advano Roquette (Port.) justificaram essa presença por serem naturalmente representantes das *nações-mater* em que o município já existia ao tempo das descobertas e colonização, e foi transmitido a essas bandas. Mas não havia, em contrapartida, nenhum representante inglês, muito embora as instituições municipais e administrativas dos Estados Unidos descendam em linha reta da Grã-Bretanha. O sr. Sola, que é prefeito de Granada, disse: "O movimento municipalista da Espanha é fortíssimo. Ele se fundamenta historicamente nas cartas ou foros municipais de Castela".

VISITAS, EXCURSÕES, COQUETÊIS

A Prefeitura do Distrito Federal, que concedeu um crédito de 10 milhões para a realização do Congresso Interamericano de Municípios, esteve representada por uma delegação de altos funcionários seus e mais os secretários de Finanças, de Educação e Cultura e de Viação e Obras.

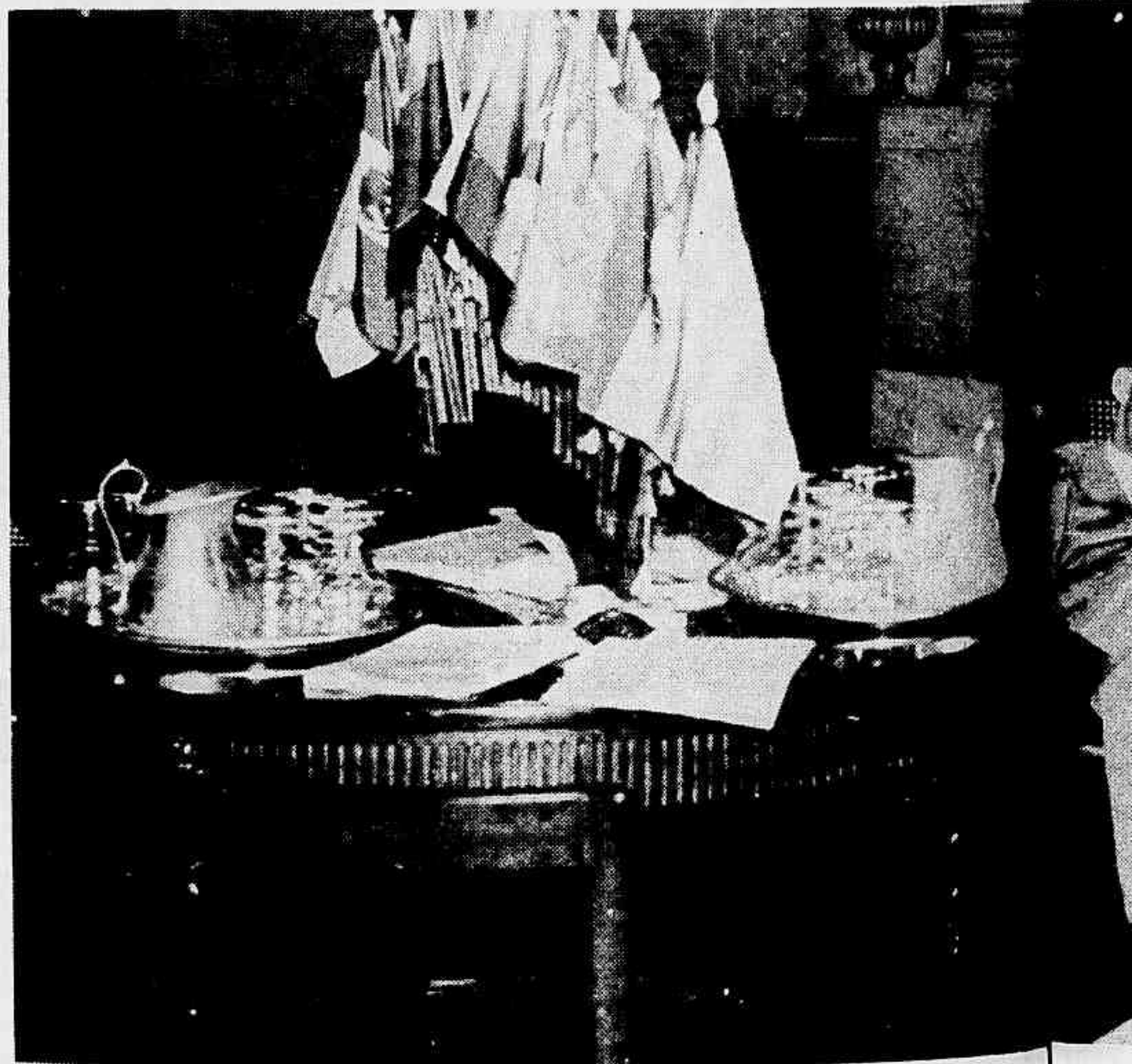
O programa social dos congressistas foi intenso: coquetês, recepções no Catete, no Itamarati, no Palácio Guanabara, visita à Câmara dos Vereadores, jantar de gala no Iate Clube, excursão e visita ao Museu Imperial de Petrópolis, baile oferecido pelo presidente da Reunião, Alberto Alemná, prefeito da cidade do Panamá, festa com danças folclóricas no Hotel Glória, oferecida pela Prefeitura.

Mal terminou o Congresso, a delegação argentina rumou para Brasília. Membros de outras delegações aderiram à comitiva. Brasília é, realmente uma grande promoção.

D. Felisa Rincón, prefeita de San Juan de Porto Rico, muito festejada, foi considerada a figura mais popular e talvez a mais simpática do conclave. Conhecia a todos, a todos cumprimentava e não raro beijava nas faces, não só funcionárias como congressistas, que já conhecia de outras reuniões municipalistas de âmbito regional e continental. Quando ia ser fotografada pela RS, sentada à Mesa que dirigia os trabalhos, o repórter chamou-lhe a atenção para o fato de que diante dela estava também a plaqueta dos Estados Unidos além da de Porto Rico. "Não faz mal, disse ela — represento a ambos". Um senhor, falando português com sotaque espanhol, que não quis se identificar, mas que apuramos ser natural da Península Ibérica e estar no país há alguns anos e chamar-se Pascoal, pediu uma cópia da foto: "Quero mandar para o Partido Nacionalista de Porto Rico. Os nacionalistas porto-riquenhos têm razão quando dizem que o país não passa de um satélite". O sr. Pascoal, no entanto, não é nenhum terrorista. Declarou que estava no Congresso apenas "como observador". De fato, não tinha nenhuma credencial.



NA MESA DIRETORA: Cuba, Venezuela e México.



CANSAÇO VENCE CONGRESSISTA — Sesta à sombra das

...e dez mil cafèzinhos.



DELEGAÇÃO IANQUE — Ouviu muito, falou pouco.



HERBERT EMERICH — Autoridade em administração pública. Falou sobre o "city manager".



FELISA RINCÓN — USA e Pôrto Rico se confundem?



A SEMANA TAMBÉM DEIXOU ESTAS LEMBRANÇAS

BATALHA DO PETRÓLEO NA ARGENTINA: FRONDIZI EM SINUCA

DESDE QUE o presidente Frondizi tomou a decisão de abrir a "Yacimientos Petrolíferos Fiscales" às companhias estrangeiras (russas, americanas e francesas), a convulsão se apoderou do país. No mês de setembro, pretextando a desestabilização de algumas Faculdades, os estudantes promoveram manifestações contra o Governo, em Buenos Aires como em províncias vizinhas. O General Aramburu, que estivera à frente da administração federal desde a deposição de Perón até a posse de Frondizi, criticou, pelos jornais, enérgicamente as atitudes do presidente eleito, afirmando que em pouco tempo o atual governo ficaria insustentável caso não corrigisse os graves erros que vinha cometendo. Com a aproximação da data de assinatura do acordo YPF — companhias estrangeiras, em que a Argentina concederia vastas porções de seu território à exploração de petróleo, a crise atingiu ao auge. Os sindicatos se reuniram diante da declaração dos trabalhadores da indústria petrolífera em fazer greve geral em todo o país, durante 48 horas. Posições foram sendo defendidas. Os trabalhadores da indústria de gás mostram-se dispostos a aderir à greve. Frondizi, ausente

por alguns destes dias agitados da Casa Rosada, em virtude de uma gripe que o acamara, decidiu pela decretação do estado de sítio no país, em razão da ameaça que sofria a economia argentina. Através do estado de sítio pretendia, caso se consumasse realmente a greve, convocar todos os trabalhadores pelo Exército e assim fazer com que não fôsse interrompida a produção nacional de petróleo e gás. Novas agitações se sucederam. O vice-presidente da República, Alejandro Gomez, foi acusado de preparar um complot que visava depor o Presidente Frondizi. Gomez estaria apoiado por alguns setores das Forças Armadas, interessados na manutenção da política estatal do petróleo. Fracassado o golpe, enquanto Gomez negava qualquer participação, atentado ou trama contra Frondizi, este exigia terminantemente sua renúncia. Nas ruas, bombas explodiam, uma delas atingindo a sede do Partido Radical Intransigente, que elegeu Frondizi. Os operários da YPF resolveram adiar a greve por 96 horas e prolongá-la por dez dias enquanto o Presidente não renunciar à transação do petróleo argentino. Frondizi, por seu lado, retardava a assinatura dos contratos enquanto a situação não se acalma.

SALAZAR FECHA AS PORTAS A BEVAN

DEPOIS DE PROVOCAR debates em Lisboa, repercute intensamente na Inglaterra a decisão do Governo português em proibir a entrada no país do líder socialista inglês Aneurin Bevan. Bevan havia sido convidado por uma Comissão de intelectuais oposicionistas para inaugurar, em Lisboa, um ciclo de conferências sobre grandes problemas do mundo atual. A comissão é presidida pelo General Humberto Delgado, candidato à Presidência da República pelas forças anti-salazaristas nas últimas eleições. O próprio Delgado havia feito o convite à Bevan, a quem chamou de "exponente do socialismo britânico", concedendo-lhe, entre outras personalidades internacionais, a primazia de discursar em Lisboa. O Serviço Nacional de Informações, após a formulação do convite, quando a viagem de Bevan já estava praticamente assentada, resolveu não consentir na visita, nos termos em que esta se apresentava. Justificando a sua atitude, o SNI informou que esta decisão prende-se ao perigo que representam as tentativas de agitação e exploração política que os membros da Comissão de Conferências vêm promovendo pelo país desde que sua bandeira foi derrotada no pleito nacional deste ano.

Em Londres, a proibição foi mal recebida, como bem atestam os comentários irritados da imprensa. O "Times" afirma, com ironia, que não é improvável que, no futuro, caiba a Mr. Bevan a pasta do Ministério das Relações Exteriores. E que neste caso, Portugal seria obrigado a trocar salamaleques com a Inglaterra através do mesmo indivíduo a quem acabaram de fechar as portas do país.



DUAS EXPOSIÇÕES

NAS ARTES PLÁSTICAS duas presenças na semana que passou: a de Loio Pérsio expando na Biblioteca Nacional. Formas vegetais, abstratas e tapeçarias. Nascido em Minas, Pérsio passou sua mocidade entre Curitiba e Rio, sempre fazendo pintura. Hoje mora em São Paulo e é tido como um dos novos do primeiro time. A Exposição foi apresentada por Sérgio Milliet.

Na Moisson de France a segunda presença: Carlos Cunha. Na mesma mostra são apresentados quadros de sua esposa, Sra. Henriette Thiébaut. Carlos Cunha fez estudos em Paris e também é jornalista. Há quatro anos voltou para o Brasil. Algumas telas expostas apresentam os últimos vestígios de sua formação figurativa. O pintor hoje é inteiramente abstrato.



A semana também deixou estas lembranças

TYRONE MORREU COMO UM REI

NO SABADO ACONTECEU e chegou a notícia — morria, em Madrid, Tyrone Power. O ataque fatal de “angina pectoris” que o vitimou ocorreu numa cena de “Salomão e a Rainha de Sabá”, filme que estrelava ao lado de Gina Lollobrigida. No momento em que os refletores iluminavam o “set” de filmagem em que lutava com George Sanders, em cena de grande violência, Tyrone caiu ao solo. Mal podendo respirar foi conduzido ao seu camarim, onde pediu um conhaque, dizendo-se com frio e sem forças. Transportaram-no para um hospital: a Clínica Ruber. E lá veio a falecer. Seu corpo ficou exposto à visitação pública com pompa

que faz jus à sua condição de um dos últimos “divos” da tela, discípulo, nos anos 30 e 40, da Escola Rodolfo Valentino. O público o viu ainda com as vestes que por último usou: a túnica, os colares, os braceletes reais de Salomão. Tyrone, que esteve por duas vezes no Rio de Janeiro, teve três casamentos: o primeiro com Anabela (e o início do romance aconteceu no Rio), o segundo com Linda Christian (a “Go home”) e o terceiro com Deborah Montgomery, que assistiu-o em seu último suspiro. Começou no cinema em 1931. Desaparece com 44 anos.

Quanto vale a tradição?

TRADIÇÃO é experiência em forma de bons serviços.

É a dedicação e o empenho de uma equipe no cumprimento do dever. É, acima de tudo, o respeito honesto ao trabalho. Tudo isso, se acumulando por anos e anos, escreve um dia a palavra TRADIÇÃO.

No transporte aéreo, TRADIÇÃO quer dizer CRUZEIRO DO SUL — a mais extensa rede aérea doméstica do mundo.

SERVIÇOS AÉREOS
CRUZEIRO DO SUL

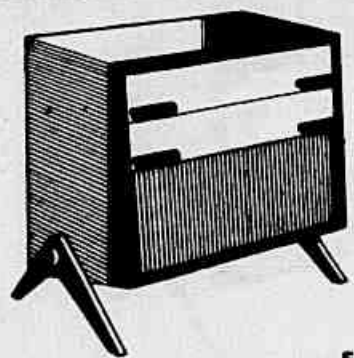
32 anos de experiência nos céus brasileiros.

cinco RAZÕES convincentes...



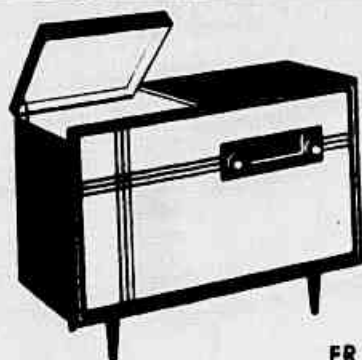
São cinco, entre inúmeras outras, as razões da superioridade PHILIPS. Comprove-as, uma por uma, ouvindo e vendo os novos modelos

PHILIPS NOVOSONIC 59!



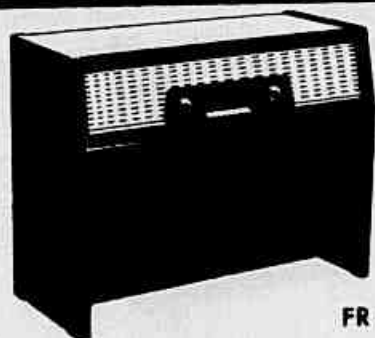
FR 574-A

Estilo funcional, ideal para ambientes modernos. Automático de 3 velocidades. Fonocaptor "pêso-pluma" c/ 2 agulhas de safira. 3 faixas. 5 válvulas c/ função de 7.



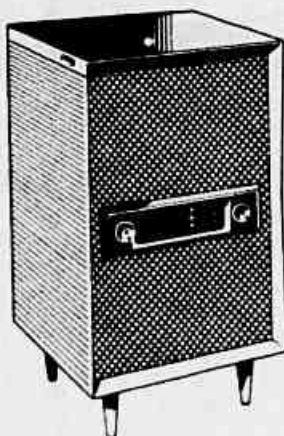
FR 577-A

Sistema Bi-Ampli, classe popular. Bonito móvel ricamente ornamentado, de imbuia ou pau marfim. Filtro separador de agudos e graves. Automático de 3 velocidades c/ fonocaptor "pêso-pluma". Rádio de 3 faixas.



FR 676-A

Sistema Bi-Ampli, Série diamante. Automático de 3 velocidades. 2 fonocaptos "pêso-pluma" c/ agulha de diamante. Filtro separador de graves e agudos. Hi-Lo-Tone Contrô. Rádio c/ 4 faixas. Chave de ondas em forma de teclado. Bonito móvel em Imbuia ou marfim, de alto valor artístico.



FR 578-A

Radiofone de classe popular, em móvel de linhas modernas, de imbuia ou marfim, ideal para apartamento. Automático de 8 velocidades. Fonocaptor "pêso-pluma", equipado com duas agulhas de safira. Rádio de 3 faixas.

- 1a.) Os radiofones Philips são construídos por especialistas, com perfeição absoluta, para assegurar **excepcional qualidade de reprodução sonora**, a melhor em cada classe de preços.
- 2a.) A experiência dos cientistas da Philips em todo o mundo é combinada, para aplicar as mais **avancadas técnicas** aos radiofones.
- 3a.) A **durabilidade** dos aparelhos Philips é garantida em famosos laboratórios, onde os produtos são submetidos a permanentes "testes de longa vida".
- 4a.) Philips oferece uma "**rádio-arquitetura**" moderna, e estilos renovados em diferentes combinações de cores.
- 5a.) A incomparável organização de **Serviço Philips**, de experiência mundial, assegura o prazer que o seu radiofone lhe dará permanentemente, onde quer que V.S.^a esteja.

VERIFIQUE EM SEU REVENDEDOR PHILIPS, ESTAS CINCO RAZÕES CONVINCENTES. ESCUTARÁ, VERÁ E FICARÁ CONVENCIDO QUE PHILIPS É A MELHOR COMPRA.

novosonic 59